UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA ITALIANA

AS TRADUÇÕES BRASILEIRAS DE *I FIORETTI DI SAN*
***FRANCESCO*: A LEITURA DA OBRA NO BRASIL**

Débora de Souza Balancin

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Literatura Italiana do Departamento de
Letras Modernas da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo, para a
obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Garcez Ghirardi

São Paulo

2008

A meu pai

“Na vida aquece ser pequeno...”

(Fernando Pessoa)

Agradecimentos

Gostaria de dizer obrigada a algumas pessoas que estiveram comigo durante estes 3 anos e meio de trabalho:

A meu orientador, Pedro, por tudo. Sem palavras. Admiração.

A minha mãe, pela acolhida em sua casa nos últimos meses.

A meus irmãos Daniela e Lucas, pela paciência nos momentos de estresse, pelo carinho e apoio de sempre.

A Lucila, amiga-irmã, pelo ombro nos momentos difíceis e pelo vinho nos alegres.

A Monika, pela rosa verde.

A Ana Cristina, compreensão sem limites.

A minha avó, pelas “aulas” de italiano.

Aos professores John Milton e Noé Silva, pelas observações atentas e ajuda imprescindível em minha banca de qualificação.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.

Resumo:

A presente dissertação constitui-se da análise das traduções brasileiras do século XX da obra italiana *I Fioretti di San Francesco*. Através da análise das escolhas lexicais dos tradutores, e tomando a tradução como um ato lingüístico metonímico, procura-se apresentar as diferentes leituras de *I Fioretti* disponíveis ao público brasileiro: uma mais rebuscada e clericalizada, porém mais atenta ao original como obra de valor literário; outra mais simples e mais acessível, apesar de menos atenta ao caráter literário do original.

Abstract:

The present dissertation is an analysis of the 20th century Brazilian translations of I Fioretti di San Francesco. Through the analysis of the translators' lexical choices, and taking translation as a metonymic linguistic act, it intends to present the different readings of I Fioretti available to the Brazilian readers: one more far-fetched and clericalized, but more attentive to the original as a book with literary value; another more simple and accessible though less sensitive to the literary aspect of the original.

Riassunto :

Il presente lavoro comprende l'analisi delle traduzioni brasiliane del ventesimo secolo dell'opera italiana I Fioretti di San Francesco. Tramite l'analisi delle scelte lessicali fatte dai traduttori, e prendendo la traduzione come un atto linguistico metonimico, si presenteranno le differenti letture de I Fioretti messe a disposizione del pubblico brasiliano: una più ricercata e clericalizzata, però più attenta all'originale come opera di valore letterario; un'altra più semplice e accessibile anche se non così attenta al carattere letterario dell'originale.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.

Sumário

APRESENTAÇÃO.....	01
INTRODUÇÃO.....	03
1. DE FRANCISCO DE ASSIS AOS <i>FIORETTI</i>	09
1.1 São Francisco.....	09
1.2 A Questão Franciscana.....	11
1.3 <i>I Fioretti di San Francesco</i>	13
2. SUBSÍDIOS DE <i>I FIORETTI</i> NO BRASIL.....	18
2.1 As traduções de <i>I Fioretti</i> do século XX.....	18
2.1.1 A tradução de Adelino Capistrano.....	18
2.1.2 A tradução de Durval de Moraes.....	20
2.2 Convites à leitura: as introduções.....	22
3. COMENTÁRIOS ÀS TRADUÇÕES BRASILEIRAS DE <i>I FIORETTI DI SAN FRANCESCO</i>	27
3.1 Rubrica, saudação final, paragrafação.....	27
3.2 A parte pelo todo: as escolhas lexicais dos tradutores.....	32
3.3 “Fidelidade” <i>ma non troppo</i>	81
3.4 Dar com esta mão e tirar com a outra... ..	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	111
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	114

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.

Apresentação

*“...perché non si può trattenere tutto
ed è bene che il fiume perda parte della propria acqua
se vuole mantenersi integro nel suo corso,
se vuole avere un corso riconoscibile.”¹*

A presente dissertação nasce de um súbito “*innamoramento*” pela Literatura Italiana da Idade Média e de um amor antigo pela tradução. Aqui, a união de ambos em uma análise de *I Fioretti di San Francesco*.

O projeto iniciou-se com a recolha das traduções brasileiras da obra. Delimitei a análise às traduções impressas e publicadas no Brasil e no século XX. Importante ressaltar que analiso as traduções brasileiras e não de língua portuguesa; sendo assim, não considero no presente trabalho as edições de Portugal.

A publicação em português de *I Fioretti di San Francesco* no Brasil não chegou a se difundir muito, restringindo-se a edições atualmente já esgotadas - encontradas apenas em sebos e bibliotecas - das décadas de 1930 a 1970. Aqui lido com as traduções de Durval de Moraes (publicada pela editora Vozes) e de Adelino Capistrano (publicada pelas editoras Atena e Ediouro), das quais voltarei a falar.

A partir dos trabalhos tradutórios acima citados, realizo um cotejo com a obra original para que se possa esboçar, de algum modo, o que foi passado ao leitor brasileiro. Dentre os vários aspectos que poderiam ser investigados, optei por expor diferenças de aspectos lexicais entre as traduções e a obra original – exame de opções lexicais dos tradutores -, a existência ou não de omissões, acréscimos e erros denotativos. Tais elementos – nesta pesquisa – são postos sob olhar da tradução como metonímia.

Coloco em evidência que adotei aqui uma análise da acepção contemporânea dos vocábulos e não tanto de seus significados no século XIV; isto é, presumo uma leitura do original como se poderia fazer hoje, por leitor não especialista da obra. O eventual prosseguimento da pesquisa buscará priorizar os aspectos que ficam por desenvolver.

¹ ECO, Umberto. *Il Nome della Rosa*. Bompiani: Milano, 1980, p. 186.

Antes, porém, de iniciar o cotejo, apresento algumas reflexões sobre a Tradução e a Linguagem, além de considerações sobre a obra original, cujas traduções são aqui examinadas.

Mesmo sem pretender o esgotamento da análise, espero trazer uma contribuição para os estudos de Tradução e de Literatura Italiana.

Introdução

*«Olá, guardador de rebanhos,
Aí à beira da estrada,
Que te diz o vento que passa?»*

*«Que é vento, e que passa,
E que já passou antes,
E que passará depois.
E a ti o que te diz?»*

*«Muita coisa mais do que isso,
Fala-me de muitas outras coisas.
De memórias e de saudades
E de coisas que nunca foram.»*

*«Nunca ouviste passar o vento.
O vento só fala do vento.
O que lhe ouviste foi mentira,
E a mentira está em ti.»²*

Aqui exponho a teoria de tradução com a qual mais identifico o meu trabalho e sobre a qual basearei as minhas considerações.

Para compreender o início de minhas reflexões, junto com Steiner (1992), voltemos a alguns dos principais aspectos da Teoria da Linguagem.

² CAEIRO, Alberto. **Ficções do Interlúdio**. Poema X. IN: PESSOA, Fernando. **Obra Poética**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998, p. 213.

“A roupa larga”

A língua pode ser vista como uma roupa larga que vestimos na “realidade”. Conseguimos vestir esta tal “realidade”, mas as roupas são largas e sobram. Não há uma caída perfeita. Não há uma caída única. Cada pessoa veste a “realidade” à sua maneira.

Isto é, duas pessoas falam a mesma língua – por exemplo, o português brasileiro da cidade de São Paulo. Porém, quando uma delas diz ou escreve uma palavra qualquer – por exemplo “janela” –, cada uma delas pensará em algo comum, mas este mesmo pensamento ganhará conotações, cores, tamanhos, formas diferentes. A primeira, talvez, pensará em uma janela azul clarinha e de metal, já que esta é a janela do seu quarto; a outra, talvez, pense em uma janela de madeira grande, por ser esta a janela da casa em que passou a infância.

Apesar de termos um objeto, uma realidade comum, quando entramos em contato com a “roupa” que vestimos nesta “realidade” – ou seja, a língua –, percebemos que há, sim, uma distância entre a palavra e o objeto que cada um tem em mente. Afinal, a palavra “janela” é azul e de metal ou é grande e de madeira? É, ao mesmo tempo, as duas e nenhuma.

“No two speakers mean exactly the same thing when they use the same terms; or if they do, there is no conceivable way of demonstrating perfect homology. No complete, verifiable act of communication is, therefore, possible. All discourse is fundamentally monadic or idiolectic. » (STEINER, 1992, p. 263).

Assim, se duas pessoas que falam, teoricamente, a mesma língua, se deparam com este problema de comunicação, devemos ter em mente que o problema ganha graus outros. Duas pessoas que moram na cidade de São Paulo e que utilizam a língua portuguesa falada no Brasil a utilizam de maneira diferente; o uso que se faz na cidade de São Paulo desta mesma língua é diferente do uso que se faz em São José do Rio Preto – interior do estado de São Paulo; esta mesma língua usada por paulistas será diferente do uso dos brasileiros que moram no Estado da Bahia ou do Rio Grande do Sul; o português brasileiro é diferente do português de Portugal; e, lógico, ganha graus extremos quando comparamos duas línguas diversas.

“All communication ‘interprets’ between privacies.” (STEINER, 1992, p. 207).

A mentira

O ser humano cria mentiras. E as mentiras são criadas para sobreviver.

A língua nos permite falar de coisas desconhecidas e fazer planos para o futuro. Permite que finjamos ser quem não somos, que criemos outros mundos. Ao permitir que falemos de coisas nunca antes experimentadas, nunca antes vistas, a língua nos proporciona a possibilidade de. Assim, o ser humano não se restringe somente àquilo que viveu e que vive hoje, mas pode sair do presente, de sua condição falível e limitada. A língua permite ilimitação.

« Man's sensibility endures and transcends the brevity, the haphazard ravages, the physiological programming of individual life because the semantically coded responses of the mind are constantly broader, freer, more inventive than the demands and stimulus of the material fact. » (STEINER, 1992, p. 238).

Quando falamos de coisas nunca antes vividas, estamos “mentindo”. Quando falamos do futuro – já que este não é de nosso domínio –, estamos “mentindo”. Quando usamos o condicional, quando as crianças brincam de “faz de conta”, quando contamos e criamos histórias, estamos “mentindo”. A mentira aqui não ganha o sentido pejorativo que a maioria das vezes lhe é dado. A mentira aqui diz respeito à elasticidade, ou melhor, ao espaço deixado pela língua humana, que é a “roupa larga” da “realidade”.

O ser humano não sobrevive se for capaz de falar, imaginar e contar apenas aquilo que acontece no presente e no passado. Imagine-se uma língua que possibilitasse o pensamento apenas de hoje – não há amanhã. Não há amanhã simplesmente porque não existe o conceito, idéia e expressão de futuro em sua língua. Não posso imaginar mundos outros simplesmente porque minha língua não possibilita isso. Sobreviveríamos apenas com a idéia do presente? Sem poder imaginar que um dia vai passar a dor que sentimos hoje? Que a sociedade pode melhorar?

“Language is the main instrument of man's refusal to accept the world as it is. »
(STEINER, 1992, p. 228).

« Counter-factuals and conditionals, argues Bloch, make up a grammar of constant renewal. They force us to proceed afresh in the morning, to leave failed history behind. Otherwise our posture would be static and we would choke on disappointed dreams. » (STEINER, 1992, p. 227).

« Each different tongue offers its own denial determinism. ‘The world’, it says, ‘can be other’. Ambiguity, polysemy, opaqueness, the violation of grammatical and logical sequences, reciprocal incomprehensions, the capacity to lie – these are not pathologies of language but the roots of its genius. Without them the individual and the species would have withered. » (STEINER, 1992, p. 246).

Assim, a língua não pode ser e não é a “cobertura” perfeita da “realidade” – a língua a recria de acordo com quem a utiliza.

“Or to put it simply: there is a direct, crucial correlation between the ‘un-truthful’ and fictive genius of human speech on the one hand and the great multiplicity of languages on the other.” (STEINER, 1992, p. 243).

A comunicação

Sendo assim, nunca entenderemos realmente o que diz o outro; a comunicação é baseada em ambigüidades, experiências de “realidade” diferentes, mentiras, obscuridades. A comunicação, então, é impossível, porém, é estabelecida a todo momento.

A comunicação existe porque, apesar de pensarmos em “janelas” diferentes, pensamos em uma “janela”. A linha que toca a “realidade” existe.

“ ‘Thus not even ‘basic notions’’, central points in a human sphere of experience, stand outside the area of arbitrary segmentation and arrangement and subsequent conventionalization; and the extent to which semantic boundaries as determined by linguistic form and linguistic usage coincide with absolute boundaries in the world around us is negligible.” (STEINER, 1992, pp. 252-253).

Porém, quando lidamos com línguas diferentes, este “toque”, este “fio” que permite a comunicação inexistente. E para que a comunicação se estabeleça, é preciso que haja este “fio” – ou um dos dois fala a língua estrangeira ou há um tradutor.

Se a comunicação entre pessoas de mesma língua não se dá de maneira plena, quando se trata de pessoas de línguas diversas, a comunicação simplesmente não é estabelecida. Tudo o que eu disser é novo. O ser humano não consegue lidar com este todo novo, procuramos sempre adaptar aos nossos conhecimentos prévios este novo. Mas quando o novo é COMPLETAMENTE novo, ficando impossível estabelecer relações com o que já experienciamos, a comunicação simplesmente não se dá.

A tradução

Todo ato lingüístico é uma tradução. Quando falamos, traduzimos pensamentos em língua. Procuramos transformar toda aquela carga de ambigüidades, vivências em algo passível de compreensão.

“In translation the dialectic of unison and of plurality is dramatically at work. In one sense, each act of translation is an endeavour to abolish multiplicity and to bring different world-pictures back into perfect congruence. In another sense, it is an attempt to reinvent the shape of meaning, to find and justify an alternate statement. » (STEINER, 1992, p. 246).

Quando falo, traduzo; quando ouço, interpreto. Quando escrevo, traduzo; quando leio, interpreto. Na tradução, transformamos a “roupa larga” em “medida justa”; na interpretação, transformamos a “medida justa” em “roupa larga”.

Eu penso no objeto janela azul e de metal e digo – janela. Parte do meu pensamento se perde, ou melhor, apenas parte do meu pensamento é comunicado. Ou seja, todo ato lingüístico é metonímico.

A tradução interlingüística é um ato lingüístico e, portanto, pode ser considerada metonímica³. Se tomo a palavra “janela” como conceito de tudo aquilo que está por trás quando a pronuncio ou escrevo, estou tomando esta “parte” pelo todo.

A tradução interlingüística literária trabalha com os mesmos conceitos até aqui demonstrados, mas todos em seu grau extremo. Se a comunicação entre dois indivíduos que falam a mesma língua não é plena, na tradução interlingüística, lidamos com línguas diferentes, que comportam vivências coletivas diferentes, espaços físicos diferentes.

Um texto literário lida com a língua em seu grau máximo de conotação, de “mentira”. Se a “roupa” que veste a “realidade” é larga, em literatura a “roupa” é extremamente larga.

Quando, então, leio um texto – e todo tradutor é um leitor do texto que traduz – leio-o de acordo com a minha vivência pessoal e com a minha vivência e experiência das línguas da qual e para a qual traduzo. A tradução é a uma leitura possível da obra.

3 Metonímia: Segundo Maria Tymoczko – “figure of speech in which an attribute or an aspect of an entity substitutes for the entity or in which a part substitutes for the whole” (TYMOCZKO, 1999, p. 42).

Deste modo, lido aqui com duas possíveis leituras da obra *I Fioretti di San Francesco*.
E pretendo analisar quais foram as leituras passadas, então, para o leitor brasileiro – quais partes deste todo o Brasil leu.

1. De Francisco de Assis aos *Fioretti*

*“Ma perch’io non proceda troppo chiuso,
 Francesco e Povertà per questi amanti
 Prendi oramai nel mio parlar diffuso.”⁴*

1.1 São Francisco

Nascido em Assis em 1181-1182, filho de um comerciante de sucesso – Pietro Bernardone –, Francisco levou uma vida coerente com sua condição social até, mais ou menos, seus vinte anos.

Não optou por seguir a carreira de seu pai, mas sim pelas armas – que lhe davam prestígio junto ao meio que freqüentava.

Em 1202, partiu para a guerra contra Perúsia e foi feito prisioneiro por um ano. De volta, em 1203, ficou doente por mais um ano. Ajudou seu pai por algum tempo e, mais tarde – 1205 –, saiu para uma nova empreitada bélica na região da Apúlia – serviu aos exércitos papais contra as tropas imperiais. No caminho, em Espoleto, “encontra um pobre cavaleiro em andrajos e lhe dá sua capa” (LE GOFF, 2001, p. 64). Tommaso da Celano – seu primeiro e principal biógrafo – também cita o episódio da peregrinação a Roma, durante a qual experimenta a vida nômade e a mendicância. Ao voltar a Assis, afastou-se lentamente de sua vida habitual. Passou a meditar em uma gruta afastada.

Diante de tal mudança, seu pai, que havia investido em sua vida social para uma futura ascensão da família, tem-no por enlouquecido. Francisco, apesar de cristão, não possuía nenhuma específica cultura eclesial ou das Escrituras e passa a pregar o Evangelho e a *Santa Povertà*.

Foi trancafiado por seu pai. Quando solto, despe-se e renuncia a todos os bens diante do bispo, do povo de Assis e de seu pai.

“Va e ripara la mia Chiesa che sta rovinando” – teriam sido estas as palavras, ditas por Deus a Francisco, que o fizeram reconstruir a igreja de São Damião e a chamada

⁴ ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia*. Paraíso, Canto XI. São Paulo: Editora 34, p. 81.

Porciúncula na região de Santa Maria dos Anjos com as próprias mãos e a ajuda dos que por ali passavam.

Logo uma pequena família se formou em torno de Francisco. Atraídos por sua serena pobreza, por sua segurança de sacrifício, juntaram-se os primeiros discípulos: Bernardo da Quintavalle, Pietro Cattani, Silvestro, Egídio, Elia, Leone. Era uma família simples, formada sem um plano pré-estabelecido, ligada ao Pobrezinho, no exercício da renúncia e da oração.

Aos poucos, sua renúncia e seus companheiros aumentavam. Saíam para pregar o Evangelho e, uma vez ao ano, reuniam-se nos encontros que ficaram conhecidos como Capítulos. Em 1209, em uma peregrinação a Roma, receberam a aprovação oral de Inocêncio III.

Em 1212, após uma pregação em São Rufino, Clara – Santa Clara –, pertencente a uma nobre família de Assis, resolve seguir os passos do Pobrezinho. Aqui se iniciaria uma grande amizade. Sem a intenção de formação de uma ordem feminina, Francisco recebe Clara como um de seus discípulos, deixando-a sob a guarda das monjas beneditinas.

O campo de evangelização limitava-se ainda à Itália, já que as tentativas de Francisco e de seus discípulos de ir ao Oriente, ao Marrocos, fracassaram por várias vezes. O plano de iniciar uma sistemática campanha missionária além-Itália foi promovido no Capítulo de 1217 – os irmãos foram enviados à França, Alemanha, Hungria, Espanha; o próprio Francisco dirigiu-se à França. Tal empreitada missionária não acabará em grande sucesso.

Persistia a vontade de pregar aos muçulmanos no Oriente. Por várias vezes interrompidas as viagens, em 1220, finalmente, Francisco consegue chegar a Damietta para ‘libertar’ cinco de seus discípulos que estavam sob o poder do emir. Foi recebido pelo sultão al-Malik al-Kamil, do qual obteve um salvo-conduto para visitar a Palestina. Sua viagem foi, mais uma vez, interrompida; desta vez não por motivos climáticos ou de saúde, mas por problemas dentro da ordem. Recebe a notícia de que várias normas haviam sido decididas, em sua ausência, durante um Capítulo.

Francisco, então, volta à Itália. Passa a autoridade da ordem a Pietro Cattani – 29 de setembro de 1220 – e concentra-se na redação de uma Regra para unir e direcionar seus seguidores e, mais tarde, ser aprovada pela Santa Sé. Porém, tal Regra (1221) – constituída de trechos do Evangelho – não foi muito bem recebida por todos; o espírito de sacrifício tinha para Francisco tornado normal o heroísmo de uma vida cotidianamente abandonada à Providência e à renúncia a tudo aquilo que não fosse de extrema necessidade; mas tal ideal não podia ser alcançado por muitos. Deste modo, foi obrigado a escrever novo texto; também

este não agrada muito a *frate* Elia – ministro geral da Ordem a partir de março de 1221, após a morte de Pietro Cattani.

Surge, assim, uma espécie de oposição enquanto Francisco estava recolhido. Porém, a Regra escrita pelo Pobrezinho é reconhecida por Honório III com uma Bula em 29 de novembro de 1223.

Francisco, já doente, distanciou-se da Ordem e passou a viver em total sacrifício e inicia o que será comparado à Paixão de Cristo. Em 1224, sobre o Monte Alverne, surgem os estigmas – em seus pés e mãos a marca do Crucificado. Durante tais sofrimentos, já de volta à Úmbria, sob os cuidados de Irmã Clara, Francisco compõe seus escritos em plena serenidade; dentre eles, o famoso *Cantico di Frate Sole* ou *Cantico delle Creature* (1224). Tal texto nos faz recordar sua íntima relação com a natureza: a pregação aos pássaros, aos peixes; a conversão do lobo de Gubbio, entre outros eventos que podemos admirar em *I Fioretti*; assim como o seu louvor a tudo por Deus criado – incluindo “*la sorella morte*”.

Morre na Porciúncula, em 3 de outubro de 1226.

1.2 A Questão Franciscana

Sabe-se que é difícil a compreensão do franciscanismo; não só pelo problema das fontes, mas também pelo fato de a experiência intensa de um indivíduo – Francisco –, estreitamente ligada às condições religiosas e sociais de seu tempo, ser fixada em uma regra canonizada para servir como norma de vida através dos séculos.

Justamente por estar ligado à participação dos que o seguiam, e não apenas à vida ascética e contemplativa de um indivíduo, é que o programa religioso de Francisco de Assis ganha visões diferentes.

O fato de a pregação de Francisco ter dado origem a uma ordem regular enquadrada nas diretrizes da organização eclesiástica induziu alguns a ver o movimento franciscano em estreita relação com a vida oficial da Igreja em seu tempo; outros, pelo contrário, ressaltaram o fato de esse movimento se criar e florescer fora do âmbito do clero e o figuraram como um movimento leigo. Na realidade, a disseminação primeira do movimento franciscano ocorre graças a uma corrente de espírito público, que não extrai sua origem nem de poderes civis, nem de poderes eclesiásticos, mas unicamente da atividade de seu fundador.

Movimento, portanto, na inspiração e nos objetivos, religioso. Mas como programa religioso fortemente sentido, englobou necessariamente todos os aspectos da vida. Não poderia, assim, não ter ecos de caráter social e político. Ecos muito vastos, se considerarmos que a pregação de Francisco percebia e resolvia certas profundas exigências das classes que sofriam, pela situação política e social do tempo.

Contudo, sua correspondência às necessidades sociais da época não poderia explicar sozinha a influência do ideal franciscano se não se levar em consideração outro elemento. Também outros movimentos (*catari*, *valdesi*, *umiliati*) apresentavam-se como uma tentativa de purificação da sociedade através da pregação e da vivência da pobreza evangélica. Tais movimentos, porém, eram animados por uma oposição à Igreja de Roma, tida como fonte do mal; já Francisco sempre professou à Igreja, aos Pontífices, aos clérigos, sacerdotes e teólogos respeito e submissão.

O ambiente em que viviam os primeiros seguidores do santo era muito heterogêneo: leigos e clérigos, homens cultos e incultos, ascetas e homens de ação – o que, fatalmente, levava cada um a ver e interpretar a seu modo o ideal de São Francisco. A Cúria, então, tenta frear o movimento e o coloca, pouco a pouco, sob seu controle direto, induzindo São Francisco a abandonar a direção efetiva do movimento.

Francisco impõe alguma resistência à tentativa de uniformização de seu movimento aos tipos tradicionais das ordens já existentes; só após duas tentativas não aprovadas conseguiu escrever uma Regra que atendesse às exigências da Igreja.

De outro lado, seria difícil negar a ligação, no século XIII, entre o movimento franciscano e a propaganda joaquimita (derivada de Joaquim da Fiore⁵). Há alguns pontos em comum entre o joaquimismo e o franciscanismo.

Um deles é o fato de Joaquim denominar os monges pertencentes à chamada Idade do Espírito com o vocábulo *minores*. Tal vocábulo também foi usado por Francisco para designar os membros de sua Ordem. Contudo, é oportuno lembrar que *minores* era um termo que também definia as classes menos nobres de Assis.

Outro ponto em comum: a idéia da conversão pacífica dos infiéis opondo-se à mentalidade guerreira das cruzadas.

⁵ Joaquim da Fiore (1132 – 1202) foi abade cisterciense e filósofo místico, defensor do milenarismo e do advento da Idade do Espírito Santo – Idade esta (precedida pelas Idades do Pai e do Filho) em que o amor universal e a igualdade entre todos os cristãos seriam alcançados, pois os cristãos finalmente compreenderiam e aceitariam o Evangelho de Cristo, sendo assim desnecessárias as intuições disciplinadoras da fé.

Mas esta relação é dada principalmente pelo “reviver” do joaquimismo pelos chamados *spirituali* franciscanos que, depois da morte de Francisco, enrijeceram sua oposição às correntes oficiais da Ordem (*conventuali*).

Temos, então, que o programa religioso de Francisco vai ao encontro das mais íntimas exigências religiosas e sociais do momento em que se originou. Assim, não é de se espantar ou de se maravilhar que a Ordem Franciscana tenha extraído do ideal do Santo o que bastasse para constituir uma norma perene de vida que transcendesse as circunstâncias de um determinado momento histórico e que garantisse a vitalidade deste ideal.

I Fioretti di San Francesco

A obra *I Fioretti* faz parte do contexto literário do *Trecento* italiano (século XIV); foi redigida por volta de 1370-1390 – data incerta e discutida ainda pelos principais estudiosos. Se no *Duecento* (século XIII) – no que diz respeito à literatura devota e militante – temos grandes nomes e obras franciscanas como o próprio Francisco e seus escritos (*Cantico delle Creature* entre outros), Iacopone da Todi, Angela da Foligno -, o *Trecento*, apesar de apresentar uma predominância dominicana, traz escritos de “heréticos franciscanos” (*Storia de Fra Michele Minorita*), reescrituras e *volgarizzamenti*, isto é, traduções adaptadas de textos latinos. A operação de vulgarização, nem casual nem esporádica durante o século em questão, compreende a passagem de textos escritos em latim para o vulgar – no caso, o italiano.

“... non si tratta di “traduzione” degli *Actus*, bensì di “volgarizzamento”, e il volgarizzatore non tanto manipola la fonte, fa opera di grezzo dosaggio, quanto sceglie, seleziona, ricrea, redige in fondo, un’opera diversa dall’archetipo, con una sua fisionomia e una sua autonomia.” (TUSCANO, 1976)

Tal operação tornava a obra mais próxima do público. É dentro destas vulgarizações, e no clima das polêmicas dos *spirituali* (cf. 2.2), que surge a obra *I Fioretti di San Francesco*.

“La diffusione singolare di volgarizzamenti di opere latine non di rado larghissimamente presenti da decenni o da secoli all’interno delle scuole vescovili o conventuali, come pure la produzione “originale” in volgare, corrispondono

appunto a questa esigenza di penetrazione all'interno di una società rispetto a cui i modi "ordinari" di comunicazione (il magistero ecclesiastico, la predicazione stessa) sono percepiti oramai come inadeguati o insufficienti..." (BALDASSARI, IN: MALATO, 2001, Vol. II, pp. 211-212).

"...testo di purissima lingua toscana, immersi tanto nel clima delle polemiche degli Spirituali da conservare nel dettato volgare tutta l'arcaicità della scrittura duecentesca..." (PETROCCHI *apud* TUSCANO, 1976, p. 369).

A narrativa de *I Fioretti* surgiu a partir de *Actus Beati Francisci et sociorum eius*. Este último – texto em latim – está conservado, em particular, nos manuscritos: *Lat. th. d. 23, membr., séc. XV in., mm. 254 X 178* da Biblioteca Bodleiana de Oxford e *Magliarebechiano n.II. XI., 20, sec. XV in., membr., mm. 110 X 80* da Biblioteca Nazionale Centrale di Firenze (PETROCCHI, 1957). Os *Actus* foram escritos nos últimos vinte anos do *Duecento* por Ugolino da Monte Santa Maria.

"Anche in questo caso Giorgio Petrocchi ha potuto per la verità mostrare che non siamo in presenza – come del resto già si sospettava – di un'opera originale, bensì di un volgarizzamento, stavolta però di alta qualità, di un anteriore scritto latino, gli *Actus Beati Francisci et sociorum eius*, testo esso tardo e attribuito a fra Ugolino da Monte Santa Maria." (MALATO, 2001, Vol. II, p. 284).

A obra faz parte de uma ampla tradição manuscrita e, normalmente, vem acompanhada de apêndices – *Vita di frate Ginepro*, *Vita e detti del beato Egidio* e *Considerazioni sulle Stimmate* – seguindo a coletânea original. A autoria de *I Fioretti* é atribuída a um franciscano toscano; temos, assim, uma controvérsia a respeito da identidade de seu autor. É importante sublinhar que a autoria **não** é de Francisco de Assis.

É importante ressaltar também que em *I Fioretti* não temos simplesmente uma tradução do texto latino, mas uma vulgarização, o que explica certa suavização das alusões doutrinárias do texto latino.

Há, em *I Fioretti*, cinquenta e três narrativas que ilustram episódios da vida do santo de Assis, de seus primeiros companheiros (os primeiros trinta e oito *fioretti*), da Ordem Franciscana e de alguns irmãos *spirituali* da Ordem, da região italiana das Marcas (os últimos treze *fioretti*); os *fioretti* XXXIX e XL são dedicados a Santo Antônio de Pádua. Contam um

período de mais ou menos cem anos – da conversão de Bernardo Quintavalle, primeiro discípulo de Francisco (1209) aos acontecimentos da vida de Giovanni della Vernia (1259-1322), que entrou para a Ordem em 1272. Originalmente, o texto possui cinquenta e dois capítulos, mas as edições mais recentes do século XV já trazem o primeiro capítulo dividido em dois. Aqui devo esclarecer que a obra *I Fioretti* não possui edição crítica:

“Manca tuttavia un’edizione critica: le numerose stampe moderne seguono l’ed. Casella (Firenze, Sansoni, 1926), condotta su due mss. fiorentini, Fi BR 1670 e BNC Pal.144 – il più antico dei codici datati, finito di copiare, presumibilmente per uso privato, da un Amaretto il 17 luglio 1396 -, o quella di B. Bughetti (Firenze, Salani, 1925), che attinge a un numero maggiore di codici.” (GUALDO & PALERMO, IN: MALATO, Vol. X, pp. 370-371).

Sendo assim, encontraremos diferenças – ainda que pequenas – entre as várias edições do original. A presente dissertação, portanto, considera duas edições:

- *I Fioretti di San Francesco – Le considerazioni sulle Stimmate*. Introdução e notas de Pier Massimo Forni. Milano: Garzanti, 2003. 2ª edição. (texto extraído da edição feita por Giorgio Petrocchi em *Francesco d’Assisi. Gli scritti e la leggenda*)
- *I Fioretti di San Francesco*. Introdução de Francesco Grisi. Milano: Tascabili Economici Newton, 1993. 1ª edição.

Em suas narrativas, *I Fioretti* expõem as polêmicas da Ordem Franciscana – vida ativa e contemplativa (cf. Capítulo XVI); franciscanos e dominicanos (cf. Capítulo XVIII); as relações com Luís IX da França (cf. Capítulo XXXIV); a excomunhão de *frate Elia* (cf. Capítulo XXXVIII); a deposição de *Giovanni da Parma* por aderir às doutrinas de Joaquim da Fiore (cf. Capítulo XLVIII) e outras. Dentro do texto, estas polêmicas ganham ares de lenda.

“...la proposta anche in **termini letterari e stilistici** così efficace del mito del santo fondatore non di rado **sdrammatizza** e rende quasi ovvie, e dunque al di fuori della storia, scelte invece drammatiche nella vicenda dell’Ordine, assegnando alla rievocazione di quei fatti, o di quegli esempi, un valore lievemente astratto e ammirativo lontanissimo dalla dura concretezza della vita quotidiana...” (BALDASSARI, IN: MALATO, 2001, Vol. II, Cap. V, p. 286).

Cada um destes capítulos é acompanhado de uma rubrica – que acaba por constituir o título do capítulo – e de um ‘refrão final’ constituído de um louvor dirigido a São Francisco ou a Jesus, ou a ambos.

Esta é uma importante obra na história da cultura italiana por, justamente, formar a principal visão popular da lenda franciscana. É **um** modo de ver a figura de São Francisco. Livro constituído de uma linguagem simples de quem olha o mundo como se fosse uma criança, mas que não deve ser tomado como ingênuo:

“La ‘semplicità’ o il ‘candore’ dei *Fioretti*, tante volte rilevati dai lettori, specie dei secoli successivi, nasconde per la verità una precisa scelta di campo, nella lunga e impari lotta fra *Spirituali* e *Conventuali*...” (BALDASSARI, IN: MALATO, 2001, Vol. II, Cap. V, pp. 284 -285).

“Il Francesco vulgato, il Francesco della scuola, il Francesco per l’infanzia, stilizzato, aggraziato e fiabesco, il Francesco che conquista un posto di singolarissimo privilegio nell’immaginazione nazionale, é anche soprattutto il Francesco dei *Fioretti*.” (FORNI, 2003, p. VIII).

“...tanto più che ***I Fioretti* non sono mai così ingenui come sembrano, anzi, sanno essere talora un testo polemico e “ideologico” di efficacia e intensità straordinarie**” (CARDINI, 1994, p. 123, grifo meu).

Assim, sua linguagem aponta para esta visão simples das coisas – infantil sem ser ingênua - e carrega-se de diminutivos ao fazer referência a Francisco de Assis. O próprio título é um diminutivo – *fioretti*.

“Anche il diminutivo *Fioretti* sembra accenare a quel senso d’infanzia in cui si rifugia la religione francescana. E frequenti sono i diminutivi, protezione verso la fragilità pura dell’infanzia: San Francesco è il ‘poverello’ di Cristo, ‘omicciuolo’, ‘cattivello’, egli e frate Leone devon esser presi per ‘ladroncelli’ vilissimi; e fra Leone è ‘pecorella di Dio’; v’è anche un ‘fanciullo fraticino’. [...] Una simile maniera di veder di ogni creatura e di ogni elemento la sua infanzia è un diminutivo tutto interiore [...]. Al modo stesso, su questo senso di cose infanti, l’immensità del mondo, di Dio, ha la smisurata e attonita grandezza che la meraviglia desta negli occhi dei bimbi.” (FLORA, *cit.* IN: FORNI, 2003, p. IX).

Sobre o título *Fioretti*, que poderia corresponder a um termo em português como *florilégio*, *antologia*, temos que considerar o diminutivo empregado, a carga semântica e a

conotação presentes dentro da língua italiana para o vocábulo⁶ – carga que traz também a idéia, **na linguagem mais recente**, de “sacrifício devocional”.

Convém ainda esclarecer que, na Itália, paralelamente à leitura religiosa do texto, surge uma leitura parcial ou totalmente literária da obra. Alguns puristas – como o Padre Cesari (* 1760 - †1828) – propõem *I Fioretti* como modelo de linguagem. Hoje, a leitura da obra é quase exclusivamente literária na Itália – questões de narrativas populares, de tradução, vulgarização, entre outras, estão associadas a *I Fioretti*. No Brasil, que tipo de leitura temos de *I Fioretti*?

⁶ *Fioretto*: (1) s.m. 1 (lett.). Dimin. di fiore. 2. Parte scelta di qualcosa: *il fioretto del cotone*. 3 al pl. Scelta di racconti, avvenimenti aneddoti: *I fioretti di San Francesco*. 4. Sacrificio o rinuncia spontanea a fine di devozione: *i fioretti di maggio*. (ZINGARELLI, 2005).

2. Subsídios de *I Fioretti* no Brasil

2.1 As traduções de *I Fioretti* do século XX

Antes de iniciar as considerações a respeito das traduções brasileiras analisadas nesta dissertação, farei algumas considerações gerais a respeito da obra *I Fioretti* no Brasil.

O primeiro aspecto importante é o pequeno número de traduções disponíveis da obra – duas:

- Adelino Capistrano
- Durval de Moraes

E, já no final de minha pesquisa, descobri uma terceira:

- José Carlos Corrêa Pedroso

Esta última, publicada no site – <http://cantodapaz.com.br/blog/category/08-os-fioretti-de-sao-francisco>, por se tratar de tradução não publicada em livro impresso, não a incluo na análise.

Segue-se a dificuldade em encontrá-las – são edições esgotadas e publicadas há bastante tempo; vendidas, portanto, somente em sebos ou encontradas em algumas bibliotecas.

2.1.1 A tradução de Adelino Capistrano

O trabalho deste tradutor foi publicado por duas editoras:

- **“I Fioretti de São Francisco – seguidos do ‘Cântico do Sol’” – 2ª edição**

tradutor: Adelino Capistrano

Atena Editora

Sem data.

Cito acima a edição que tenho em mãos. Porém, acrescento que foram encontradas edições entre os anos de 1937 (encontrada nas bibliotecas da Universidade de Campinas – coleção “Brito Broca”⁷ e em uma das bibliotecas municipais de Lisboa⁸) e 1958. Estas são datas estimadas da 1ª e última edições; porém, não é possível afirmá-lo, já que a Editora Atena não mais existe.

- **“I Fioretti de São Francisco – seguidos do ‘Cântico do Sol’” -**

Tradutor: Adelino Capistrano

Editora Ediouro

Sem data.

Mais uma vez a edição citada é a que tenho em mãos. As datas de primeira e últimas edições não são aqui citadas porque não foram encontradas edições datadas. A central de atendimento da editora também não soube dar tais informações.

As poucas informações sobre a editora **Atena**:

Publicou uma série de traduções em uma coleção denominada “Biblioteca Clássica” – sendo *I Fioretti* parte desta coleção (volume XVI). Tal coleção possuía 40 volumes ou mais e incluía títulos como *Elogio da Loucura*, de Erasmo de Roterdã; *Odisséia*, de Homero; *A República*, de Platão; *Gargantua*, de Rabelais; *Vida Nova*, de Dante Alighieri⁹.

As traduções da referida coleção datam das décadas de 30, 40, 50, 60.

São edições encontradas em sebos e bibliotecas. Edição em capa dura e em brochura.

Sobre a **Ediouro**:

Editora fundada pelos irmãos gaúchos de Porto Alegre, Jorge e Antonio Gertum Carneiro, no Rio de Janeiro, durante o período da Segunda Guerra Mundial. Inicialmente com

⁷ http://www.iel.unicamp.br/biblioteca/britoBroca_lista.php

⁸ <http://catalogolx.cm-lisboa.pt/ipac20/ipac.jsp?index=COLEC&term=bibliotheca#focus>

⁹ Em anexo os títulos, datas, tradutores encontrados de tal coleção.

o nome de Publicações Pan Americanas – importavam livros, papel vegetal e agenciavam assinaturas de revistas estrangeiras. Algum tempo depois, entra como sócio o imigrante alemão Fritz Israel Manheimer.

A guerra tornava a importação difícil, o que fez com que os sócios apostassem em traduções e edições de livros técnicos. Neste período, a empresa passou a se chamar Editora Gertum Carneiro S.A. Começaram a publicar livros de bolso e a revista Coquetel. Em 1961, a fusão da editora com a gráfica deu origem às Edições de Ouro.

Atualmente, a Ediouro conta com mais ou menos 3500 títulos.

A tradução de Adelino Capistrano foi publicada pela **Ediouro** também dentro de uma coleção – “Clássicos de Bolso”. Não possui capa dura e – no *site* e na central de atendimento da editora – é dada como edição esgotada. São Francisco vem como autor da obra.

Temos ainda que a edição da **Ediouro** é acompanhada de ilustrações feitas por Frieda Wiegand.

2.1.2 A tradução de Durval de Moraes

- **“I Fioretti de São Francisco” - 4ª edição**

tradutor: Durval de Moraes

Editora Vozes

Ano: 1964

Novamente, acima cito as informações da edição que tenho em mãos. Segundo a central de atendimento da Editora Vozes:

I Fioretti de São Francisco.

Edições	Data	Tiragem
1ª	13/03/1964	3.000
2ª	21/12/1973	5.000
3ª	20/05/1981	3.000
7ª	10/04/1986	3.000

Não há informações sobre 4ª 5ª e 6ª edição; provavelmente, foram feitas em outra editora.

Apesar das informações fornecidas pela editora, encontrei em um sebo virtual (<http://www.traca.com.br/seboslivrosusados.cgi?mod=LV58254&origem=resultadodetalhada>), uma edição de *I Fioretti de São Francisco*, traduzida por Durval de Moraes e publicada pela Vozes, que data do ano de 1940, porém indisponível para venda. Tal edição informa que a tradução foi baseada na edição de Antonio Cesari.

A editora Vozes é um editora brasileira, conhecida também como Vozes de Petrópolis; sediada em Petrópolis no estado do Rio de Janeiro, é gerenciada/administrada pela Congregação Franciscana Brasileira. Existe há mais de cem anos, sendo a mais antiga casa editorial do Brasil em funcionamento. Privilegia especialmente três grandes áreas: cultura, religião e catequese. A Vozes tem sido, desde seus primeiros tempos, o maior veículo de divulgação de cultura religiosa do Brasil, fomentando os movimentos intelectuais católicos. Muitos dos mais importantes livros escritos no mundo sobre temas cristãos foram, como a *Imitação de Cristo*, traduzidos pela empresa franciscana (http://pt.wikipedia.org/wiki/Editora_Vozes).

Sobre o tradutor Durval Borges de Moraes (ou Moraes), é importante acrescentar: nasceu na Bahia, em 20 de novembro de 1882, e faleceu no Rio de Janeiro, em 05 de dezembro de 1948. Além de tradutor de *I Fioretti di San Francesco*, foi também poeta religioso. Padre franciscano convertido, sua obra poética é pouco conhecida, mesmo dentro da Igreja Católica¹⁰.

Em geral, constata-se que a versão dada pela Editora **Vozes** é semelhante ao original reproduzido por **Newton**, lembrando-se que o original deriva de manuscrito medieval que ainda não possui edição crítica. Ressalta-se, ainda, que as edições brasileiras não possuem qualquer indicação das fontes de onde foram extraídos os textos traduzidos.

¹⁰ Para conhecer alguns de seus poemas: <http://www.permanencia.org.br/revista/arte/poemas/durval.htm>

2.2 Convites à leitura: as introduções

A tradução como metonímia: durante a análise das traduções com as quais lido, esta afirmação parece ganhar vida.

As introduções de ambas as traduções são um ponto inicial interessante a ser analisado.

A introdução de Giulio David Leoni¹¹ à tradução de Adelino Capistrano, dada pelas editoras Atena e Ediouro, apresenta não apenas a figura religiosa de São Francisco, mas também a figura histórica. Traz informações sobre a vida de Francesco Bernardone; traz datas, situa-o em seu tempo.

“A vida de Francisco Bernardone (o verdadeiro nome foi Giovanni, mas o pai, rico mercador que freqüentemente visitava a França, chamou o filho “Francesco”, isto é, francês) é bastante conhecida; nem tem muito interesse para a leitura dos “Fioretti”. Todavia, eis as datas fundamentais (...)” (LEONI, sem data, p. 07).

Adiante, G.D. Leoni insere esta figura histórica – faz referência ao movimento social que o franciscanismo representou para a época. Francisco não é tomado apenas por sua santidade religiosa, mas dentro de sua revolução social. Traz, também, a hesitação inicial da Igreja para com o movimento franciscano.

“O outro aspecto de São Francisco refere-se à força social do seu movimento humanitário em tempos tão trágicos de lutas políticas e religiosas.” (LEONI, sem data, p. 08).

“Ao papa Inocêncio III pareceram demasiadamente ousados os princípios de São Francisco; tão ousados que várias vezes vacilou antes de aprová-los (...)” (LEONI; p. 09).

Quanto à obra *I Fioretti di San Francesco* – daqui em diante, apenas *IF* -. é também sucinto, porém informativo. Cita a possível origem – a tradução/adaptação de *Actus santi Francisci et sociorum eius* - e o possível tradutor.

“... frei Ugolino da Montegiorgio teria reunido, em latim, os episódios mais importantes dessa tão grande personagem histórica; mas o “Floretum” de frei Ugolino se perdeu. Todavia, pelo que parece, do “Floretum” derivaram os “Actus

¹¹ Giulio David Leoni foi professor de Literatura Italiana no Brasil – nas Universidades PUC e Mackenzie, e também tradutor. Da coleção *Biblioteca Clássica* da Editora Atena, de que faz parte a tradução de *IF*, foi organizador e escreveu boa parte das introduções às obras.

santi Francisci et sociorum eius”, que, em parte traduzidos, em parte livremente adaptados, deram lugar à redação toscana conhecida com o título de “Fioretti di San Francesco”: alguns estudiosos indicam como autor da tradução e adaptação o franciscano florentino Giovanni de Marignoli (...)” (LEONI, sem data, p.10).

Deixa claro que “a atribuição é muito incerta”.

Após tais informações, há uma exaltação do livro: há uma comparação entre *I Fioretti* e os Evangelhos.

“Nestes dias tão trágicos, em que a humanidade procura a paz e tem a ilusão de alcançá-la, a leitura de “Fioretti” é tão útil quanto a dos Evangelhos (...)” (LEONI, sem data, p. 11).

Ao final, Leoni faz considerações sobre a “fidelidade” do tradutor ao texto original.

“Muito oportunamente foi respeitada pelo tradutor a linguagem obsoleta, a fim de não tirar à narração o ressaibo característico do tempo em que viveu e foi escrita: chocante singeleza e delicioso sabor de coisas antigas que constituem um dos seus principais motivos de interesse.” (LEONI, sem data, p. 12).

Já Durval de Moraes inicia sua introdução tratando da intraduzibilidade do vocábulo *fioretti*.

*“ I Fioretti. Nome intraduzível, que nos chega do passado de tantos séculos (...)”
“ I Fioretti. Através de todas as línguas devia passar como vocábulo único (...)” (MORAIS, 1964, p.05).*

Sua introdução eleva não apenas o vocábulo *fioretti* – realmente de difícil tradução – mas a figura de São Francisco que, aqui, não aparece como figura histórica, mas apenas em alta santidade. O texto ganha caráter de prece.

“Bem sabes, pai meu S. Francisco, como seria fácil ao teu indigno filho sobrecarregar esta introdução com o leve pêso de uma erudição sem pêso, reproduzindo tudo quanto se tem dito da origem, dos autores, da língua, da significação de Fioretti. Bem pouco difícil lhe seria tomar o bordão de heremita que fizesse crer aos outros atravessasse desertos sáfaros ou píncaros gelados, e caminhasse através de jardins plantados por muitos, e fingisse encontrar a rosa azul da legenda, para mostrar uma rosa qualquer tingida de anilina.” (MORAIS, 1964, p. 05).

Cita também a origem controversa do texto. Menciona *Actus Beati Francisci et Sociorum eius* e não desconsidera a possível origem oral de sua composição, porém o faz de maneira a deixar bem claro que tal informação pouco importa.

“Que importa ao pobre trovador, arrancado por ti, pai meu S. Francisco, aos aplausos do mundo para o silêncio do teu silêncio, fôsem estas canções primitivamente escritas em latim, Actus Beati Francisci et Sociorum eius, e depois transferidas à língua vulgar; ou se, mais poeticamente ainda, foram contadas estas deliciosas histórias pelos frades menores, sorridentes e humildes, nos pátios dos conventos, aos crepúsculos suavíssimos da Úmbria; ou se nasceram nas salas dos castelos, em longas noites hibernais, cantadas pelos cavaleiros andantes?” (MORAIS, 1964, p. 06).

Faz uma crítica à crítica. Coloca a obra *IF* em um nível além de qualquer estudo, classificação, comentário. Apenas a contemplação, segundo ele, é digna da obra.

“Deixassem-nos sem história, sem filiação, sem averiguações críticas, sem análise, a esses divinamente anônimos “Fioretti”, e eles seriam como estrelas iluminando as noites das almas, como cantos suavizando as agonias dos corações (...)” (MORAIS, 1964, p. 06).

Aqui, ainda não entramos na tradução do texto em si, mas já temos algumas informações sobre o pensamento dos tradutores ou até mesmo da editora diante do texto a ser traduzido. Enquanto em Moraes fica claro o caráter “santo” da figura de Francisco de Assis e “evangélico”, “sagrado”, “intocável” do texto, Leoni descreve em sua introdução uma figura não apenas santa de Francisco de Assis, mas também histórica e revolucionária, e traz como grande motivo de interesse em *IF* a “chocante singeleza e delicioso sabor de coisas antigas” (LEONI, sem data, pp.11-12).

Enquanto um traz a questão da intraduzibilidade ao público, o outro se preocupa em sublinhar a fidelidade ao texto que se tentou manter na tradução.

Durval de Moraes coloca o texto acima da análise, fala em intraduzibilidade de vocábulos, porém parece esquecer que seu texto é tradução; e, já que é tradução, é interpretação e, deste modo, um estudo, uma análise do texto original.

“... a literary work, like a translation, depends on previous texts: neither is an “original semantic unity”, both are “derivative and heterogeneous” (TYMOCZKO, 2000, p. 41).

Capistrano não é autor de sua introdução. As considerações sobre a tradução não são feitas pelo tradutor; lidamos com a fala de outro que parece prever um leitor preocupado com a estética – “o sabor de coisas antigas” (LEONI, sem data, p.12) – e promete tradução literal.

“E oportuna foi a idéia de acrescentar a estas páginas o “Cântico das criaturas”, na tradução literal(...)” (LEONI, sem data, p.12).

Só a afirmação “tradução literal” nos dá uma visão do conceito de tradução aqui tomado. Mais uma vez não há a idéia da tradução como novo texto, como leitura do tradutor. Temos um texto traduzido “literalmente” e, portanto, é o próprio original em outra língua.

Ambos os conceitos de tradução tomados nas referidas introduções ignoram/desconhecem o que chamamos de caráter metonímico do ato tradutório; caráter do qual seus trabalhos são, como qualquer tradução, um exemplo perfeito. Tomam sim a parte (tradução) pelo todo (original), mas não o fazem de maneira consciente. A parte é o todo e só; ou melhor, não existe parte: o todo em português é a representação do todo em italiano.

Interessante aqui apenas ressaltar que ambos trazem conceitos do ato tradutório semelhantes. Mas o mais interessante surge da comparação entre as duas exposições. Já aqui, o mesmo conceito toma formatos diferentes e são bons exemplos de que toda escritura passa pelo processo de interpretação.

“It is agreed that the content, form, and performance techniques of any given traditional song or tale, for example, derive from established patterns that the teller or singer inherits and in turn passes on to those who succeed him.” (TYMOCZKO, 2000, p. 41 – grifo meu).

Os textos introdutórios das duas traduções são bem diferentes, como se pode notar. Dessa diferença surge a questão do “quem fala” e do “para quem se fala” – em outras palavras, quem traduz e para quem traduz são de fundamental importância.

“... a autoria não é individualista, mas coletiva: a forma do trabalho não se origina simplesmente com o autor como ‘seu estilo e expressões próprios’, mas é de fato uma colaboração com um grupo social específico, na qual o autor leva em consideração os valores culturais característicos daquele grupo. (...) Na tradução, a interpretação do texto estrangeiro e o fato de destinar-se a um público são mutuamente determinantes, embora numa dada tradução um desses fatores possa ter mais influência do que outro: o público projetado pode moldar de forma decisiva a interpretação do tradutor, ou a interpretação do tradutor pode definir de modo decisivo o público.” (VENUTI, 2002, pp. 116 e 118 – grifo meu).

Tendo tomado o texto como algo solene – uma prece, elevada a ponto de não aceitar questionamento, críticas ou estudos –, Durval de Moraes teria definido o seu público? Ou o seu público – certamente religioso, católico – o teria levado a interpretar o texto de tal maneira?

Para quem teria traduzido Adelino Capistrano? Até que ponto as palavras de Leoni refletem o trabalho do tradutor?

São indagações a que as considerações das páginas seguintes talvez ajudem a responder.

3. Comentários às traduções brasileiras de *I Fioretti di San Francesco*

3.1 Rubrica, Saudação Final, Paragrafação

As cinquenta e três narrativas contidas em *IF* vêm precedidas de uma rubrica, isto é, título ou entrada que constitui indicação geral do assunto. Tal rubrica é típica dos manuscritos medievais, o que deve ser levado em consideração quando se traduz um texto como *IF*.

Neste item do trabalho, exponho o cotejo e a análise – obra original e traduções - de tais títulos introdutórios.

Na edição de **Atena e Ediouro**, temos as rubricas como em **Newton**; porém, constatam-se algumas questões nos seguintes *fioretti*¹²:

F X:

Newton	Atena/Ediouro
<p><i>“Come frate Masseo, quasi proverbiando, disse a santo Francesco che a lui tutto il mondo andava dirieto; ed egli rispuose che ciò era a confusione del mondo e grazia di Dio; perch’io sono il più vile del mondo.” – (p. 30).</i></p>	<p>“De como Irmão Masseo, quase escarnecendo, disse a S. Francisco que o mundo seguia empós dêle, e S. Francisco respondeu que isso era para confusão do mundo, e graça de Deus.” – (p. 49 e p. 39 respectivamente).</p>

Há, como se vê, omissão de trecho.

12 Todos os grifos presentes são meus. Daqui por diante cada *fioretto* será indicado simplesmente por *F* (exemplo – *FI* indica *Fioretto I*)

F XXVIII:

Newton	Atena/Ediouro
<i>“D’uno rapimento che venne a frate Bernardo, ond’egli stette dalla mattina insino a nona ch’egli non si sentì.” – (p. 57).</i>	<i>“De um arrebatamento, que teve S. Bernardo; pelo que êle ficou da manhã até às onze e meia, sem que se sentisse.” – (p. 119 e p. 81 respectivamente).</i>

Aqui a tradução toma o horário canônico “nona” por “onze e meia”. Além de adaptar o vocábulo – trazer as horas laicas ao invés das horas litúrgicas –, o tradutor ainda o faz de maneira errada. A “nona” corresponde às “três horas da tarde” e não às “onze e meia” como na referida tradução.

Nota-se, ainda, o início da discrepância entre a introdução dada por Leoni e a tradução oferecida por Capistrano. Enquanto Leoni promete um texto ao “sabor antigo”, Capistrano parece oferecer algo sem “o ressaibo característico do tempo” (LEONI, sem data, p.11).

F XXXII e XLIV:

Newton	Atena/Ediouro
<i>“Come frate Masseo impetrò da Cristo la virtù della santa umiltà.” - (p. 62).</i>	<i>“De como Irmão Masseo impetrou de Cristo a virtude da sua humildade.” - (p. 133 e p. 89 respectivamente).</i>

Newton	Atena/Ediouro
<i>“Come a frate Currado apparve la madre di Cristo e santo Giovanni Vangelista e santo Francesco; e dissegli quale di loro porto più dolore della passione di Cristo.” – (p. 76).</i>	<i>“De como a Mãe de Cristo, e S. João Evangelista, apareceram a Irmão Conrado; e disseram-lhe qual dêles sofreu maiores dores pela Paixão de Cristo.” – (p. 169 e p.111 respectivamente).</i>

Notem-se as omissões em ambas as rubricas.

F XLVII :

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“Di quello santo frate a cui la Madre di Cristo apparve, quando era infermo, ed arrecogli tre bossoli di lattovaro. ” – (p. 80).	“Come uno frate essendo infermo a morte, venne la Vergine Maria con tre bossoli di lattovaro, e sanollo. ” – (p. 140).	“Daquele Santo Irmão, a quem a Mãe de Cristo apareceu quando estava enfermo, trazendo-lhe três copos de remédio. ” – (p. 179 e p. 119 respectivamente).	“Daquele santo frade ao qual a mãe de Cristo apareceu, quando estava enfermo, e lhe trouxe três caixas de eletuário. ” – (p. 95).

Aqui se trata de escolhas lexicais diversas.

lattovaro^{13:}

1. elettuario – antigo preparado farmacêutico semidensso o sciroppo attenuto mescolando medicamentos com miele, sciroppo e conserve e sim.

Em se tratando do vocábulo italiano *lattovaro*, temos as seguintes traduções: remédio – dada por Adelino Capistrano – e eletuário – por Durval de Moraes.

eletuário^{14:} medicamento de consistência branda, composto, em geral, de pós, extratos e folhas de vegetais, de mistura com mel ou açúcar.

Mais uma vez, o “sabor das coisas antigas” desaparece em Capistrano.

IF possuem, ao final de cada capítulo seu, uma saudação final, um louvor a São Francisco e a Jesus. Este louvor também é característico.

Adelino Capistrano apenas apresenta o refrão final em *FII* e *FIII*.

¹³ Todos as definições dos vocábulos em italiano foram extraídas de Zingarelli, 2005.

¹⁴ As definições dos vocábulos em português foram extraídas de Aurélio.

F II – “...e começada a pobreza evangélica, ofereceu-se despido nos braços do Crucificado; **o qual seja por nós abençoado em *secula seculorum*. Amen.**” (CAPISTRANO, sem data, p. 19).

F III – “Em louvor, e glória de Jesus Cristo, e do pobrezinho Francisco. Amém.” (CAPISTRANO, sem data, p. 23).

Simplesmente se omite a presença de qualquer tipo de saudação final em todos os outros *fioretti*, o que, novamente, compromete a promessa de Leoni quanto ao respeito à época em que viveu e foi escrita a obra original.

A tradução de Durval de Moraes é semelhante ao original dado pela edição Garzanti. Apresenta “problemas” nos seguintes *fioretti*:

F XXIX:

Newton	Vozes	Garzanti
“A laude di Gesù Cristo e del poverello Francesco. Amen.” – (p. 58).	“...o que é bendito in secula, etc. Amém.” – (p. 64).	“Il quale è benedetto <i>in saecula saeculorum</i> . Amen.” – (p. 95).

“in saecula saeculorum” é traduzido como “in secula, etc”. A presença de “etc” no texto em português resume o texto em italiano, dando por conhecida a continuação do louvor.

F XXIV; XXVII; XXXVI; XLIV – omissão do refrão final.

F XLVII e LIII:

Newton	Vozes	Garzanti
“A laude di Gesù Cristo e del poverello Francesco. Amen.” – (p. 81)	“Amém.” – (p. 96)	“A laude di Dio. Amen.” – (p. 142).

“A laude di Dio. Amen” = “Amém”.

Newton	Vozes	Garzanti
“A laude di Gesù Cristo e del poverello Francesco. Amen.” – (p. 91).	“ Amém.” – (p. 108).	“A laude di Cristo. Amen.” – (p. 162).

“ A laude di Cristo. Amen” = “Amém”.

Em ambos os *fioretti*, portanto, parte da saudação final foi omitida na tradução.

Temos, no que diz respeito à paragrafação, uma diferença bem representativa se considerarmos o original dado pela Tascabili Newton. Este parece ser o único que é dividido em parágrafos. Temos (à esquerda temos o número do capítulo, à direita o número de parágrafos):

I – 1	X – 2	XIX – 3	XXVIII – 4	XXXVII – 5	XLVI – 4
II – 6	XI – 6	XX – 2	XXIX – 8	XXXVIII - 4	XLVII – 5
III – 4	XII – 3	XXI – 6	XXX – 4	XXXIX – 3	XLVIII – 6
IV – 4	XIII – 4	XXII – 4	XXXI – 4	XL – 4	XLIX – 11
V – 4	XIV – 2	XXIII – 2	XXXII – 5	XLI – 6	L – 2
VI – 4	XV – 5	XXIV – 5	XXXIII – 4	XLII – 6	LI – 5
VII – 5	XVI – 6	XXV – 6	XXXIV – 4	XLIII – 4	LII – 3
VIII – 3	XVII – 4	XXVI – 12	XXXV – 3	XLIV – 3	LIII - 4
IX – 2	XVIII - 6	XXVII - 5	XXXVI – 3	XLV - 7	

No original dado pela Garzanti, temos uma paragrafação totalmente diferente sendo que todos os capítulos possuem parágrafos únicos com as seguintes exceções:

II – 2; IV – 3; VI – 2; VIII – 2.

Quanto às traduções, temos que a dada por Durval de Moraes possui parágrafo único em todos os capítulos. A de Adelino possui parágrafo único em todos os capítulos, com exceção de apenas um – XXXII –, que possui dois parágrafos.

3.2 A parte pelo todo: as escolhas lexicais dos tradutores

Como já explicitado anteriormente, ao lidarmos com as traduções de *IF*, lidamos com duas interpretações deste texto. Tais trabalhos em língua portuguesa podem considerar-se partes do todo original. Isto porque toda tradução comporta escolhas em diversos graus – desde a opção pelo português como língua de chegada até a escolha de termos lexicais coerentes com a proposta de tradução.

“La configurazione dell’Autore Modello dipende da tracce testuali ma pone in gioco l’universo di ciò che sta dietro al testo, dietro il destinatario e probabilmente davanti al testo e al processo di cooperazione (nel senso che dipende dalla domanda: ‘cosa voglio fare di questo testo?’).” (ECO, 1983, p. 66).

“Per organizzare la propria strategia testuale un autore deve riferirsi a una serie di competenze (espressione più vasta che ‘conoscenza di codici’) che conferiscano contenuto alle espressioni che usa.” (ECO, 1983, p.55).

E aqui se encontra toda a questão para o tradutor: o que quero fazer deste texto?

No presente ítem, exponho casos em que diferentes traduções podem restringir o pleno alcance do vocábulo original.

● Diminutivos

Neste ítem, trago exemplos das traduções analisadas de escolhas lexicais que se referem a vocábulos em italiano que se encontram na forma diminutiva.

Aqui ressalto a importância dos diminutivos dentro de *IF* – muito utilizados durante toda a obra, sendo o próprio título um diminutivo: *Fioretti* (cf. p. 15 – citação de FLORA, IN: FORNI, 2003).

Nota da Garzanti (p. 57) – *celluzza*: ‘l’uso frequente dei diminutivi pare voglia sfumare le cose di umiltà per renderle più armoniche a quelle anime.’

É importante colocar também a rica quantidade de sufixos que formam os diminutivos na Língua Italiana. Se considerarmos as diversas possibilidades, depararemos-nos com : **piattino**,

stellina; panetto, cappannetta; poverello, pecorella; lumicino, pellicina; puntolino, bestiolina; campicello, navicella; porticiolo, omicciuolo, asticciola; giovanotto; orsacchiotto; cosuccia; celluzza; canzoncina, ladroncello.

Tal variedade na Língua Italiana acarreta problemas para o tradutor brasileiro em sua escolha tradutória.

Levadas tais notas em consideração, eis as soluções tradutórias adotadas por **Vozes e Atena/Ediouro** para os diminutivos dentro de *IF*:

figliuolo (passim)

Nenhuma das duas traduções, em nenhum momento, traz para o português o diminutivo afetivo presente no vocábulo italiano. Em todos os *fioretti* em que aparece *figliuolo*, ambas as edições (**Vozes e Atena/Ediouro**) trazem como solução “filho”.

omicciuolo (*FIII* – Newton, p. 20, Garzanti, p.13; *FXXX* – Newton, p. 61, Garzanti, p. 101)

As traduções:

F III

“Ó pobre **homenzinho**, por que estás perturbado?” (MORAIS, 1964, p. 13 – grifo meu).

“Ó pobre **homenzinho**, por que estás perturbado?” (CAPISTRANO, sem data, p. 22 – grifo meu).

Neste *fioretto*, ambas as traduções respeitam tal característica de *IF* – ainda que Relativamente, se considerarmos as diversas possibilidades do diminutivo em Língua Italiana.

FXXX

“De onde te vem tanta presunção, filho de Pedro Bernardão, vil **homenzinho**...” (MORAIS, 1964, p. 68 – grifo meu).

“Por que tanta presunção, filho de Pedro Bernardoni, vil **homúnculo**...” (CAPISTRANO, sem data, p. 128 – grifo meu).

Novamente, ambas as traduções respeitam o diminutivo, porém, de maneiras diferentes. Durval de Moraes mantém-se coerente com a primeira escolha, enquanto Adelino Capistrano traz uma nova forma para o mesmo vocábulo italiano.

poverello (*passim*).

Com este termo, temos nos originais o uso do diminutivo da palavra “povero”. É importante notar que tal forma é muito usada durante toda a obra para designar a figura de S. Francisco (cf. *F II*, *F VI*, *F XIX*) e seus discípulos (cf. *F V*, *F XVIII*, *F XXXVII*).

Aqui, então, nos deparamos com **uma** forma do diminutivo: *poverello*; sendo ainda possíveis as formas *poveretto*, *poverino*, *poveruccio*.

Constata-se a edição **Vozes** respeitando – ainda que relativamente - sempre o diminutivo, **Atena/Ediouro** por vezes sim, por vezes não:

F II

“...e preparava-se pelo seu **pobrezinho** Francisco...” (MORAIS, 1964, p. 11 - grifo meu).

“...e dispunha que o seu Francisco **pobrezinho**...” (CAPISTRANO, sem data, p. 16 – grifo meu).

F V

“...que assim começava a aumentar os **pobrezinhos** discípulos da cruz...” (MORAIS, 1964, p. 19 - grifo meu).

“...assim, começava a multiplicar os **pobres** discípulos da cruz...” (CAPISTRANO, sem data, p. 33 – grifo meu).

F VI

“Bendito sejas, pois, por Nosso Senhor Jesus Cristo e por mim, seu **pobrezinho** servo...”
(MORAIS, 1964, p. 20 - grifo meu).

“Bendito sejas, pois, por nosso Senhor Jesus Cristo e por mim, **pobre** servo seu...”
(CAPISTRANO, sem data, p. 36 – grifo meu).

F XIII

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“...era riputato un vile poverello da chi non lo conosceva, non accattò se non parecchi bocconi e pezzuoli di pane secco...” - (p. 33).	“...e però era riputato uno vile poverello da chi nol conosceva, non accattò se non parecchi bocconi e pezzuoli di pane secco.” – (p. 44).	“...e por ser reputado um vil pobretão por quem não o conhecesse, conseguiu apenas alguns bocados e pedaços de pão seco...” - (p. 57-58 e p. 44 respectivamente).	“...e por isso reputado um vil pobrezinho por quem não o conhecia, só recolheu algumas côdeas e pedacinhos de pão seco.” – (p. 30).

Neste exemplo, nas traduções brasileiras, temos que **Vozes** preserva o diminutivo em seu trabalho – “...reputado **vil pobrezinho** por quem não o conhecia.” (MORAIS, 1964, p. 30 - grifo meu), mas, diante de tal gama de possibilidades no italiano, a tradução acaba restringindo as conotações do “ello” original.

Enquanto **Atena/Ediouro** não só deixa perder-se o diminutivo, como insere um aumentativo depreciativo – “...e por ser reputado um **vil pobretão** por quem não o conhecesse...” (CAPISTRANO, sem data, p.58 – grifo meu).

F XVIII

“Deveras Deus dispensa cuidado especial a êstes santos **pobrezinhos**...” (MORAIS, 1964, p. 43 - grifo meu).

“Na verdade, Deus tem um cuidado especial com êstes santos **pobres**...” (CAPISTRANO, sem data, p. 78 – grifo meu).

F XIX

“...pelo amor de Deus e do **pobrezinho**...” (MORAIS, 1964, p. 45 - grifo meu).

“...pelo amor de Deus, e de mim, **pobrezinho**...” (CAPISTRANO, sem data, p. 83 – grifo meu).

F XXXVII

“...seja por vontade de Cristo concedida a nós **pobrezinhos** e débeis...” (MORAIS, 1964, p. 78 - grifo meu).

“...que praza a Jesus Cristo conceder a nós, **pobres** débeis...” (CAPISTRANO, sem data, p. 144 – grifo meu).

F XL

“Ofereceste o censo a Nosso Senhor Jesus Cristo, o qual como **pobrezinho** não tinha com que pagar.” (MORAIS, 1964, p. 82 - grifo meu).

“Ofereceste tributo a nosso Senhor Jesus Cristo, o qual êle, como **pobre**, não tinha com o que pagar.” (CAPISTRANO, sem data, p. 154 – grifo meu).

pecorella (passim)

No presente exemplo, temos **Vozes** preservando a forma diminutiva do vocábulo (“ovelhinha”) – ainda que a deixe de lado em *F XVII* e *F XXIII*. Em **Atena/Ediouro** temos “ovelha” em todas as situações em que “pecorella” aparece.

navicella (*F VII*)

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“Di che santo Francesco pregò questo suo divoto, che per amor di Cristo lo portasse colla sua navicella in una isola del lago...” (p. 27)	“Di che santo Francesco pregò questo suo divoto, che per l’amor di Cristo, che ‘l portasse colla sua navicella in una isola del lago...” (p. 28)	“...pelo que S. Francisco pediu a êste seu devoto, que, por amor de Cristo, o levasse com o seu barco a uma Ilha do Lago...” (p. 39)	“Pelo que S. Francisco pediu àquele devoto, pelo amor de Cristo, o levasse em sua barquinha a uma ilha do lago...” (p. 21)

Vozes traz “barquinha” e **Atena/Ediouro** “barco”. Há realmente uma perda em **Atena/Ediouro** neste exemplo, considerando *IF* uma obra literária.

panetti (*F VII* – Newton, p. 27; Garzanti, pp. 28 e 29).

Exemplo em que ambas as traduções “respeitam” a forma diminutiva do vocábulo.

“...e S. Francisco só levou consigo dois **pãezinhos**.”; “E ali passou tôda a quaresma sem comer nem beber, além da metade de um daqueles **pãezinhos**...”; “...o qual achou dois **pãezinhos**, um inteiro e outro pela metade.” (MORAIS, 1964, p. 22 - grifos meus).

“...e S. Francisco não levou consigo senão dois **pãezinhos**.”; “E aí esteve tôda a Quaresma, sem beber e sem comer, a não ser a metade de um daqueles **pãezinhos**...”; “...o qual encontrou os dois **pãezinhos**, um inteiro, e o outro pela metade...” (CAPISTRANO, sem data, p. 40 – grifos meus).

capannetta (*F VII* – Newton, p. 27; Garzanti, p. 29)

Vozes traduz “cabana” e **Atena/Ediouro** “cabanazinha”.

ladroncelli (*F VIII* – Newton, p. 28 ; Garzanti, p. 32).

Outra vez, **Vozes** traz solução tradutória que leva em consideração o diminutivo e **Atena/Ediouro** solução que não o leva em conta – “ladrõezinhos” e “ladrões”.

cattivello (*F IX*)

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“O frate Francesco cattivello , pensi tu che Dio arà misericordia di te? con ciò sia cosa che tu abbi commessi tanti peccati contra ‘l Padre...” (p. 29)	“O frate Francesco cattivello pensi tu che Iddio avrà misericordia di te, con ciò sia cosa che tu abbi commessi tanti peccati contra al Padre...” (p. 35)	“Ó Irmão Francisco, desgraçadinho , pensas que Deus terá misericórdia de ti, embora haja cometido tantos pecados contra o pai...” (p. 46)	“Ó irmão Francisco miserável , pensas tu que Deus há de ter misericórdia de ti; não é tão certo que tenhas cometido tantos pecados contra o pai...” (p. 25)
“O frate Francesco cattivello , etc...” (p. 29)	“O frate Francesco cattivello , etc...” (p. 35)	“Ó Irmão Francisco, desgraçadinho , etc...” (p. 46)	“Ó irmão Francisco miserável ...” (p. 25)
“O frate Francesco cattivello , pensi tu che Iddio abbia misericordia di te?” (p. 30)	“O frate Francesco cattivello , pensi tu che Iddio abbia misericordia di te?” (p. 36)	“Ó Irmão Francisco, desgraçadinho , pensas que Deus terá misericórdia de ti?” (p. 47)	“Ó irmão Francisco miserável , pensas que Deus terá misericórdia de ti ?” (p. 26)

Neste trecho, é o próprio Francisco que refere a si mesmo como *cattivello*.

pezzuoli (*F XIII*)

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“...era riputato un vile poverello da chi non lo conosceva, non accattò se non parecchi bocconi e pezzuoli di pane secco...” - (p. 33).	“...e però era riputato uno vile poverello da chi nol conosceva, non accattò se non parecchi bocconi e pezzuoli di pane secco.” – (p. 44).	“...e por ser reputado um vil pobretão por quem não o conhecesse, conseguiu apenas alguns bocados e pedaços de pão seco...” - (p. 57-58 e p. 44 respectivamente).	“...e por isso reputado um vil pobrezinho por quem não o conhecia, só recolheu algumas côdeas e pedacinhos de pão seco.” – (p. 30).

Mais uma vez, o uso do diminutivo é, parcialmente, respeitado por **Vozes** – “pedacinhos de pão” e não o é por **Atena/Ediouro** - “pedaços de pão”. Lembrando sempre a variedade dos diminutivos dentro da Língua Italiana (*pezzuoli, pezzetti, pezzettini...*).

orciuoli (*F XVIII*).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“Oltre a questo, recavano tovaglie, orciuoli , ciotole, bicchieri e altri vasi che faceano mestieri a tanta moltitudine.” – (p. 41).	“Oltr’a questo, recavano tovaglie e orciuoli e bicchieri e altri vasi, che faceano mestieri a tanta moltitudine....” – (p. 62).	“Além disso, traziam toalhas, cântaros , escudelas, copos e outros vasos, de que carecia aquela multidão...” – (p. 78 e p.57 respectivamente).	“Além disso traziam toalhas, púcaros , garrafas, copos e outros vasos de que tal multidão havia mister.” – (p. 43).

orciolo:

1. *dim. di orcio;*
2. *brocca, boccale.*

orcio: vaso di terracotta, talvolta anche smaltata e decorata, con corpo panciuto, generalmente a due manici e bocca ristretta.

púcaro:

1. pequeno vaso com asa, ordinariamente destinado a extrair líquidos de outros recipientes maiores.
2. pequeno vaso de toucador, para depósito de pó de arroz.

cântaro: vaso grande e bojudo, com uma ou duas asas, de barro ou de folha, para líquidos.

O termo italiano, além de não ser completamente abarcado pelos termos escolhidos em português, ainda acaba perdendo sua menção diminutiva. Mais importante do que a perda do sentido não completamente abarcado, é a perda da forma, já que o uso dos diminutivos em *IF* é algo que não pode ser deixado de lado.

- **frate** (passim); **suora** (*F XV, F XVI, F XXXIII, F XXXV*).

O vocábulo italiano *|frate|* aparece por diversas vezes no texto de *IF* por se tratar de uma palavra-chave, já que se trata de historietas dos companheiros de Francisco de Assis e de membros do franciscanismo.

frate:

1. *religioso in un ordine monastico cattolico: f. di San Francesco, di San Domenico.*
2. *fratello; amico, persona cara: Laudato si', mi' Signore, per f. vento (Francesco d'Assisi).*

Tal vocábulo é traduzido pela **Atena/Ediouro** através do português *irmão*ol.

irmão:

1. filho do mesmo pai e da mesma mãe, ou só do mesmo pai (irmão consangüíneo) ou só da mesma mãe (irmão uterino), em relação a outro (s) filho (s).
2. membro de confraria ou de irmandade.
3. correligionário, confrade, camarada.

4. frade ou religioso que não recebe as ordens sacras, embora tenha emitido os votos.
5. membro da maçonaria.
6. frade que não exerce cargos superiores: *Os franciscanos guardam estes lugares santos. Um irmão espanhol nos fala das descobertas... dos sábios sobre as origens da velha Basílica* (José Lins do Rego, Gregos e Troianos, p.152).

Já na edição da **Vozes**, o termo é traduzido por *lfreil* e, por vezes *lfradel*.

frei: proclítica, apocapada, de freire, quando precede o nome ou apelido: *Frei Boaventura*.

freire: membro das antigas ordens militares; irmão.

frade: religioso pertencente à comunidade onde se emitem votos solenes. Frade menor – franciscano.

As traduções, apesar de estarem de acordo com o vocábulo original, são diferentes. Esta diferença ocasiona matizes diferentes de leitura, já que, apesar de os termos *lirmãol* e *lfreil* e *lfradel* estarem ligados semanticamente, os últimos trazem **sim** uma carga religiosa maior que o primeiro. O termo italiano *lfratel* tem em si o dois matizes.

O termo *lsuoral* - nos *fioretti* sopracitados é traduzido por Durval de Moraes – **Vozes** - através do vocábulo português *lsororl*.

soror: tratamento dado às freiras; é o feminino de frei.

Enquanto Adelino Capistrano – **Atena/Ediouro** - traz *lirmãl* como solução tradutória em *F XV*, *F XVI*, mas traz também *lsororl* em *F XV*, *F XXXIII* e *F XXXV*.

Aqui o tradutor de **Vozes** é coerente com a escolha lexical feita anteriormente ao traduzir o vocábulo *lfratel* - *lfreil*, *lfradel*. Já em **Atena/Ediouro** temos alternância da solução tradutória.

Temos, então, uma leitura mais clericalizada e coerente por parte de **Vozes** se comparada à leitura de **Atena/Ediouro**.

- **covacciolo** (*F VII* – Newton, p. 27; Garzanti, p. 29)

Temos “cova” em **Vozes** e “covil” em **Atena/Ediouro**.

covacciolo:

1. *luogo dove dorme e si riposa l'animale, detto spec. di uccelli, topi, ghiri.*
2. *letto, giaciglio dell'uomo.*

Em ambas as traduções, temos a noção também de buraco na terra em que se escondem animais, porém o sentido primeiro e muito mais forte de ambos os vocábulos é bem diferente: “cova” nos remete a morte e “covil” ao esconderijo de cobras, ladrões - sentidos negativos não presentes no original.

- **cibo** (*F XV*: Newton, p. 36, Garzanti, p. 51; *F XL*: Newton, p. 70, Garzanti, p. 120; *F XLI*: Newton, p. 72, Garzanti, p. 123; *F LIII*: Newton, p. 89, Garzanti, p. 159).

Zingarelli Maggiore:

1. *ciò che serve all'alimentazione umana e animale;*
2. *vivanda, pietanza.*

Atena/Ediouro traduz por *l'alimentol* em *F XV* e *XLI* e por *l'comidal* em *F XL*. A editora **Vozes** por *lcibol* nos quatro *fioretti*.

Temos aqui uma importante diferença na escolha dos vocábulos. Enquanto a leitura de **Atena/Ediouro** é acessível aos leitores brasileiros mais comuns, o vocábulo escolhido por **Vozes** restringe a compreensão a leitores mais cultos – ou por conhecerem a língua italiana ou por conhecerem muito bem a língua portuguesa e sua origem latina.

cibo: (do latim *cibus*)

1. s. m. Ant. comida, alimento (especialmente das aves).

2. pequena quantidade de alimento ou de qualquer outra coisa.

O vocábulo, como indica o dicionário da língua portuguesa, é antigo. Enquanto o vocábulo italiano *lcibol* é, ainda hoje, totalmente acessível, utilizado no linguajar comum, para nós, *lcibol* causa estranhamento.

- **messer(e)** (*F I*: Newton, p. 17, Garzanti, p. 03; *F XVI*: Newton, p. 37, Garzanti, p. 53; *F XXV*: Newton, p. 50, Garzanti, p. 70).

1. *titolo onorifico attribuito un tempo spec. a cavalieri, notai, giudici e gener. ad altri personaggi.*
2. *(scherz. iron.) signore.*
3. *(fam., scherz.) deretano.*

Diante deste vocábulo, mais uma vez, temos escolhas lexicais que restringem o alcance original, se as analisamos quanto à simplicidade ou ao rebuscamento dos termos empregados. Novamente, **Vozes** traz um termo rebuscado em comparação ao empregado por **Atena/Ediouro**. Eis os vocábulos empregados, respectivamente - *lmonsior*¹⁵; *lsenhor*¹⁶.

monsior – monsenhor – monsieur

monsienhor (do italiano *monsignore*): título honorífico, concedido pelo Papa a alguns eclesiásticos e em especial aos seus camareiros.

monsieur (do francês): tratamento correspondente a *senhor*.

Além do rebuscamento, há certa conotação clerical no vocábulo utilizado por **Vozes**.

A solução de Atena, entretanto, uma vez mais deixa de lado o sabor antigo prometido na introdução.

¹⁵ MORAIS: pp. 09, 36, 53.

¹⁶ CAPISTRANO: pp. 13, 67, 101(em Atena); pp. 19, 50, 70 (em Ediouro).

- “**troppo disprezzato**” (*F XIII* – Newton, p. 33) e “**troppo dispregiato**” (*F XIII* – Garzanti, p. 44).

As traduções seguem o significado linear dos termos italianos, porém a escolha lexical foi diferente. **Atena/Ediouro** traz o vocábulo português *desprezado*¹⁷ enquanto *Vozes* traz *desprezível*¹⁸. Dão-se, através destas escolhas, leituras diferentes nas traduções.

desprezado – particípio passado de desprezar:

1. ter, sentir testemunhar desprezo a.
2. não fazer caso de; não dar importância a; não prezar.
3. recusar, rejeitar.
4. não levar em conta, não meter em conta, não incluir no cálculo.
5. envergonhar-se de si mesmo; ter-se em má conta.
6. aviltar-se, envilecer-se, rebaixar-se.

“Mas em virtude de ser S. Francisco um homem **muito desprezado**, e pequeno de corpo...”
(CAPISTRANO, sem data, p. 57 – grifo meu).

Temos aqui que S. Francisco era alvo de desprezo, era desprezado pelos outros.

desprezível:

1. digno de desprezo, vil, abjeto, miserável, vergonhoso.

“Mas, por ser S. Francisco um homem **muito desprezível** e pequeno de corpo...” (MORAIS, 1964, p. 30 – grifo meu).

Eis que, na edição **Vozes**, S. Francisco é desprezível e não desprezado. Sua condição, aqui, é que é digna de desprezo. Enquanto na edição de **Atena/Ediouro**, S. Francisco é desprezado, não significando que seja digno deste desprezo.

¹⁷ CAPISTRANO: p. 58 (em Atena); p. 44 (em Ediouro).

¹⁸ MORAIS: p. 30.

Nos originais temos:

*“Ma imperò che santo Francesco era uomo **troppo disprezzato** e piccolo di corpo...”*

(TASCABILI NEWTON, 1993, p.33 – grifo meu).

*“Ma però che santo Francesco era uomo **troppo dispregiato** e piccolo di corpo...”*

(GARZANTI, 2003, p.44 – grifo meu).

dispregiato – dispregiare:

1. *avere in poco o in nessun pregio.*

Sinonimo di disprezzare.

disprezzato – disprezzare:

1. *ritenere qualcuno o qualcosa indegno della propria stima e della propria considerazione.*
2. *disdegnare.*
3. *disitimare.*
4. *avere in poco o nessun conto – detestare.*

disprezzabile:

1. *degnò di disprezzo;*
2. *di poco o nessun pregio o importanza.*

- **bocconi** (*F XIII* – Newton, p.33; Garzanti, p.44)

boccone:

1. *quantità di cibo che si può mettere in bocca in una sola volta.*
2. *piccola quantità di qualcosa.*
3. *cibo, pasto.*

Atena/Ediouro escolhe o vocábulo português |bocados|^{19.} **Vozes** opta por |côdeas|^{20.}

¹⁹ CAPISTRANO: p.58 (em Atena); p. 44 (em Ediouro).

²⁰ MORAIS: p.30.

bocado:

1. porção de alimento que se leva de uma vez à boca.
2. pedaço, porção.
3. pequena quantidade de qualquer coisa.

côdeas:

1. parte exterior dura; casca, crosta.
2. sujeira solidificada na roupa.
3. crosta de pão, rosca, etc.

Ambas as soluções importam em perdas da totalidade original, já que constituem leituras do original. Porém, no dado exemplo, a solução tradutório **Vozes** constitui maior perda, pois se dá em vocábulo rebuscado no português, o que comporta a perda da simplicidade do vocábulo italiano; e |côdeas| não abrange o significado de |bocconil|.

• **accattare** (*F XIII*).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“...non accattò se non parecchi bocconi e pezzuoli di pane secco...” - (p. 33).	“...non accattò se non parecchi bocconi e pezzuoli di pane secco.” – (p. 44).	“... conseguiu apenas alguns bocados e pedaços de pão seco...” – (p. 57-58 e 44 respectivamente).	“...só recolheu algumas côdeas e pedacinhos de pão sêco.” – (p. 30).

accattare:

1. *cercare di ottenere, chiedendo con insistenza spesso servile; procurarsi; andare in cerca.*
2. *chiedere in elemosina – sinonimo: mendicare.*
3. *trovare.*
4. *ottenere.*

conseguir:

1. alcançar.
2. ter como conseqüência ou resultado.

recolher:

1. pôr ao abrigo; guardar, arrecadar.
2. fazer a colheita de.
3. cobrar, receber, arrecadar.
4. reunir, juntar.
5. obter como resultado ou recompensa.

Ambas as traduções perdem o sentido italiano de mendigar, o sentido servil do verbo italiano *accattare*.

Ainda em *F XIII*:

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“...che ci accattino questa grazia dal nostro Signore Gesù Cristo...” – (p. 34)	“...che ci accattino questa grazia dal nostro Signore Gesù Cristo...” – (p. 46).	“...que nos premiem com esta graça de nosso Senhor Jesus Cristo...” – (p. 60 e p. 45 respectivamente).	“...que nos mendiguem esta graça de Nosso Senhor Jesus Cristo...” – (p. 33).

premiar:

1. dar prêmio ou galardão a; laurear, galardoar.
2. pagar, recompensar, remunerar.

mendigar:

1. pedir por esmola; esmolar.
2. ganhar ou obter dificilmente.
3. pedir com humildade ou pleitear servilmente.

Novamente o verbo *accattare* em italiano. Desta vez, porém, temos que a edição da **Vozes** traduz com o verbo português “mendigar” que cobre parcialmente a faceta anteriormente deixada de lado do verbo italiano. **Atena/Ediouro** escolhe o verbo “premiar” e perde o matiz servil do verbo – matiz este importante dentro do contexto de *IF*, por se tratar de texto franciscano *spirituale*.

• **meritare** (*F XIII*).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“...che per la sua santissima misericordia ci conceda di meritare d’essere veri amatori...” - (p. 34).	“...che per la sua santa misericordia ci conceda di meritare d’essere veri amatori...” - (p. 46).	“...que pela sua santíssima misericórdia nos conceda a faculdade de sermos verdadeiros apreciadores...” - (p. 60 e p. 45 respectivamente).	“...que pela sua santíssima misericórdia nos conceda o merecimento de sermos verdadeiros amadores...” - (p. 33).

meritare:

1. *essere degno di avere, ottenere, ricevere e sim., in senso positivo o anche negativo.*
2. *far ottenere, rendere degno, procurare.*

Nas traduções |merecimento| em **Vozes** e |faculdade| em **Atena/Ediouro**.

merecimento:

1. qualidade que torna alguém digno de prêmio, estima, apreço, ou de castigo, desprezo, etc.
2. valor, importância.
3. superioridade, excelência.
4. capacidade, habilitação, inteligência, talento, aptidão.

faculdade:

1. poder natural ou adquirido de fazer alguma coisa.
2. aptidão inata, disposição, tendência, talento, dom.
3. direito, privilégio.
4. liberdade de agir, permissão, consentimento, licença.
5. propriedade, virtude.

A tradução **Atena/Ediouro** perde a conotação religiosa do original *meritare* (cf. *meriti di Cristo*).

- **sirocchie mie uccelli** (*F XVI*).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“La sustanza della predica di santo Francesco fu questa: ‘ Sirocchie mie uccelli , voi siete molto tenute a Dio vostro creatore...” - (p. 38).	“La sustanza della predica di santo Francesco fu questa: ‘ Sirrocchie mie uccelli , voi siete molto tenute a Dio vostro creatore...” - (p. 55).	“A substância da prédica de S. Francisco foi esta: Minhas irmãs aves , sêde muito obedientes ao Deus vosso Criador...” - (p. 69-70 e p. 52 respectivamente).	“A substância da prédica de S. Francisco foi esta: Minhas irmãs aves , deveis estar muito agradecidas a Deus, vosso Criador...” - (p. 38).

Notar que o original “feminiza” (“sirocchie mie”) o masculino (“uccelli”), ponto importante perdido em ambas as traduções. A questão do gênero dentro de *IF* também deve ser levada em consideração. Este exemplo que aqui trago deixa isso bem claro, afinal, porque *sirocchie mie uccelli* e não *frati miei uccelli*? A mistura de gêneros é sim significativa.

Nota-se ainda em *Cantico delle Creature* (Francisco de Assis, 1224) este contrabalanceamento de gêneros (*frate sole, suora luna, frate vento, suora acqua, frate fuoco, suora terra*), ainda lembrando a importância da questão de gêneros dentro das novas ordens medievais e do franciscanismo (cf. Santa Clara).

Temos ainda:

sirocchia o serocchia: (lat. *sorocula(m)*, dim. di *soror*, genit. *sororis*. V. *sorella, suora*; av. 1292). **S.f.** *sorella: non aveva costui altri che una s.* (MACHIAVELLI).

sororcula, ae²¹: (*dim.* de *soror*) f. irmã querida, irmãzinha (termo de carinho).

Sendo assim, a edição **Atena/Ediouro** novamente não cumpre o prometido em sua introdução – em que Leoni promete a preservação dos arcaísmos.

Além disso, nenhuma das edições preserva a referência ao diminutivo em latim (lembrando que o diminutivo em *IF* é de essencial importância).

21 Dicionário de Latim-Português. Porto: Porto Editora, 2001. 2ª edição.

- **essere tenuto** (*F XVI*).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Voices
“La sustanza della predica di santo Francesco fu questa: ‘Sirocchie mie uccelli, voi siete molto tenute a Dio vostro creatore...’ - (p. 38).	“La sustanza della predica di santo Francesco fu questa: ‘Sirocchie mie uccelli, voi siete molto tenute a Dio vostro creatore...’ - (p. 55).	“A substância da prédica de S. Francisco foi esta: Minhas irmãs aves, sêde muito obedientes ao Deus vosso Criador...” - (p. 69-70 e p. 52 respectivamente).	“A substância da prédica de S. Francisco foi esta: Minhas irmãs aves, deveis estar muito agradecidas a Deus, vosso Criador...” - (p. 38).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Voices
“...ancora gli siete tenute per lo elemento dell’aria...” - (p. 38).	“Ancora gli siete tenute per lo elemento dell’aria...” - (p. 55).	“...ainda lhe sois devedoras pelo elemento ar...” - (p. 70 e p. 52 respectivamente).	“...ainda mais lhe deveis estar gratas pelo elemento ar...” - (p. 39).

essere tenuto: *essere tenuto a* – (seguito *spec. da un inf.*), *essere obbligato, in dovere: i candidati sono tenuti a presentarsi entro le otto.*

estar agradecido: *agradecer* – 1. mostrar-se grato por; 2. demonstrar, manifestar gratidão; 3. retribuir, recompensar.

ser obediente: *obedecer* – 1. sujeitar-se à vontade de; 2. estar sob a autoridade de; estar sujeito; prestar vassalagem.

O original enfatiza a gratidão; a tradução **Atena/Ediouro** enfatiza o dever.

- **gonfaloniere** (*F XVI* – Newton, p. 39; Garzanti, p. 56).

Zingarelli Maggiore: (*ant. Fr. Gonfalonier; av. 1292*)

1. *chi porta il gonfalone – bandiera delle antiche milizie; insegna degli antichi comuni.*
2. *magistrato dei comuni medievali, dapprima con specifiche funzioni e, in seguito, capo del governo civile; rappresentante.*

Em Voices temos |gonfaloneiro|²² e em Atena/Ediouro |condutor|²³.

²² MORAIS: p. 39.

No dicionário da língua portuguesa pesquisado:

gonfaloneiro:

1. aquele que levava o gonfalão; porta-bandeira.
2. magistrado municipal de certas repúblicas italianas da Idade Média.

Nesta escolha lexical, mais uma vez, temos a simplificação do vocábulo italiano por parte de **Atena/Ediouro**; a edição **Vozes** mantém – com sua escolha – a carga de época contida no texto original.

▪ **compieta** (*F XVII*)

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“...e la sera, detta Compieta , s’andò...” - (p. 39).	“E la sera, detta compieta , s’andò a dormire...” - (p. 57).	“... e à noite, depois das últimas horas canônicas , foi deitar-se...” - (p. 73 e p. 53 respectivamente).	“...e de tarde, ditas completas , foi dormir...” - (p. 40).

A paráfrase explicativa aparece novamente na tradução das editoras **Atena e Ediouro**. O termo usado em italiano *lcompieta* é traduzido pela edição **Vozes** pelo termo *lcompletas*; já **Atena/Ediouro** não opta pelo termo *lcompletas*, mas sim por explicar este termo – “últimas horas canônicas”. Escolha já antes citada em *FXXVIII*, na tradução de **Atena/Ediouro** da hora canônica *nona* (cf. p.28).

▪ **celluzza** (*F XVII* – Newton, p. 39; Garzanti, p. 57).

Zingarelli:dim. di *cella*

Cella

1. *camera dei frati e suore nel convento.*
2. *stanza di segregazione in stabilimenti di pena, collegi, accademie militari e sim.*
3. *(archeol.) parte interna e centrale del tempio antico col simulacro del dio.*
4. *vano ristretto e di piccole dimensioni adibito a usi particolari.*

“*celluzza*: ‘l’uso frequente dei diminutivi pare voglia sfumare le cose di umiltà per renderle più armoniche a quelle anime.’” [GARZANTI; p. 57].

Novamente encontramos diferença nas escolhas lexicais das traduções em questão:

Atena/Ediouro - *lpequena célula*²⁴ e **Vozes** - *lcoval*²⁵.

célula:

1. *Biol. Desus.* cavidade cheia de ar, delimitada por paredes, encontrada no súber.
2. *Biol.* Unidade estrutural básica dos seres vivos...
3. *Anat.* Pequeno interstício no tecido esponjoso dos ossos, ou de outros tecidos.
4. *Aer.* Conjunto de asas de um aparelho mais pesado que o ar.
5. *Fís.* Num espaço de fase, região limitada e definida pelas coordenadas das partículas do sistema que estão no interior de intervalos dados.
6. *Mús Concr.* Motivo melódico ou rítmico que pode aparecer isolado ou fazer parte de uma contextura temática.
7. *Mús.* Conjunto sem repetição nem evolução que não apresenta os caracteres definidos da nota complexa.

cova:

1. abertura na terra; escavação; buraco.
2. abertura que se faz na terra para plantar um vegetal ou lançar uma semente.
3. buraco onde se escondem certos animais; toca.
4. sepultura.
5. caverna, antro.

Aqui a análise se detém. Fica claro que o uso do vocábulo *lcelluzal* é um diminutivo – inferimos tanto pela nota dada pela editora Garzanti quanto pela definição dada pelo dicionário da língua italiana. O que não fica claro é a tradução do vocábulo *lcellal* dada pelas edições brasileiras.

Atena/Ediouro traduz como *lpequena célula*, sendo a referência do vocábulo português *lcélula* biológica, musical, aeronáutica. A edição **Vozes** - *lcoval* - parece trazer, ao

²⁴ CAPISTRANO: p. 74 (em Atena); p. 53 (Ediouro).

²⁵ MORAIS: p. 40.

menos à primeira vista, uma referência de morte, sepultura. Porém, o vocábulo original não possui nenhuma das duas referências semânticas, sendo muito mais próximo do campo semântico construção humana, religiosa.

Nota-se que na edição **Atena/Ediouro** manteve-se alguma referência ao diminutivo (questão esta importante já levantada anteriormente) - *pequenal*; já na edição **Vozes** não. Destaco, mais uma vez, a dificuldade da tradução dos vocábulos diminutivos italianos (*celletta*, *cellina*, *celluzza*).

- **campoletti** (*F XVII*) / **in campo, per letto** (*F XVII*).

As traduções são completamente diferentes uma da outra; enquanto em **Vozes** temos “dois em cada leito”, em **Atena/Ediouro** temos “tapeçarias”:

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“...e stava in uno luogo, nel quale i frati per necessità dormivano in campoletti .” – (p. 39).	“...e stando in uno luogo piccolo, nel quale i frati per necessità dormivano in campo, per letto ...” – (p. 57).	“...e se achava num pequeno convento, no qual os Irmãos por necessidade dormiam sôbre tapeçarias .” – (p. 73 e p. 53 respectivamente).	“...e estava em um pequeno convento no qual por necessidade os frades dormiam dois em cada leito .” – (p. 40).

Há realmente uma diferença entre os originais, mas não de tal proporção atingida pelas traduções. Afinal dormiam no chão ou dividiam cama?

CAMPOLETTO s.m.

0.1 *campoletti*.

0.2 *Lat. campoelectus (cfr. Morini, Fioretti, p. 110, n. 2).*

0.3 *Fioretti S. Francesco, 1370/90 (tosc.): 1.*

0.4 *Att. unica nel corpus.*

0.5 *Locuz. e fras. dormire in campoletti 1.*

0.7 1 *Fras. Dormire in campoletti: avere per letto la terra.*

0.8 *Rossella Mosti 19.09.2006.*

1 *Fras. Dormire in campoletti: avere per letto la terra.*

[1] Fioretti S. Francesco, 1370/90 (tosca.), cap. 17: *Uno fanciullo molto puro e innocente fu ricevuto all'Ordine, vivendo santo Francesco; e stava in un luogo piccolo, nel quale i frati per necessità dormivano in campoletti.*

Sendo assim, os irmãos não dormiam em camas e nem em tapeçarias, mas no chão. A idéia trazida por **Atena/Ediouro**, “dormiam sobre tapeçarias” é incabível em um ambiente franciscano *spirituale*, já que possui uma conotação de riqueza – conotação esta totalmente incoerente com os ideais franciscanos. A tradução **Vozes** perde completamente o sentido original.

- **valente uomo** (*F XVII* – Newton, p. 40; Garzanti, p. 58)

Zingarelli Maggiore:

1. *che ha molti pregi, doti, capacità.*
2. *che è molto capace ed esperto nella propria attività, professione; eccellente, provetto.*
3. *(disus.) efficace, valido, detto spec. di rimedio.*

Vozes - lhomem de valorl

valor: qualidade de quem tem força; audácia, coragem, valentia, vigor.

Atena/Ediouro - lhomem útil

útil:

1. que pode ter algum uso ou serventia.
2. proveitoso, vantajoso.

- “trovò ... col piè” (*F XVII*) e “co’ piedi trovò” (*F XVII*).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“...trovò il detto fanciullo, col piè , giacere nella via come morto, e per compassione sì lo levò e arrecollosi in braccia e portollo come fa il buono pastore alle sue pecore.” - (p. 40).	“...co’ piedi trovò il detto fanciullo giacere nella via come morto, e per compassione sel levò in braccio e riportollo a letto, come fa il buono pastore la sua pecora.” – (p. 58).	“...encontrou o dito rapaz que jazia como morto; e por compaixão o ergueu, e o recolheu nos braços, como faz o bom pastor às suas ovelhas.” – (p. 74 e p.53 respectivamente).	“...tropeçou no corpo do menino que jazia na estrada como morto, e por compaixão carregou-o nos braços e colocou-o no leito como faz o bom pastor com a sua ovelha.” - (p. 40).

As escolhas lexicais das traduções em português se dão: ltropeçoul e lencontroul.

tropeçar:

1. dar com o pé involuntariamente; dar topada; esbarrar.
2. encontrar empecilho ou obstáculo inesperado.
3. incorrer ou cair em erro; não atinar.
4. cair, incorrer.
5. vacilar, hesitar.

encontrar:

2. deparar com; achar.
3. defrontar-se, deparar com, dar de cara com.
4. dar com, atinar com, descobrir.
5. ir de encontro a, topar, chocar-se com.
6. dar de frente, ir de encontro, chocar.
7. topar por acaso, deparar fortuitamente.

As traduções têm conotação de choque, esbarrão, ao passo que o original é suave, indica somente um leve contato dos pés.

- **fedele / santo** (*F XVIII*).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“Il fedele servo di Cristo santo Francesco tenne una volta un Capitolo Generale a Santa Maria degli Agnoli...” - (p. 40).	“Il fedele servo di Cristo, santo Francesco, tenne una volta un Capitolo generale a Santa Maria degli Angeli...” - (p. 58)	“O fiel servo de Cristo, Francisco, teve uma vez um Capítulo Geral em Santa Maria dos Anjos...” - (p. 75).	“O fidelíssimo servo de Cristo monsior S. Francisco reuniu uma vez um capítulo geral em S. Maria dos Anjos...” - (p. 41).

A linguagem da edição **Vozes** – por suas escolhas lexicais – torna-se bem mais formal se comparada à tradução dada pelas Editoras **Atena** e **Ediouro**.

- **veramente** (*F XVIII*)

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“ Veramente questo sì è il campo e lo esercito de’ cavalieri di Dio!” - (p. 40).	“ Veramente questo è il campo e lo esercito de’ cavalieri di Dio.” - (p. 59).	“Na verdade êste é o campo, e o exército dos Cavaleiros de Deus.” - (p. 76 e p.55 respectivamente).	“ Em verdade , êste é o campo e o exército dos cavaleiros de Cristo.” - (p. 41).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“ Veramente Iddio ha cura speziale di questi santi poverelli...” - (p. 42).	“- Veramente Iddio ha cura speziale di questi santi poverelli...” - (p. 62).	“Na verdade , Deus tem um cuidado especial com estes santos pobres...” - (p. 78 e p. 57 respectivamente).	“ Deveras Deus dispensa cuidado especial a êstes santos pobrezinhos...” - (p. 43).

veramente: (avverbio di vero)

1. *realmente;*
2. *in frasi interrogative, esprime dubbio, meraviglia, incredulità e sim;*
3. *a dire il vero, però (in funzione limitativa, attenuativa, avversativa); tuttavia.*

Atena/Ediouro traduz o vocábulo *veramente* por seu sentido adversativo. Porém, no contexto da obra, o vocábulo original não possui sentido adversativo, mas sim de ênfase da ação.

Na tradução dada pela editora **Vozes**, temos “Em verdade”. Tal expressão em português possui uma conotação altamente religiosa (“Em verdade, em verdade vos digo...” –

sempre presente nos Evangelhos em traduções portuguesas correntes). O termo original “veramente” não possui esta conotação – em italiano tal conotação evangélica fica com a expressão “In verità, in verità, vi dico...”.

• **tetti** (*F XVIII*).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“Erano in quel campo tetti di graticci e di stuoie, e distinti per torme, secondo i frati di diverse Provincie...” – (p. 40).	“Ed erano in quel campo tetti di graticci e di stuoie, distinti per torme, secondo frati di diverse provincie.” – (p. 60).	“Havia naquele campo leitos de vime e de esteira, distintos por turma, segundo os Irmãos das diversas Províncias...” – (p. 76 e p.55 respectivamente).	“E havia naquele campo cabanas de vime e de esteiras, divididas em turmas para os irmãos das diversas províncias...” – (p. 42).

As traduções apresentam soluções bem diferentes para o vocábulo |tetti|: |leitos| e |cabanas|.

tetto:

1. *copertura a spioventi di un edificio, costituita solitamente da una intelaiatura di travi o da solai inclinati ricoperti da tegole, embrici, coppi, oppure lamiere ondulate, (...), e sim;*
2. *casa, dimora, abitazione;*
3. *copertura, parte superiore.*

leito:

1. armação de madeira, ferro, vime, etc que sustenta o enxergão e o colchão da cama;
2. a própria cama;
3. tudo aquilo em que alguém se deita ou se pode deitar como um leito.

cabana: habitação precária e rústica.

A edição **Atena/Ediouro** escolhe um termo que não corresponde ao original. Um “leito” não é um “tetto”.

Já a **Vozes** traz o sentido do termo italiano e opta pela tradução consagrada do termo em português – “cabana”. Nas referências em língua portuguesa ao “Capítulo das Esteiras” (episódio referido no *fioretto* em questão), o termo adotado é, quase sempre, “cabanas”.

- “**piana terra**” (*F XVIII*).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“I letti loro si era la piana terra , e chi avea un poco di paglia...” - (p.40).	“I letti loro si era la piana terra , e chi avea un poco di paglia...” - (p. 60).	“Os seus leitos eram na terra limpa , e aí havia um pouco de palha...” – (p. 76 e p.55 respectivamente).	“Os leitos deles eram a terra nua , e alguns tinham uma pouca palha...” – (p. 42).

No latim **planus**: 1. plano, liso, uniforme, de superfície plana, chato. 2. fácil, sem asperezas. 3. claro, manifesto, nítido, evidente.

piana terra: *piano di casa a livello del suolo stradale o quasi.*

Ambas as traduções optam por expressões que adjetivam terra. Nenhum delas opta pelo termo mais freqüente, corrente e, ao mesmo tempo antigo, em português, que é simplesmente “chão”.

- **stropicció** (*F XVIII* – Newton, p.40; Garzanti, p. 59).

Zingarelli maggiore: *lo stropicciare continuo; rumore di cosa stropicciata; tramestio, scalpaccio.*

Tramestio: *movimento continuo e disordinato di persone o cose; il rumore che ne deriva.*

Zingarelli minore: *stropicciamento continuo; rumore di cosa, spec. piedi, stropicciata.*

Soluções para o vocábulo dadas nas traduções brasileiras: **Atena/Ediouro** - |perturbação|; **Vozes** - |contenda|.

No Aurélio:

perturbação:

1. ato ou efeito de perturbar-se.
2. estado de quem se acha perturbado.
3. perplexidade, hesitação, embaraço.
4. transtorno, desordem, confusão, tumulto.
5. tontura, estonteamento, vertigem.
6. alteração das características físicas que se verifica em qualquer ponto de um meio, como, p. ex., uma variação de densidade, de temperatura, dos campos elétrico e magnético.
7. *patol.* distúrbio no desempenho de uma função física ou psíquica.

contenda:

1. debate, altercação, disputa, controvérsia.
2. guerra, luta, combate, peleja.
3. *fig.* esforço para conseguir alguma coisa.

Ambas as traduções perdem a referência semântica do termo original, já que nenhuma das soluções propostas pelas editoras traz, em si, a idéia de barulho provindo da reunião de pessoas – o termo original tem **sim** uma grande carga semântica de barulho repetido (o sufixo *-ío* em italiano indica a ação continuada de um verbo)²⁶ e não de luta, como no caso do termo adotado pela **Vozes**, ou de inquietude dada pelo termo da **Atena/Ediouro**. Perda da sonoridade.

■ **lieta** (*F XVIII*).

Newton	Garzanti	Adelino Capistrano	Durval de Moraes
“E tutti quanti ricevettono questo comandamento con allegro cuore e lieta faccia.” - (p. 41).	“E tutti quanti ricevettono questo comandamento con allegro cuore e lieta faccia.” - (p. 61).	“...e todos quantos receberem esta ordem com coração alegre e com rosto satisfeito .” - (p. 77 e pp. 56-57 respectivamente).	“E todos êles receberam êste mandamento com o coração alegre e com a face risonha .” - (p. 42)

26 Cf. *I Pastori* de Gabriele D'Annunzio: Ora lungh'esso il litoral cammina / la greggia. Senza mutamento è l'aria. / Il sole imbionda sì la viva lana / che quasi dalla sabbia non divaria. / **Isciacquío, calpestío**, dolci romori.

lieta:

1. *che sente, che esprime contentezza; felice, beato; allegro, contento, gaio.*
2. *che riempe di gioia, che dà allegrezza; ameno; gioioso; (raro) prospero.*
3. *fertile, rigoglioso.*

satisfeito:

1. que se satisfez.
2. saciado, repleto, farto.
3. alegre, prazenteiro, contente.
4. executado, realizado, feito.

risonho:

1. que ri ou sorri.
2. contente, alegre, satisfeito.
3. agradável, aprazível, deleitoso.
4. cheio de promessas, promissor.

■ **somieri** (*F XVIII*).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“Ed eccoti subitamente venire delle predette terre uomini con somieri , cavalli, carri, carichi di pane e di vino, di fave, di cacio e d’altre buone cose da mangiare...” – (p. 41).	“Ed ecco subitamente venire delle dette terre uomini con somieri , cavalli, carri, caricati di pane e di vino e di fave e di cacio e d’altre buone cose da mangiare...” – (p. 62).	“E viu-se subitamente chegar das referidas terras homens com bêstas de carga , cavalos, carros, carregados de pão e de vinho, de legumes e de queijo, e de outras boas coisas para comer...” – (p. 78 e p.57 respectivamente).	“E eis que subitamente chegam das ditas terras homens com jumentos , cavalos, carros carregados de pães e de vinhos, favas, queijos e de outras boas coisas de comer...” – (p. 43).

somiere: (lett.) bestia da soma.

A tradução **Vozes** particulariza um termo geral.

- **fave** (*F XVIII*).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Voze
“Ed eccoti subitamente venire delle predette terre uomini con somieri, cavalli, carri, carichi di pane e di vino, di fave , di cacio e d’altre buone cose da mangiare...” – (p. 41).	“Ed ecco subitamente venire delle dette terre uomini con somieri, cavalli, carri, caricati di pane e di vino e di fave e di cacio e d’altre buone cose da mangiare...” – (p. 62).	“E viu-se subitamente chegar das referidas terras homens com bēstas de carga, cavalos, carros, carregados de pão e de vinho, de legumes e de queijo, e de outras boas coisas para comer...” – (p. 78 e p. 57 respectivamente).	“E eis que subitamente chegam das ditas terras homens com jumentos cavalos, carros carregados de pães e de vinhos, favas , queijos e de outras boas coisas de comer...” – (p. 43).

fava:

1. *planta erbacea delle Papilionacee con foglie composte paripennate, fiori di color bianco o violaceo in racemi e legumi scuri contenenti semi verdastrì – il seme comestibile di tale pianta.*

fava:

1. planta do caule ereto, ornamental, da família das leguminosas, dotada de propriedades medicinais, cujas flores são alvas ou róseas, com máculas negras nas asas, dispostas em racimos axilares, e cujo fruto é vagem viscosa, verde ou preta, comestível, contendo várias sementes – a vagem ou semente dessa e doutras plantas.

legume:

1. *morfologia vegetal* – fruto seco, que se abre por duas fendas, característico das leguminosas e constituído de um só carpelo; vagem.
2. *bras. hortaliça.*

Temos que a tradução de **Atena/Ediouro** opta por um termo mais geral *legumel*. O que, de certa forma, simplifica o texto.

■ **ciotole** (*F XVIII*).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“Oltre a questo, recavano tovaglie, orciuli, ciotole , bicchieri e altri vasi che faceano mestieri a tanta moltitudine.” – (p. 41).	“Oltr’a questo, recavano tovaglie e orciuoli e bicchieri e altri vasi, che faceano mestieri a tanta moltitudine....” – (p. 62).	“Além disso, traziam toalhas, cântaros, escudelas , copos e outros vasos, de que carecia aquela multidão...” – (p. 78 e p. 57 respectivamente).	“Além disso traziam toalhas, púcaros, garrafas , copos e outros vasos de que tal multidão havia mister.” – (p. 43).

Em primeiro lugar, é preciso notar a ausência do termo em questão no original dado pela Editora Garzanti.

ciotola:

1. *piccolo recipiente a forma di tazza senza manico, in legno, plástica o metallo, destinato spec. a contenere liquidi.*
2. *ciò che è contenuto in tale recipiente.*

garrafa: vaso, comumente de vidro, com gargalo estreito, e destinado a conter líquidos.

escudela: tigela de madeira, pouco funda.

Aqui, ambas as traduções não abarcam inteiramente o significado do vocábulo italiano.

■ **fare mestieri** (*F XVIII*).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“Oltre a questo, recavano tovaglie, orciuli, ciotole, bicchieri e altri vasi che faceano mestieri a tanta moltitudine.” – (p. 41).	“Oltr’a questo, recavano tovaglie e orciuoli e bicchieri e altri vasi, che faceano mestieri a tanta moltitudine....” – (p. 62).	“Além disso, traziam toalhas, cântaros, escudelas, copos e outros vasos, de que carecia aquela multidão...” – (p. 78 e p. 57 respectivamente).	“Além disso traziam toalhas, púcaros, garrafas, copos e outros vasos de que tal multidão havia mister.” – (p. 43).

O termo “far mestieri” no século XIV é comum e corresponde a “precisar” – *far mestieri: esser necessario*. A tradução **Vozes** do trecho é bem “arcaizante”, a **Atena/Ediouro**, rebuscada.

- **beato** (*F XVIII*).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“E beato si riputava chi più cose potesse portare, o più sollecitamente servire...” – (p. 41).	“E beato si riputava chi più cose poteva recare o più sollecitamente servire...” – (p. 62).	“...e bem-aventurado se reputava quem mais coisas pudesse transportar, ou mais sollicitamente servir...” – (p. 78 e p.57 respectivamente).	“E bendito se considerava quem mais coisas podia trazer ou mais sollicitamente servia...” – (p. 43).

O vocábulo italiano *beato* aqui (e muitas vezes em italiano) não possui necessariamente conotação religiosa. É, ainda hoje, sinónimo de “feliz” (cf. “*Beato te, che sei in vacanze*”).

As traduções: *bem-aventurado* e *bendito* possuem carga religiosa predominante em português.

- **recare / portare** (*F XVIII*).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“E beato si riputava chi più cose potesse portare , o più sollecitamente servire, in tanto ch’eziandio i cavalieri e li baroni e altri gentili uomini che veniano a vedere, con grande umiltà e divozione servirono loro innanzi.” – (pp. 41-42).	“E beato si riputava chi più cose poteva recare o più sollecitamente servire; in tanto che eziandio i cavalieri e baroni e altri gentili uomini che venivano a vedere, con grande umiltà e divozione servivano loro innanzi.” – (p. 62).	“...e bem-aventurado se reputava quem mais coisas pudesse transportar , ou mais sollicitamente servir; enquanto que também os Cavaleiros, e os Barões, e os outros gentis homens, que vinham ver, com grande humildade e devoção os serviam em primeiro lugar.” – (p. 78 e p.57 respectivamente).	“E bendito se considerava quem mais coisas podia trazer ou mais sollicitamente servia; de modo que até os cavaleiros, os barões e outros gentis homens, que tinham vindo para ver, com grande humildade e devoção serviam-nos também.” – (p. 43).

recare:

1. *portare, condurre.*
2. *avere su di se.*

3. *arrecare, causare, produrre.*

4. *riportare, ridurre.*

portare:

1. *sostenere su di se un oggetto, un peso e sim. per muoverlo, spostarlo e sim.*

2. *consegnare, recare, dare.*

3. *accompagnare, condurre.*

4. *fare arrivare.*

transportar:

1. conduzir ou levar de um lugar para outro, transpor.

2. extasiar, enlevar, arrebatr.

3. pôr em comunicação, transmitir.

Atena/Ediouro opta por solução erudita, inadequada à simplicidade do texto.

- **noia** (*F XIX*).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“...e per la moltitudine de surci che gli faceano grandissima noia ...” - (p. 42).	“...e per la moltitudine de’ topi che gli facevano grandissima noia ...” - (p. 64)	“...e da multidão de ratos, que lhe causavam grande nojo ...” - (p. 81 e p. 59 respectivamente).	“...pela grande quantidade de morcegos que o incomodavam muitíssimo...” - (p. 44).

A tradução do termo denuncia, mais uma vez, a incoerência tradutória da edição **Atena/Ediouro** – ora arcaizante, ora simplificante. Quando traduz o termo lnoial, opta por lnojol - escolha arcaizante que desorienta o leitor, por ser facilmente, hoje, tomada como sinônimo de repugnância.

- **dolcezza** (*F XX* – Newton, p. 44; Garzanti, p. 67).

Eis as soluções trazidas em nossas traduções: *doçura* - **Atena Ediouro** e *lenleiol* - **Vozes**. Novamente aqui temos que a escolha lexical diz muito da leitura da obra pelos

tradutores, assim como o leitor que se projeta dentro de cada tradução. O vocábulo *ldolcezza* é totalmente acessível a qualquer leitor italiano; enquanto, na tradução da Editora Vozes, temos o vocábulo *lenleiol* que comporta um leitor mais culto da língua portuguesa.

enleio:

1. ato ou efeito de enlear-se.
2. laço, enlace, enredo.
3. confusão, perplexidade, dúvida.
4. embaraço, acanhamento, acanho.
5. atrativo irresistível, encanto, deleite, êxtase.

▪ **duro** (*F XX*).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“E, però, figliuolo, non ti sai duro portare il sacco della religione così fruttuoso...” – (p. 45).	“E però, figliuolo, non ti sia duro di portare il sacco della Religione così fruttuoso...” – (p. 68).	“E por isso, meu filho, que não te seja penoso carregar o saco da Religião tão fruttuoso...” – (p. 87 e p. 62 respectivamente).	“E, portanto, filho, não te seja molesto trazer o saial da Ordem tão fruttuoso...” – (p. 47).

duro:

1. *che non si lascia intaccare, scalfire e sim.*
2. *che cede con difficoltà, che è privo di elasticità.*
3. *aspro, spiacevole, doloroso.*
4. *rigido, severo, inflessibile.*
5. *difficile, arduo.*

penoso:

1. que causa pena ou sofrimento.
2. que incomoda.
3. que produz dor; doloroso.
4. difícil, complicado.

molesto:

1. que causa moléstia ou doença; prejudicial à saúde; nocivo.

2. que causa aborrecimento; enfadonho, incômodo, molesto.
3. árduo, penoso, trabalhoso.
4. importuno, impertinente.
5. mau, perverso, maligno.

Os vocábulos escolhidos pelos tradutores privilegiam aspectos particulares do vocábulo italiano, um aspecto da denotação.

- **simile vestimento** (*F XX*).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“... però che se col sacco di santo Francesco per lo amore di Cristo tu disprezzerei il mondo e mortificherei la carne e contro al demonio combatterai valentemente, tu avrai insieme con noi simile vestimento e chiarità di gloria.” - (p. 45).	“... però che, se col sacco di santo Francesco per amore di Cristo tu dispregerai il mondo e mortificherei la carne e contra il demonio combatterai valentemente, tu avrai insieme con noi simile vestimento e chiarità di gloria.” - (p. 68).	“... porquanto, se com o saco de S. Francisco, pelo amor de Cristo, desprezares o mundo, e mortificares a carne, e contra o Demônio combateres valentemente, terás como nós roupas iguais , e claridade de glória.” - (p. 87 e p.62 respectivamente).	“... porque, se com o saco de S. Francisco desprezares o mundo e mortificares a carne, e contra o demônio combateres valentemente, terás conosco semelhante veste e claridade de glória.” - (p. 47).

- **cittadino** (*F XXI* – Newton, p. 45; Garzanti, p. 69).

A edição **Vozes** traduz o vocábulo *lcittadinol* por *lcitadinol*; **Atena/Ediouro** o traduz por *lcidadãol*. A escolha da **Vozes** causa estranhamento para um leitor brasileiro não culto. O termo *lcittadinol* não causa estranhamento ao leitor italiano comum.

- **giacere** (*F XXI*).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“Immantanente che santo Francesco ebbe fatta la croce, il lupo terribile chiuse la bocca e ristette di correre; e fatto il comandamento,	“Immantanente che santo Francesco ebbe fatta la croce, il lupo terribile chiuse la bocca, e ristette di correre. E fatto il	“Imediatamente depois que S. Francisco fez a Cruz, o terrível lobo fechou a boca, e deixou de correr; e dada a ordem, veio	“...imediatamente após S. Francisco ter feito a cruz, o lobo terrível fechou a boca e cessou de correr; e dada a ordem, vem

venne mansuetamente come agnello, e gittossi alli piedi di santo Francesco a giacere. ” - (p. 45).	comandamento, venne mansuetamente come uno agnello, e gittossi a’ piedi di santo Francesco a giacere. ” – (p. 70).	mansamente, como um cordeiro, e lançou-se aos pés de S. Francisco, onde ficou. ” - (p. 90 e p. 63 respectivamente).	mansamente como um cordeiro e se lança aos pés de S. Francisco como morto. ” - (p. 48).
---	--	---	--

giacere:

1. *stare disteso; rimanere esanime al suolo.*
2. *essere situato; posto.*
3. *appartenere a.*
4. *stare inerte, inattivo.*
5. *rimanere abbattuto senza capacità di riprendersi; essere depresso, avvilito.*

ficar:

1. estacionar (em algum lugar); não sair dele; permanecer.
2. estar situado.
3. permanecer em determinada disposição de espírito ou situação.
4. continuar, permanecer.
5. permanecer, conservar-se, demorar-se, deter-se, quedar-se.

morto:

1. que morreu, defunto, falecido.
2. inerte, insensível.
3. paralisado, entorpecido.
4. extinto, apagado.
5. acabado, terminado, encerrado.
6. desvanecido, esvaecido, desmaiado, desbotado.
7. esquecido, olvidado.
8. sem brilho, sem expressão, inexpressivo.
9. sem atividade, sem vida.
10. muito fatigado, exausto.

A conotação de morte trazida pela tradução **Vozes** é imprópria do contexto, que fala de preservação da vida do lobo, graças à intervenção de São Francisco.

Atena/Ediouro não explicita a posição de “reverência” do animal perante seu defensor.

- **usare / figliare (F XXII).**

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“Ed elleno, usandosi , cominciarono a fare uova e figliare dinanzi alli frati, e così domesticamente si stavano e usavano con santo Francesco e con gli altri frati, come se fussono state galline sempre nutricate da loro.” – (p. 47).	“Ed elleno usandogli , cominciarono a fare uova e figliare innanzi a’ frati; e così domesticamente si stavano e usavano con santo Francesco e con gli altri frati, come s’elle fussino state galline sempre nutricate da loro.” – (p. 74).	“...e elas, aninhando-se , começaram a botar ôvo, e a ter filhotes diante dos Irmãos: “e tão domesticamente viviam em relações com S. Francisco e com os outros Irmãos”, como se fôssem galinhas, sempre alimentadas por êles...” – (p. 93 e p. 66 respectivamente).	“E elas, usando-os , começaram a pôr ovos e criar os filhos diante dos frades: e assim domesticamente viviam e tratavam com S. Francisco e com os outros frades, como se fôssem galinhas sempre criadas por êles.” – (p. 50).

No primeiro verbo – “usare” – nota-se o eufemismo sexual presente ainda hoje na linguagem popular. Quando nos transportamos para a tradução **Vozes**, a conotação sexual perde-se totalmente, chegando o trecho a ficar estranho. Já na tradução dada por **Atena/Ediouro**, o verbo “aninhar-se”, pouco recupera da conotação sexual original.

Para o segundo verbo:

***figliare**: generare, partorire, detto spec. di animali; produrre frutti, delle piante e della terra; produrre, causare.*

Em **Atena/Ediouro** temos uma opção mais próxima do mundo animal – “filhotes”; e o verbo “ter” nos dá idéia mais clara de dar à luz. Em **Vozes**, a palavra “filhos” parece humanizar os pássaros em questão; o verbo “criar” dá a noção dos cuidados pós parto e não apenas do nascimento.

- **grandissima / poverissimo (F XXIV).**

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“Di che il Soldano cominciò avere grandissima divozione in lui, sì per la costanza della fede sua, sì per lo dispregio del mondo che vedea in lui, imperò che nessuno dono volea da lui ricevere, essendo	“Di che il Soldano cominciò ad avere grande divozione di lui, e per la costanza della fede sua, e sì per lo dispregio del mondo che vedeva in lui: imperò che nullo dono da lui voleva ricevere,	“Com isso, o Sultão começou a ter imenso respeito por êle, já pela constância da sua fé, já pelo desprezo do mundo, que nêle via; porquanto nenhum presente desejava receber dêle, sendo	“Pelo que o sultão começou a ter grandíssima devoção por êle, tanto pela constância de sua fé, como pelo desprezo do mundo que nêle via; porque nenhum dom queria dêle receber,

poverissimo , e sì eziandio per lo fervore del martirio, il quale in lui vedeva.” – (p. 48).	essendo poverissimo , e sì eziandio per lo fervore del martirio che in lui vedeva.” – (pp. 76-77).	paupérrimo ; e também pelo ardor, que nêlê via.” – (p. 97 e p. 68 respectivamente).	sendo pobríssimo ; e também pelo fervor do martírio que nêlê via.” – (p. 51).
---	---	--	--

Notar aqui as soluções dadas nas traduções para o superlativo.

- **fervore del martirio** (F XXIV).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“Di che il Soldano cominciò avere grandissima divozione in lui, sì per la costanza della fede sua, sì per lo dispregio del mondo che vedea in lui, imperò che nessuno dono volea da lui ricevere, essendo poverissimo , e sì eziandio per lo fervore del martirio , il quale in lui vedeva.” – (p. 48).	“Di che il Soldano cominciò ad avere grande divozione di lui, e per la costanza della fede sua, e sì per lo dispregio del mondo che vedeva in lui: imperò che nullo dono da lui voleva ricevere, essendo poverissimo , e sì eziandio per lo fervore del martirio che in lui vedeva.” – (pp. 76-77).	“Com isso, o Sultão começou a ter imenso respeito por êle, já pela constância da sua fé, já pelo desprêzo do mundo, que nêlê via; porquanto nenhum presente desejava receber dêle, sendo paupérrimo ; e também pelo ardor , que nêlê via.” – (p. 97 e p. 68 respectivamente).	“Pelo que o sultão começou a ter grandíssima devoção por êle, tanto pela constância de sua fé, como pelo desprêzo do mundo que nêlê via; porque nenhum dom queria dêle receber, sendo pobríssimo ; e também pelo fervor do martírio que nêlê via.” – (p. 51).

Atena/Ediouro traduz “fervore del martirio” por “ardor”, simplesmente.

- **“prendette commiato da”** (F XXIV).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“...e raunatili tutti insieme, ritornò al Soldano e prendette commiato da lui .” – (p.49).	“E ragunatogli tutti insieme, ritornò al Soldano e prese commiato da lui .” – (pp. 77-78).	“... e reunidos todos, foi até o Sultão, e obteve dêle licença para partir .” – (p. 98 e p.69 respectivamente).	“... e reunindo todos os seus voltou ao sultão e despediu-se .” – (p. 52).

prendere commiato da: permesso di allontanarsi, di partire.

SIN. Congedo, licenza, partenza, separazione.

Temos em Durval uma perda significativa da referência do “pedir permissão” // *prendere commiato*, expressão esta própria para indicar que alguém se despede, respeitosamente, de uma autoridade.

- **protervo** (*F XXV*).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“...nel quale era uno lebbroso sì impaziente e sì incompotabile e protervo , ch’ogni uno credeva di certo e così era, che fusse invasato dal dimonio...” – (p. 50).	“...nel quale era uno lebbroso sì impaziente e sì incompotabile e protervo , che ognuno credea, e così era di certo, che fosse invasato dal dimonio...” – (p. 79).	“...no qual havia um leproso tão impaciente, e tão intolerável e protervo que todo o mundo julgava, e assim era, que estivesse com o Demônio no corpo...” – (p. 101).	“...no qual havia um leproso tão impaciente e insuportável e arrogante que cada um acreditava certamente, e assim o era, estar possuído do demônio.” – (p. 53)

Desta vez, a edição **Vozes** opta por um vocábulo mais comum e a da **Atena/Ediouro** por um mais rebuscado.

- **Borgo Santo Sipolcro** (*FXXVI*).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“Santo Francesco andò una volta per lo diserto del Borgo a Santo Sipolcro , e passando per uno castello che si chiama Monte Casale...” – (p. 51).	“Santo Francesco andò una volta per lo distretto del Borgo a San Sipolcro , e passando per uno castello che si chiamava Monte Casale...” – (p. 82).	“S. Francisco, uma vez, se dirigia pelo deserto de Borgo a S. Sepulcro , e passando por um castelo, que se chama Monte Casale...” – (p. 105 e p. 73 respectivamente).	“S. Francisco foi uma vez pelo deserto do burgo de santo Sepulcro , e passando por um castelo que se chama Monte Casal...” – (p. 56).

Sansepolcro (antigamente **Borgo a Santo Sipolcro**) é um *comune* na província de Arezzo. A fundação do centro histórico remonta ao século X; segundo a tradição local foi obra de Arcano e Egídio, dois peregrinos que, retornando da terra santa, ali fundaram uma comunidade monástica. Ao redor do monastério desenvolveu-se, sucessivamente, o núcleo do centro histórico que alcançou sua fisionomia atual no início do século XIV.

A tradução **Vozes** deixa a desejar no que se refere à menção a este *comune* italiano. Pois é nome de referência é Borgo a Santo Sipolcro; quando traduz por “burgo de Santo Sepulcro” a menção particular a este *comune* se perde.

- **soleva** (*F XXVI*).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“...che per nessuno modo egli potea resistere al sonno e vegghiare come soleva .” - (p. 53).	“...che per veruno modo poteva resistere al sonno e vegghiare come e’ soleva .” – (p. 86).	“...que de modo algum podia resistir ao sono, e velar como costumava .” – (p. 108 e p. 75 respectivamente).	“...que por maneira nenhuma podia resistir ao sono e vigiar como soía .” - (p. 59).

A edição **Vozes** traduz por *soía* e **Atena/Ediouro** por *lcostumaval*. Aqui a escolha lexical comportou apenas maior formalidade na linguagem da tradução da editora **Vozes**.

Atena/Ediouro, uma vez mais, deixou de lado a proposta arcaizante anunciada por Leoni (cf.

Capítulo 2 – 2.2).

- **convenire** (*F XXVI* e *F LI*)

FXXVI

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“E dissegli l’Agnolo: ‘Passa questo ponte, e al tutto te lo conviene passare ’.” - (p. 54).	“E dissegli l’angelo: - Passa questo ponte, e al tutto ti conviene passare .” – (p. 88).	“... e disse-lhe o Anjo: Passa esta ponte, e deves passá-la tôda .” – (p. 110 e p. 76 respectivamente).	“... e o anjo lhe disse: Passa por esta ponte, que por tudo te convém passar .” - (p. 60).

As traduções trazem soluções diferentes, que comportam interpretações distintas. A de **Atena/Ediouro** nos faz entender que o “frate” deve passar a ponte toda, inteira. Em **Vozes**, ao *frate* convém passar por tudo.

O texto refere-se à ponte. O *frate* deve passar a ponte por inteiro e não por tudo.

Temos que em italiano medieval e clássico o verbo *convenire* indica necessidade e não conveniência (cf. *esser convenuto*, p. 90). Sendo assim, **Vozes** erra.

F LI

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“...e che di quella infermità dovea morire, ma non così di subito, e dopo la morte dovea andare a paradiso, però	“...e che di quella infermità dovea morire; ma non così di subito dopo la morte dovea andare a Paradiso, però	“...e que ele devia morrer daquela enfermidade; mas tão de pronto, e que depois da morte devia ir para o	“...e que daquela enfermidade devia morrer, mas não subitamente, e depois da morte devia ir ao

che convenia un poco purgarsi in purgatorio.” - (p. 87).	che convenia un po’ purgarsi in purgatorio.” – (p. 155).	Paraíso, embora devesse limpar-se um pouco no Purgatório.” – (p. 196 e p. 129).	paraíso, porque convinha um pouco purgar-se no purgatório.” - (p. 104).
---	---	--	--

Neste exemplo temos **Atena/Ediouro** temos um equívoco derivado, provavelmente, de um problema de revisão – “...mas tão de pronto...” que em italiano “...ma **non** così subito...”. Verifica-se ser problema de revisão, pois na edição de 1937 da mesma tradução temos “...mas não tão de prompto...” (CAPISTRANO, 1937, p. 177). Porém destaco que o equívoco é publicado por Atena (sem data) e Ediouro (sem data).

Vozes interpreta bem o *però che*, mas erra em *conviene*; o irmão, neste *fioretto*, não iria ao paraíso logo após a morte porque **precisava** purificar-se.

- **caco** (*F XXIX* – Newton, p. 59; Garzanti, p. 97).

cacare: = *cagare* – (*volg*) *defecare, andare di corpo; eliminare, espellere dal corpo*.

Atena/Ediouro - *lcagarl* 27.

Vozes - *lencher de estêrcol* 28.

Mais uma vez, a escolha lexical da edição **Vozes** eufemiza, aqui por meio de uma perífrase. **Atena/Ediouro** usa o termo comum.

- **brache / panni di gamba** (*F XXX*).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“E allora disse santo Francesco: ‘Però che tu non hai ubbidito prestamente, ti comando per santa obbidienza che ignudo	“Allora disse santo Francesco: - Poiché tu non m’hai ubbidito prestamente, sì ti comando per santa obbedienza che, ignudo	“E então S. Francisco disse: Visto que não obedeceste imediatamente, eu te ordeno por santa obediência que, nu	“Então disse S. Francisco: Por não teres obedecido prontamente, ordeno-te pela santa obediência que nun como nasceste, somente
come nascesti, colle sole brache , tu vada a Sciesi, ed entri in una chiesa così ignudo e	solo co’ panni di gamba , tu vada ad Ascesi ed entri in una chiesa e così ignudo	como nasceste, apenas com os calções , vás a Assis, e entres numa igreja assim despido, e	de bragas , vás a Assis, entres numa igreja e assim nu pregues ao povo.” (p. 77)

27 CAPISTRANO: p. 123 (em Atena); p. 84 (em Ediouro).

28 MORAIS: p. 66.

predichi al popolo’.” (p. 60)	predichi al popolo.” (p. 100)	pregue ao povo.” (p. 127)	
-------------------------------	-------------------------------	---------------------------	--

Zingarelli maggiore:

braca:

1. (raro) ognuna delle due parti che costituiscono i calzoni.
2. (spec. al pl.) un tempo, ampi calzoni, lunghi fino al ginocchio; (sett.) pantaloni, calzoni.

Aqui também temos uma divergência entre os manuscritos reproduzidos. A edição da Garzanti não traz o termo *brachel*, mas sim *lpanni di gambal*.

As traduções também divergem bastante na escolha lexical. Mais uma vez encontramos um termo muito acessível em **Atena/Ediouro** e um bem raro **Vozes** - *lcalções* *lbragas* respectivamente. O termo utilizado na edição **Vozes** é bem mais específico e traz também consigo a raridade do termo *brachel* no italiano de hoje.

No dicionário da língua portuguesa:

braga: calção, geralmente curto e largo, que se usava outrora.

- **Padre mio reverendo** (*F XXXVIII* – Newton, p. 68; Garzanti, p. 116).

Vozes: “Meu venerando padre...”²⁹.

Atena/Ediouro: “Meu venerando Pai...”³⁰.

A tradução do vocábulo italiano *lpadrel* pelo português *lpadrel* em **Vozes** torna o trecho bem mais clericalizado que em **Atena/Ediouro**.

²⁹ MORAIS: p. 79.

³⁰ CAPISTRANO: p. 148 (em Atena); p. 99 (em Ediouro).

● **riprese** (*F XL*).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Voze
“...per gli animali non ragionevoli una volta tra l’altre, cioè per li pesci, riprese la sciocchezza degli infedeli eretici, a modo come anticamente nel vecchio Testamento per la bocca dell’asina avea ripresa la ignoranza di Balaam.” - (p. 70).	“...per gli animali non ragionevoli, una volta fra l’altre, cioè per li pesci, riprese la sciocchezza degli infedeli eretici, a modo come anticamente nel Vecchio Testamento per la bocca dell’asina avea ripresa la ignoranza di Balaam.” - (pp. 119-120).	“...pelos animais destituídos de entendimento, isto é, pelos peixes, contrariando a estupidez dos infieis heréticos, como antigamente no Velho Testamento, pela boca da Burra contrariara a ignorância de Balaão.” - (p. 153 e p. 102 respectivamente).	“...e pelos animais irracionais, uma vez entre outras, isto é, pelos peixes, repreendeu a insensatez dos infieis heréticos, como antigamente no velho Testamento, pela bôca da jumenta repreendera a ignorância de Balaão.” - (p. 81).

riprendere:

1. *prendere di nuovo, un'altra volta.*
2. *prendere indietro ciò che si è dato, prestato, affidato in custodia.*
3. *rioccupare; riconquistare.*
4. *recuperare.*
5. *tornare a colpire.*
6. *biasimare, ammonire qualcuno.*

reprender:

1. advertir, censurar ou admoestar com energia.
2. argüir, increpar, acusar.

contrariar:

1. fazer oposição a; estorvar; embaraçar.
2. dizer, fazer ou querer o contrário de; contestar.
3. causar descontentamento a; aborrecer, descontentar, desgostar.
4. estar ou agir em contradição consigo mesmo; contradizer-se.
5. fazer oposição recíproca.

A tradução **Atena/Ediouro** não abarca o significado de *riprendere* ao dar como solução tradutória o verbo “contrariar”. Santo Antônio não contraria os fiéis, mas os repreende através de sua pregação aos peixes.

■ **sciocchezza** (*F XL*)

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“...per gli animali non ragionevoli una volta tra l’altre, cioè per li pesci, riprese la sciocchezza degli infedeli eretici, a modo come anticamente nel vecchio Testamento per la bocca dell’asina avea ripresa la ignoranza di Balaam.” - (p. 70).	“...per gli animali non ragionevoli, una volta fra l’altre, cioè per li pesci, riprese la sciocchezza degli infedeli eretici, a modo come anticamente nel Vecchio Testamento per la bocca dell’asina avea ripresa la ignoranza di Balaam.” - (pp. 119-120).	“...pelos animais destituídos de entendimento, isto é, pelos peixes, contrariando a estupidez dos infieis heréticos, como anticamente no Velho Testamento, pela boca da Burra contrariara a ignorância de Balaão.” - (p. 153 e p. 102 respectivamente).	“...e pelos animais irracionais, uma vez entre outras, isto é, pelos peixes, repreendeu a insensatez dos infieis heréticos, como anticamente no velho Testamento, pela bôca da jumenta repreendera a ignorância de Balaão.” - (p. 81).

sciocchezza:

1. *condizione di chi (o di ciò che) è sciocco – che non ha giudizio, senno, criterio, intelligenza.*
2. *azione, parola, fatta o detta senza riflettere, senza prudenza.*
3. *cosa da nulla, inezia.*

O vocábulo *sciocchezza* em italiano é familiar, leve, enquanto as soluções apresentadas nas traduções brasileiras – “estupidez” e “insensatez” – possuem um caráter mais erudito, pesado.

estupidez:

1. *qualidade de estúpido; falta de inteligência, de discernimento.*
2. *palavra, ação, procedimento, que denota estupidez, asneira.*
3. *Bras. grosseria, descortesia, incivilidade, indelicadeza.*

insensatez: qualidade, ato ou dito de insensato.

insensato:

1. *falto de senso ou razão; demente, louco.*
2. *que não revela bom senso.*

- **miei frati** (*F XLV*).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“...va’ a Santo Stefano dove predica uno de’ miei frati... ” - (p. 77).	“...va’ a Santo Stefano ove predica uno de’ miei frati... ” – (p. 133).	“...vai a santo Estêvão, onde prega um dos meus Irmãos Menores... ” - (p. 171 e p. 113 respectivamente).	“...vai a S. Estêvão, onde prega um dos frades menores... ” - (p. 91).

Ambos os tradutores traduzem “miei frati” por “frades menores” ou “Irmãos menores”, com perda do tom afetivo e coloquial e ênfase na conotação religiosa.

- **montare su** (*FXLV*).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“ Monta su questo frate Filippo a predicare...” - (p. 77).	“ Monta su questo frate Filippo a predicare...” - (p. 134).	“ Ergueu-se êste Irmão Filipe a pregar...” - (p. 171 e p. 113 respectivamente).	“ Sobe ao púlpito frei Filipe para pregar...” - (p. 91).

No presente caso, temos duas traduções bem diferentes para um mesmo vocábulo novamente. “Subir ao púlpito” traz uma conotação clerical bem mais formal do que a existente no original.

- **assai** (*F XLVI*).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“...e altro istava di famiglia in uno altro luogo assai lungi da lui.” - (p. 79).	“...l’altro stava di famiglia in uno altro luogo assai di lungi più da lui.” – (p. 138).	“...e o outro estava servindo em um outro convento bastante retirado dali.” - (p. 177 e p. 117 respectivamente).	“...o outro estava de família em um convento assaz afastado dêle.” - (p. 94).

A linguagem da edição **Vozes** é sempre mais formal, *assai* em italiano (especialmente italiano medieval) é corrente.

- **la quale allora** (FXLVI).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“Come piacque a Dio, un dì frate Pacifico, istando in orazione in luogo solitario, fu ratto in estasi e vide l’anima del suo fratello Umile andare in cielo diritta, senza altra ritenzione o impedimento; la quale allora si partia del corpo. ” – (p. 79).	“Come piacque a Dio, frate Pacifico un dì standosi in orazione in luogo solitario, fu rapito in estasi, e vide l’anima del suo fratello frate Umile andare in cielo diritta senza niuna ritardazione o impedimento; la quale allora si partiva del corpo. ” – (p. 138).	“Como prouve a Deus, Irmão Pacífico, estando um dia em oração em um lugar solitário, foi arrebatado em êxtase, e viu a alma do seu companheiro Irmão Humilde ir para o Céu direita, sem outra retenção ou impedimento, a qual então se retirava do corpo. ” – (p. 177 e p. 117 respectivamente).	“Como prouve a Deus, frei Pacífico, estando um dia em oração num lugar solitário, foi arrebatado em êxtase e viu a alma do seu irmão frei Humilde subir diretamente ao céu, sem demora nem impedimento, na mesma hora em que deixava o corpo. ” – (p. 94).

A edição **Vozes** dá, em sua tradução, uma noção de tempo mais marcada que o original.

- **coretto** (FXLIX – Newton, p. 84; Garzanti, p. 148)

cuoretto o coretto: (da cuore, perché si portava sul cuore; séc. XIII) strumento di penitenza che si portava sul cuore.

Há uma diferença entre os originais – ‘*coretto di maglia*’ em Tascabili Newton e ‘*coretto delle maglie*’ em Garzanti.

Nas traduções, temos a expressão original traduzida por *linstrumentos de penitência*³¹ em **Atena/Ediouro** e *cilício*³² em **Vozes**. Há aqui a opção do primeiro tradutor em adotar uma paráfrase ao invés de um vocábulo específico; talvez para simplificar o texto, o tradutor opte por uma explicação. Já na edição **Vozes**, faz-se opção pelo vocábulo ao invés de acrescentar o texto:

cilício: pequena túnica ou cinto ou cordão, de crina, de lã áspera, às vezes com farpas de madeira, que, por penitência, se trazia vestido diretamente sobre a pele.

³¹ CAPISTRANO: p. 187 (em Atena); p. 124 (em Ediouro).

³² MORAIS: pp. 99-100.

Temos que a edição **Vozes** opta por não simplificar o texto, mas sim manter uma relativa equivalência de vocábulos, porém em italiano existe a palavra *cilicio*, mas *coretto* é um tipo específico de *cilicio*.

- **mondizia** (*F XLIX*).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“...la quale mantiene la mondizia del corpo...” – (p. 84).	“...la quale mantiene la mondizia del corpo...” – (p. 148).	“...a qual mantém a limpeza do corpo...” – (p. 187 e p.124 respectivamente).	“...a qual mantém a mundícia do corpo...” – (p. 99).

Mais uma vez, encontramos em **Vozes** uma linguagem bem mais formal e em **Atena/Ediouro**, ao contrário do prometido por Leoni (cf. Capítulo 2 – 2.2), linguagem modernizada.

- **il mondo con li suoi amadori** (*F XLIX*).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“...pensò di lasciare il mondo con li suoi amadori... ” – (p. 84).	“...pensò di lasciare il mondo co’ suoi amadori... ” – (p. 148).	“...pensou em deixar êste mundo e os que o amavam... ” – (p. 187 e p. 124 respectivamente).	“...pensou de deixar o mundo com seus amadores... ” – (p. 100).

A edição **Vozes** preserva a preposição “com”. **Atena/Ediouro** substitui a preposição italiana “com” pela conjunção aditiva portuguesa “e”.

O fato do verbo “pensar” vir acompanhado da preposição “de”, uso aceitável em português clássico, estrutura traduzida em **Vozes**, causa estranhamento ao leitor brasileiro atual.

- **eccessivo** (*F XLIX*).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“E singularmente per eccessivo modo una volta accese il suo	“E singularmente per eccessivo modo una volta accese il suo	“E singularmente, por modo extraordinário , uma vez a flama do	“E singularmente uma vez por modo excessivo inflamou o seu coração

cuore la fiamma del divino amore...” - (p. 84).	cuore la fiamma del divino amore...” - (p. 149).	amor divino acendeu o seu coração...” - (p. 188 e p. 125 respectivamente).	a chama do amor divino...” - (p. 100).
---	---	---	---

eccessivo:

1. *che eccede, oltrepassa il limite, la misura.*

2. *sommo, sovrumano.*

3. *(poet.) singolare.*

A editora **Vozes** opta por *lexcessivo*, que em linguagem atual pode ter conotação negativa (excesso indesejável).

excessivo: que é em excesso, exagerado, demasiado, desmedido.

Atena/Ediouro explora a poética do signo italiano - (significado 3) – optando por *lextraordináriu*.

■

letizia (*F XLIX*).

Vocábulo traduzido por *lalegrial*³³ e por *lletícial*³⁴ - **Atena/Ediouro** e **Vozes** respectivamente. E novamente fica clara a distinção entre as traduções. Se o vocábulo *lalegrial* é de compreensão instantânea para qualquer que seja o leitor brasileiro, o vocábulo *lletícial* não. Temos, seguramente, leitores diferentes pressupostos nas traduções envolvidas.

■

appena (*F LI*).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“E trovandolo si gravato che appena potea parlare...” - (p. 87).	“E trovandolo sì aggravato che appena potea parlare...” - (p. 155).	“...e encontrando-o mal, que mal podia falar...” - (p. 196 e p. 129 respectivamente).	“...e encontrando-o tão grave, que apenas podia falar.” - (p. 104).

³³ CAPISTRANO: p. 190 (em Atena); p. 126 (em Ediouro).

³⁴ MORAIS: p. 102.

Mais uma vez, a edição **Atena/Ediouro** utiliza-se do termo português mais usual e a da **Vozes** faz escolha de termo não tão usual.

- **bellissimo fanciullo** (*F LI*).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“E allora io apparì a frate Iacopo della Massa, laico santo, il quale serviva messa e vide l’ostia consecrata, quando il prete la levò, convertita e mutata in forma d’uno fanciullo vivo bellissimo ...” – (p. 88).	“E allora io apparì a frate Iacopo della Massa, laico santo, il quale serviva messa e vide l’ostia consecrata, quando il prete la levò, convertita e mutata in forma d’uno bellissimo fanciullo vivo ...” – (p. 156).	“E então eu apareci a Irmão Jacó da Massa, leigo santo; o qual ajudava à missa e vi a hóstia na forma de um belíssimo menino vivo ...” – (p. 197 e p. 130 respectivamente).	“E então eu apareci a frei Tiago da Massa, leigo santo, o qual servia a missa e viu a hóstia consagrada, quando o padre a ergueu, convertida e mudada na forma de uma belíssima criança viva ...” – (p. 105).

Masculino por feminino em **Vozes**. Importante ressaltar a importância da questão de gêneros dentro do contexto das novas ordens medievais e do franciscanismo. Notar *frate* e *suora* no *Cantico delle Creature*; notar “*sirocchie... uccelli*” (p. 49).

- **piacesse** (*F LI*).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“...frate Iacopo glielo promise, se piacesse a Dio .” – (p. 88).	“...frate Iacopo glielo impromise, se piacesse a Dio ” – (p. 155).	“...e Irmão Jacó prometeu-lhe isso, se Deus não dispusesse o contrário .” – (p. 196 e p. 130 respectivamente).	“...e Tiago prometeu-lhe, se fosse da vontade de Deus .” – (p. 105).

piacere: *desiderare, volere. Se piace a Dio, a Dio piacendo – se Dio vorrà.*

Atena/Ediouro traz uma negativa e o verbo *dispor*l.

Vozes opta pela manutenção da afirmativa – “se fosse da vontade de Deus”.

Nenhuma delas conserva o “valor arcaico” (cf. LEONI): “se prouvesse a Deus”, em outra circunstância utilizada como opção por Capistrano nas edições **Atena/Ediouro** no *FXXXVII*:

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“...imperò che io voglio in prima pregare a Dio che faccia prospero il nostro cammino, che la nobile preda, la quale noi pensiamo di torre al mondo, piaccia a Cristo di concedere a noi poverelli e deboli, per la virtù della sua santissima passione.” - (p. 67).	“...imperò ch’io voglio prima pregare Iddio che faccia prospero il nostro cammino, e che la nobile preda, la quale noi pensiamo di torre al mondo, piaccia a Cristo di concedere a noi poverelli e deboli, per la virtù della sua santissima Passione.” - (p. 113-114).	“...porquanto eu desejo primeiro pedir a Deus que faça próspero o nosso caminho: que praza a Jesus Cristo conceder a nós, pobres débeis, pela virtude da sua santíssima Paixão, a nobre presa, a qual pensamos arrancar do mundo.” – (p. 144 e p. 98 respectivamente).	“...porque quero primeiramente pedir a deus que torne próspero nosso caminho; e que a nobre presa, a qual pensamos de arrancar ao mundo, seja por vontade de Cristo concedida a nós pobrezinhos e débeis pela virtude de sua santíssima paixão.” - (p. 78).

E por ambas as traduções no *F XLVI*:

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“Come piacque a Dio, un dì frate Pacifico, istando in orazione in luogo solitario, fu ratto in estasi e vide l’anima del suo fratello Umile andare in cielo diritta, senza altra ritenzione o impedimento; la quale allora si partia del corpo.” – (p. 79).	“Come piacque a Dio, frate Pacifico un dì standosi in orazione in luogo solitario, fu rapito in estasi, e vide l’anima del suo fratello frate Umile andare in cielo diritta senza niuna ritardazione o impedimento; la quale allora si partiva del corpo.” – (p. 138).	“Como prouve a Deus, Irmão Pacífico, estando um dia em oração em um lugar solitário, foi arrebatado em êxtase, e viu a alma do seu companheiro Irmão Humilde ir para o Céu direita, sem outra retenção ou impedimento, a qual então se retirava do corpo.” – (p. 177 e p. 117 respectivamente).	“Como prouve a Deus, frei Pacífico, estando um dia em oração num lugar solitário, foi arrebatado em êxtase e viu a alma do seu irmão frei Humilde subir diretamente ao céu, sem demora nem impedimento, na mesma hora em que deixava o corpo.” – (p. 94).

3.3 “Fidelidade” *ma non troppo*...

Aqui se comentam alguns casos em que as traduções podem ter incorrido em equívoco, por diversas razões.

- **malagevole** (*F II* – Newton, p. 18; Garzanti, p.08).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“Udendo questo, santo	“Udendo questo, santo	“Isto ouvindo, S.	“Ouvindo isto S.

<p>Francesco si rallegrò in ispirito e disse così: ‘Messere Bernardo, questo che voi dite è opera sì grande e malagevole, che di ciò si vuole richiedere consiglio al nostro Signore Gesù Cristo...” (p. 18)</p>	<p>Francesco si rallegrò in ispirito, e disse così: Messere Bernardo, questo che voi dite, è opera sì grande e malagevole che di ciò si vuole richiedere il consiglio del nostro Signore Gesù Cristo...” (p. 08)</p>	<p>Francisco se alegrou em espírito, e disse assim: Senhor Bernardo, o que dizes é emprêsa tão grande, e difícil, que para tanto devemos pedir conselhos a Nosso Senhor Jesus Cristo...” (p. 17)</p>	<p>Francisco alegrou-se em espírito e falou: Monsior Bernardo, isto que disseste é coisa tão grande e maravilhosa, que é preciso pedirmos conselho a Nosso Senhor Jesus Cristo...” (p. 11)</p>
---	---	---	---

De acordo com o dicionário da língua italiana - *difficile, duro, faticoso*.

A edição **Atena/Ediouro** traduz o vocábulo por *ldificill*. Porém, a **Vozes** traz o vocábulo *lmaravilhosal*. Improriedade denotativa em **Vozes**.

•

stretto (F II).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
<p>“E vedendo uno, ch’avea nome messer Salvestro, che santo Francesco dava tanti danari a poveri e faceva dare, stretto d’avarizia disse a santo Francesco...” – (p.19).</p>	<p>“Vedendo uno, ch’avea nome messer Salvestro, che santo Francesco dava tanti danari a’ poveri e faceva dare, istretto d’avarizia, disse a santo Francesco...” – (p. 11).</p>	<p>“E vendo uma pessoa, chamada Senhor Silvestre, que S. Francisco dava e fazia dar tanto dinheiro aos pobres, instigado pela avareza, disse a S. Francisco...” – (p. 18 e p. 22 respectivamente).</p>	<p>“Ora, vendo isto, um por nome Silvestre, que S. Francisco dava e mandava dar tanto dinheiro aos pobres, cheio de avareza disse a S. Francisco...” – (p. 12).</p>

stretto: significato 4 – *costretto, spinto: essere s. dalla necessità di fare qualcosa*.

instigado: instigar – 1. incitar; estimular. 2. Açar, provocar. 3. Incitar, induzir, mover, estimular, açular, acirrar.

cheio: 1. que contém tudo que sua capacidade comporta; pleno, completo. 2. que abunda em alguma coisa. 4. que excede em alguma qualidade ou propriedade.

Na escolha lexical dada pela Editora **Vozes**, Silvestro é avarento ao máximo, está repleto de avareza. No texto em italiano, “è stretto d’avarizia”, ou seja, é levado pela avareza,

é instigado pela avareza – não sei se o “frate” excede nesta ‘qualidade’ ou não, sei apenas que é movido por ela.

- **averete / avrete (F VI).**

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“...lo stato della Religione ch’io ho avuto, voi avete, e questo ch’io ho ora, voi averete ancora. ” – (p. 26).	“...lo stato della Religione ch’io ho avuto, voi avete, e questo ch’io ho ora, voi avrete ancora. ” – (p. 27).	“... o estado de Religião que eu tive, que tivestes, e que tenho agora, tendes ainda... ” – (p. 37 e p. 32 respectivamente).	“...no estado de religião que eu vivi, vós viveis e no em que estou agora vós ainda estais... ” – (p. 21).

Nos originais temos o verbo AVERE no futuro – *averete* e *avrete*. Porém, nas duas traduções o verbo aparece no presente.

Esta modificação do tempo verbal afeta significativamente o sentido transmitido pelo original. Aqui temos primeiro o verbo no passado *ho avuto*, em seguido o mesmo verbo no presente *avete* e *ho e*, por último, o futuro *averete / avrete*. No português fica passado – *tive*, *tivestes* e *vivi* – e presente – *tenho*, *viveis*, *estou* e *estais*. A idéia de futuro simplesmente desaparece.

- **insieme (FXV).**

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“E fatta l’ora di desinare si pongono a sedere insieme santo Francesco e santa Chiara, e uno delli compagni di santo Francesco e la compagna di santa Chiara, e poi tutti gli altri compagni s’acconciarono alla mensa umilmente.” – (p. 36).	“E fatta l’ora di desinare, si pongono a sedere insieme santo Francesco e santa Chiara, e uno delli compagni di santo Francesco colla compagna di santa Chiara, e poi tutti gli altri compagni s’acconciarono alla mensa umilmente.” – (p. 50).	“E à hora de comer, sentaram-se juntos , S. Francisco, e santa Clara, e um dos companheiros de S. Francisco com a companheira de Santa Clara, e depois todos os outros companheiros se acomodaram à mesa humildemente.” – (p. 64 e p. 48 respectivamente).	“E chegada a hora do jantar, sentaram-se S. Francisco e S. Clara, juntos , e um dos companheiros de S. Francisco com a companheira de S. Clara, e depois todos os companheiros de S. Francisco se acomodaram humildemente à mesa.” – (p. 35).

A tradução dada por **Vozes** leva – pela simples inversão da ordem sintática – a crer que São Francisco e Santa Clara sentaram-se juntos e os outros depois; isto é, o juntos parece

fazer referência apenas a São Francisco e Santa Clara, o que não acontece no original e na tradução de **Atena/Ediouro**.

- **tradução de |berel| por |bem| - (F XVI).**

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“...e Iddio vi pasce e davvi li fiumi e le fonti per vostro bere...” - (p. 38).	“...e Iddio vi pasce e davvi i fiumi e le fonti per vostro bere...” – (p. 55).	“...e Deus vos alimenta, e vos dá os rios, e as fontes para o vosso bem... ” - (p. 70 e p.52 respectivamente).	“...e Deus vos alimenta e vos dá os rios e as fontes para beberdes... ” – (p. 39).

- **Capitolo (FXVIII).**

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“... e udendo la congregazione del Capitolo che santo Francesco faceva in nel piano di Santa Maria degli Agnoli...” - (p. 40).	“ E udendo la congregazione del Capitolo che santo Francesco faceva nel piano di Santa Maria degli Angeli...” – (p. 59).	“ E sabendo, pela congregação, do Capítulo que S. Francisco fazia na planície de Santa Maria dos Anjos...” – (p. 75 e p. 55 respectivamente).	“ E sabendo da reunião do capítulo que S. Francisco realizava na planície de S. Maria dos Anjos...” – (p. 41).

Atenas/Ediouro traduzem mal – a vírgula muda o sentido – e não se trata de saber “pela”, mas de “saber da”, como traduz **Vozes**.

- **tutti quanti (F XVIII).**

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“E tutti quanti ricevtono questo comandamento con allegro cuore e lieta faccia.” - (p. 41).	“E tutti quanti ricevtono questo comandamento con allegro cuore e lieta faccia.” – (p. 61).	“...e todos quantos receberem esta ordem com coração alegre e com rosto satisfeito.” – (p. 77 e p. 56 respectivamente).	“E todos êles receberam êste mandamento com o coração alegre e com a face risonha.” – (p. 42)

A edição **Atena/Ediouro** traduz a expressão *tutti quanti* por “todos quantos”, inaceitável, neste caso, em português.

tutto:

1. *intero, completo.*

Con valore rafforz. seguito da 'quanto'.

Se nos originais e na tradução **Vozes** temos a idéia de que todos receberam – totalidade; em **Atena/Ediouro** temos, talvez, a idéia de ‘aqueles que receberem’ – portanto, não de totalidade, mas de condição.

● **E tutti quanti ricevettono (FXVIII).**

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“E quivi disse egli: ‘Io comando, per merito della santa obbedienza, che tutti voi che siete congregati che nessuno di voi abbia cura né sollecitudine di veruna cosa di mangiare o di bere o di cose necessarie al copro, ma solamente intendere a orare e laudare Iddio; e tutta la sollecitudine del corpo vostro lasciate a lui, imperò ch’egli ha spezialmente cura di voi.’ E tutti quanti ricevettono questo comandamento con allegro cuore e lieta faccia. ” – (p. 41).	“E qui disse egli: - Io comando, per merito della santa obbedienza, a tutti voi che siete congregati qui, che niuno di voi abbia cura né sollecitudine di veruna cosa da mangiare o da bere, o di cose necessarie al corpo, ma solamente intendete a orare e lodare Iddio; e tutta la sollecitudine del corpo vostro lasciate a Lui, però ch’Egli ha spezial cura di voi. - E tutti quanti ricevettono questo comandamento con allegro cuore e lieta faccia. ” – (p. 61).	“E então disse êle: Eu ordeno, em virtude da santa obediência, que todos vós, que estais aqui congregados, não vos preocupeis nem soliciteis coisa alguma para comer, ou para beber, ou coisas necessárias ao corpo, mas apenas vos dediqueis à oração, e a louvar a Deus; e toda a sollicitação do vosso corpo, que seja entregue a êle, porquanto êle tem especial cuidado convosco, e todos quantos receberem esta ordem com coração alegre e com rosto satisfeito. ” – (p. 77 e p. 56 respectivamente).	“E então lhes disse: Ordeno-vos pelo mérito da santa obediência, a todos vós reunidos aqui que nenhum de vós se preocupe com o que tenha de comer ou beber, ou com as coisas necessárias ao corpo, mas aplicai-vos somente a orar e a louvar a Deus, e tôda a sollicitude do corpo deixai a ele, porque ele terá especial cuidado convosco. E todos êles receberam êste mandamento com o coração alegre e com a face risonha. ” – (p. 42).

Em **Atena/Ediouro**, diferentemente dos originais e da tradução dada por **Vozes**, o trecho em questão apresenta-se como continuidade da fala de S. Francisco.

● **ricevettono (F XVIII).**

No mesmo trecho citado acima, temos um outro caso.

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“E tutti quanti ricevettono questo comandamento con allegro cuore e lieta faccia.” - (p. 41).	“E tutti quanti ricevettono questo comandamento con allegro cuore e lieta faccia.” – (p. 61).	“...e todos quantos receberem esta ordem com coração alegre e com rosto satisfeito.” – (p. 77 e p. 56 respectivamente).	“E todos êles receberam êste mandamento com o coração alegre e com a face risonha.” – (p. 42).

O verbo “ricevere” no texto original está em sua forma “ricevettono” – *passato remoto* arcaico (hoje: *ricevertero*), que indica uma ação em um passado distante. Porém, as edições **Atena/Ediouro** trazem o verbo em sua tradução no futuro do subjuntivo – ação futura que depende de uma dada condição para acontecer; no caso, a ação expressa neste trecho está ligada ao trecho anterior – que nos originais não estão conectadas desta maneira.

- **servirono loro innanzi** (FXVIII).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“E beato si riputava chi più cose potesse portare, o più sollecitamente servire, in tanto ch’eziandio i cavalieri e li baroni e altri gentili uomini che veniano a vedere, con grande umiltà e divozione servirono loro innanzi .” – (pp. 41-42).	“E beato si riputava chi più cose poteva recare o più sollecitamente servire; in tanto che eziandio i cavalieri e baroni e altri gentili uomini che venivano a vedere, con grande umiltà e divozione servivano loro innanzi .” – (p. 62).	“...e bem-aventurado se reputava quem mais coisas pudesse transportar, ou mais sollicitamente servir; enquanto que também os Cavaleiros, e os Barões, e os outros gentis homens, que vinham ver, com grande humildade e devoção os serviam em primeiro lugar .” – (p. 78 e p.57 respectivamente).	“E bendito se considerava quem mais coisas podia trazer ou mais sollicitamente servia; de modo que até os cavaleiros, os barões e outros gentis homens, que tinham vindo para ver, com grande humildade e devoção serviam-nos também .” – (p. 43).

É preciso notar que na tradução **Vozes**, o trecho traz ao invés da terceira pessoa do plural – *loro* – a primeira pessoa do plural – *nos*.

A edição **Vozes** traduz o termo “innanzi” por “também”. No texto, os nobres agem como criados para demonstrarem sua humildade e devoção. Não servem “em primeiro lugar” ou “também” – como dada na tradução de **Atena/Ediouro** e **Vozes** respectivamente – mas sim diante de todos, sem se envergonharem do papel subalterno em que se punham.

- **surci** (*F XIX*).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“...e per la moltitudine de surci che gli faceano grandissima noia...” - (p.42).	“...e per la moltitudine de’ topi che gli facevano grandissima noia...” - (p. 64)	“...e da multidão de ratos , que lhe causavam grande nojo...” - (p. 81 e p. 59 respectivamente).	“...pela grande quantidade de morcegos que o incomodavam muitíssimo...” - (p. 44).

Temos aqui uma impropriedade denotativa na tradução da Editora **Vozes**. Os vocábulos *ltopol* e *lsorciol* correspondem ao vocábulo português *lratol* e não *lmorcegol*.

- **di me poverello** (*FXIX*).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“...per lo amore di Dio e di me poverello...” - (p. 43).	“...per l’amor di Dio e di me poverello...” - (p. 65).	“...pelo amor de Deus, e de mim , pobrezinho...” - (p. 83 e p. 60 respectivamente).	“...pelo amor de Deus e do pobrezinho ...” - (p. 45).

A primeira pessoa dos originais aparece como 3ª pessoa na tradução dada pela **Vozes**.

- **asprezza** (*F XX*).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“...cominciò ad avere in tanta abbominazione l’abito che portava, che gli pareva portare un sacco vilissimo; avea orrore delle maniche e abbominava il cappuccio, e la lunghezza e la asprezza gli pareva una soma incompontabile.” - (p. 44).	“...cominciò ad avere in tanta abbominazione l’abito che portava, che gli pareva portare uno sacco vilissimo. Avea in orrore le maniche, abbominava il cappuccio, e la lunghezza e l’ asprezza parevagli una soma incompontabile.” - (p. 66).	“...começou a ter em tanta abominação o hábito que trazia, que lhe parecia trazer um sacco vilíssimo; tinha horror das mangas, abominava o capuz, e o comprimento e a aspereza lhe pareciam coisas insuportáveis.” - (p. 85 e p. 61 respectivamente).	“...começou a ter tal abominação ao hábito que vestia, que lhe parecia trazer um sacco vilíssimo; tinha horror às mangas, abominava o capuz, e o comprimento e a grandeza lhe pareciam carga insuportável.” - (p. 46).

A editora **Vozes** traduz *lasprezza* por *lgrandeza*.

- **qualunque** (F XX).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“Avea costui già preso per usanza, secondo che gli avea insegnato il suo maestro, qualunque ora egli passava dinanzi all’altare del convento, nel quale si conservava il corpo di Cristo, d’inginocchiarsi con gran riverenza e trarsi il cappuccio e colle braccia cancellate inchinarsi.” - (p. 44).	“Avea costui preso già per usanza, secondo che gli avea insegnato il suo maestro, qualunque ora e’ passava dinanzi all’altare del convento nel quale si conservava il Corpo di Cristo, d’inginocchiarsi con grande riverenza e trarsi il cappuccio e colle braccia cancellate inchinarsi.” – (p. 67).	“Tomado pelo costume, segundo o que lhe ensinara o seu mestre, êle passava algumas horas diante do altar do convento; e passando, segundo o uso, ajoelhou-se e fez reverência.” - (p. 85 e p. 61 respectivamente).	“Tomara por costume, conforme lhe ensinara seu mestre, tôdas as vezes que passavam em frente ao altar do convento, no qual se conservava o corpo de Cristo, ajoelhar-se com grande reverência e tirar o capuz e inclinar-se com os braços em cruz.” – (p. 46).

A edição da **Atena/Ediouro** traz “êle passava algumas horas” para o italiano “qualunque ora e’ passava”.

qualunque: 1. l’uno o l’altro che sai, indifferentemente. 2. ogni.

Isto é, “ogni volta que passava davanti all’altare” e não que ele passasse várias horas diante do altar. Neste caso, a edição da **Vozes** é mais apropriada.

- **orecchi** (F XXI).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“...il lupo con atti di corpo e di coda e di orecchi e con inchinare il capo...” - (p. 45).	“...il lupo con atti di corpo e di coda e d’ orecchi e con inchinare di capo...” – (pp. 70-71)	“...o lôbo, com movimentos de corpo e de cauda e de olhos , e com inclinações de cabeça...” – (p. 90 e pp. 63-64 respectivamente).	“E o lôbo ajoelha-se e inclina a cabeça, e com movimentos mansos de corpo e de cauda e de orelha ...” – (p. 49).

Na edição **Atena/Ediouro** traduz-se lorecchil por lolhosl.

- **saracini** (F XXIV).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“Avuta adunque questa	“Avuta adunque questa	“Com uma licença	“Obtida esta licença tão

licenza così libera, santo Francesco mandò quelli suoi eletti compagni a due a due in diverse parti di Saracini a predicare la fede di Cristo...” – (p. 48).	licenzia libera, santo Francesco mandò que’ suoi eletti compagni a due a due, in diverse parti di Saracini a predicare la fede di Cristo...” – (p. 77).	assim tão livre, S. Francisco mandou aquêles seus companheiros, dois a dois, para diversas partes de Sarcini a pregar a Fé de Cristo...” – (p. 98 e p.68 respectivamente).	generosa, S. Francisco mandou aquêles seus eleitos companheiros, dois a dois, por diversas terras de sarracenos , a predicar a fé cristã...” – (p. 52).
--	--	---	---

A edição **Atena/Ediouro** traduz o termo como se fosse um lugar.

■

offendano il prossimo (FXXVI).

Newton “...e poi li priega da mia parte che non facciano più male, ma temano Iddio e non offendano il prossimo... ” - (p. 52).	Garzanti “...e poi li priega da mia parte che non faccino più male, ma temano Iddio, e non offendano il prossimo... ” – (p. 84).	Atena/Ediouro “...em seguida lhes peças, em meu nome, que não façam mais mal, mas temam a Deus, e não o ofendam nunca... ” – (p. 106 e p. 74 respectivamente).	Vozes “...e depois lhes rogues de minha parte que não mais façam o mal, mas temam a Deus, e não ofendam o próximo... ” – (p. 57).
--	---	--	--

Nos originais, e na tradução dada por **Vozes**, quem não pode ser ofendido é o próximo.
Na tradução de **Atena/Ediouro**, Deus é quem não pode ser ofendido e há o acréscimo do
advérbio de tempo “nunca” inexistente nos originais.

■

ali / alie (F XXVI).

Newton “...e pareali, per lo primo e secondo e terzo mettere ali , avere aspettato bene cento cinquanta anni o più.” - (p. 55).	Garzanti “E parevagli, per lo primo e per lo secondo e terzo mettere alie , avere aspettato bene cento cinquanta anni o più.” – (p. 89).	Atena/Ediouro “...pareceu-lhe, pela primeira e segunda e terceira vez que caía ali , que esperava bem cento e cinquenta anos, ou mais.” - (p. 112 e p. 77 respectivamente).	Vozes “...e pareceu-lhe que pelo primeiro e segundo e terceiro crescimento de asas , tinha esperado bem cento e cinquenta anos ou mais.” - (p. 61).
---	--	--	--

ala: (plurale *ali* oppure *alie*) – *organo che consente il volo a uccelli, pipistrelli e taluni insetti*
(ma anche a esseri mitologici o fantastici, come l’arpia, l’ippogrifo, gli angeli e i demoni,
ecc).

Nas edições **Atena/Ediouro** traduz-se o vocábulo italiano *l'alil* pelo advérbio de lugar português *l'alil*.

- **fuori che dinnanzi a lui** (*F XXIX*).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“Onde dicea santo Francesco di lui, che frate Ruffino era in questa vita canonizzato da Cristo, e che, fuori che dinnanzi da lui , egli non dubiterebbe di dire santo Ruffino, benché fusse ancora vivo in terra.” - (p. 60).	“Onde dicea santo Francesco di lui, cioè di frate Ruffino, ch’egli era in questa vita canonizzato da Gesù Cristo; che, fuori che dinnanzi a lui , egli non dubiterebbe di dire ‘santo Ruffino’, benché fosse ancora vivo in terra.” - (pp. 99 - 100).	“Pelo que S. Francisco dizia dele: que Irmão Rufino nesta vida era canonizado por Cristo; e que, exceto na sua presença , êle não duvidaria em dizer São Rufino, embora estivesse ainda vivo na terra.” - (p. 125 e p.85 respectivamente).	“Pelo que dizia dêle S. Francisco, que frei Rufino tinha sido canonizado em vida por Jesus Cristo e que na presença ou na ausência dêle não duvidava de chamar-lhe S. Rufino, bem que fôsse ainda vivo na terra.” - (p. 67).

Aqui temos uma diferença bem grande entre as traduções dadas. Em **Atena/Ediouro** traduz-se o trecho por “exceto na sua presença”.

fuori che: eccetto, tranne.

Em **Vozes**, temos “na presença ou na ausência dele”. A edição **Vozes** parece interpretar o “che” como comparativo.

- **elleno** (*F XXXIII*).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“In quel tempo dimorava in quel monastero suora Ortolana madre di santa Chiara, e suora Agnese sua sirocchia, amendue insieme con santa Chiara piene di virtù e di Spirito Santo, e con molte altre sante monache. Alle quali santo Francesco mandava di molti infermi; ed elleno con le loro orazioni e col	“In quel tempo dimorava in quel monasterio suora Ortolana, madre di santa Chiara, e suora Agnese sua sirocchia, amendue insieme con santa Chiara, piene di virtù e di Spirito Santo, e con molte altre sante monache. Alle quali santo Francesco mandava molti infermi; ed elleno colle loro orazioni e col segno	“Nesse tempo Sôror Ortolana, mãe de Santa Clara, e Sôror Inês, sua irmã, ambas juntamente com Santa Clara, moravam no Monastério, cheias de virtudes e do Espírito Santo, além de outras santas monjas; às quais S. Francisco mandava muitos enfermos; e elas , com as suas orações e com o sinal da Santíssima Cruz, a	“Naquele tempo vivia naquele mosteiro sôror Ortolana, mãe de S. Clara, e sôror Inês, sua irmã, ambas, com S. Clara, cheias de virtude e de espírito santo, e com muitas outras santas religiosas. Às quais mandava S. Francisco muitos enfermos; e eles com as suas orações e com o sinal da santa cruz a todos restituíam saúde.”

segno della santissima croce a tutti rendevano sanità.” - (p. 64).	della croce a tutti rendeano la sanità.” - (pp. 106-107).	todos davam saúde.” – (p.136 e p. 91 respectivamente).	- (p. 72).
--	---	--	------------

Pelo contexto – “*alle quali*” - fica claro que “*elleno*” refere-se às irmãs anteriormente citadas. Em **Vozes**, traduz-se *lellenol* por *lelesl*. Em **Atena** há a perda do valor arcaico de *elleno*, sem qualquer ganho compensatório.

- **gli** (F XXXIV).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“...eglino n’ebbono grandissima malincolia che frate Egidio non gli avea parlato parola; e rammaricandosene, si gli dissero: ‘O frate Egidio, perché se’ tu tanto villano, che uno così fatto re, il quale è venuto di Francia per vederti e per udire da te qualche buona parola, e tu non gli hai parlato niente?’ - (p. 64).	“...eglino n’ebbono grande malincolia, perché frate Egidio non gli avea parlato parola. E rammaricandosene, si gli dissero: - O frate Egidio, perché se’ tu stato così villano, che a uno così fatto re, il quale è venuto di Francia per vederti e per udire da te qualche buona parola, e tu non hai parlato niente?” - (p. 108).	“...êles experimentaram enorme melancolia por Irmão Egídio não lhes haver falado nada a respeito; e queixando-se, disseram: Ó Irmão Egídio, por que foste tão vilão, que não falaste nada a um tão santo Rei, o qual veio de França para ver-te, e para ouvir de ti alguma palavra boa?” – (p. 138 e p. 92).	“...houveram êles grande melancolia porque frei Egídio não lhe tinha dito palavra; e lamentando-se lhe disseram: Ó frei Egídio, por que foste tão vilão; que a um tão grande rei, o qual veio de França para ver-te e para ouvir alguma boa palavra não disseste nada?” - (p. 72-74).

Impropriedade em **Atena/Ediouro** – em que se traduz “*gli*” pelo plural em português “*lhes*”. Porém, no contexto, fica claro que o pronome se refere ao rei da França, portanto singular “*lhe*” como se traduziu em **Vozes**. Lamenta-se o fato de Egídio não ter falado nada ao rei da França e não o fato de não ter comunicado a presença do rei da França aos outros, como nos fazem entender as editoras **Atena/Ediouro** em sua tradução.

- **incaricati / caricati** (F XXXVI)

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“E istando egli a guatare chi passava, egli vide alquanti frati incaricati entrare in questo fiume, li quali subitamente erano abbattuti dallo empito del fiume ed	“E istando egli a guatare chi passava, egli vide alquanti frati caricati entrare in questo fiume, i quali subitamente erano abbattuti dall’impeto del fiume e affogavano;	“E estando o olhar quem o passava, viu alguns Irmãos que procuravam entrar nesse rio, os quais de repente eram apanhados pelo impeto do rio, e se afogavam; alguns	“E estando a olhar quem o atravessava, viu alguns frades carregados entrar naquele rio, os quais eram subitamente abatidos pela impetuosidade da

affogavano, alquanti altri s'andavano insino al terzo del fiume, alquanti insino al mezzo del fiume, alquanti insino appresso alla proda; i quali tutti, per l'empito del fiume e per li pesi che portavano addosso, finalmente cadevano e annegavano." - (p. 65).	alquanti altri andavano infino a terzo, alquanti infino a mezzo il fiume, alquanti infino presso all'altra proda, i quali tutti, per l'impeto del fiume e pe' pesi che portavano addosso, finalmente cadevano e annegavano." - (p. 110).	outros irmãos iam até a têtça parte do rio; outros até a metade; outros até junto da margem; e todos, pelo ímpeto do rio, e pelo pêso que transportavam, finalmente caíam e se afogavam." - (p. 141 e p. 95 respectivamente).	corrente e se afogavam, outros iam até um têtço, outros até ao meio do rio, outros ainda até à outra margem; todos no entanto, pela impetuosidade do rio ou pelo pêso que levavam às costas, finalmente caíam e se afogavam." - (p. 76).
--	--	---	--

incaricato – incaricare: investire qualcuno di un incarico, di una incombenza, missione, sim.

caricato – caricare: aggravare con un peso eccessivo; porre qualcuno o qualcosa sopra un sostegno o un mezzo di trasporto.

Em **Atena/Ediouro** traduz-se por [procuravam] os termos [caricatil e lincaricatil]. Temos, pelo contexto, o significado claro de que os “frati” carregavam pesos, estavam carregados.

A tradução **Vozes** pode dar lugar a ambigüidade, pois carregado, em português atual, é geralmente entendido como “levado por outrem”.

- **un luogo insieme di famiglia (F XXXVIII).**

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“Dimorando una volta in un luogo insieme di famiglia santo Francesco e frat’Elia , fu rivelato da Dio...” - (p. 68).	“Dimorando una volta in un luogo insieme di famiglia santo Francesco e frat’Elia , fu rivelato da Dio...” - (p. 115).	“Achando-se uma vez S. Francisco e Irmão Elias servindo juntos em um convento, foi por Deus revelado...” - (p. 147 e p. 99 respectivamente).	“Habitando uma vez juntos , de família , em um convento, S. Francisco e frei Elias , foi revelado por Deus...” - (p. 79).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“...fu posto di famiglia nel detto luogo ...” - (p. 79).	“...fu posto di famiglia nel detto luogo ...” - (p. 139).	“...foi pôsto a servir no referido convento...” - (p. 177 e p. 117 respectivamente).	“...foi posto em família no dito convento ...” - (p. 94).

Aqui é importante sublinhar os termos **luogo** e **convento**. A palavra **luogo** se contrapõe a **convento** no contexto franciscano. Os franciscanos primitivos e os rigidamente

pobres (como os de *IF*) não aceitavam morar em prédios (*conventi*) e sim em grutas ou tocas (*luoghi*). Temos tal ocorrência – a tradução de “luogo” por “convento” – durante todo o texto nas duas traduções. Coloco aqui apenas dois exemplos.

- **chiunque** (*F XXXVIII*).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“...ribellandosi dalla Chiesa Federigo re di Cicilia ed essendo iscomunicato dal Papa egli e chiunque gli dava aiuto o consiglio...” - (p. 68).	“...ribellandosi dalla Chiesa Federigo re di Cicilia, ed essendo scomunicato dal Papa egli e chiunque gli dava aiuto o consiglio...” - (p. 116).	“...porquanto a Frederico, Rei de Sicília, que se rebelou contra a Igreja, foi excomungado pelo Papa, ele de algum modo dava conselho e ajuda...” - (p. 148 e p. 100 respectivamente).	“...rebelando-se contra a Igreja Frederico, rei da Sicília, e sendo excomungado pelo Papa êle a todo aquê le que lhe desse ajuda ou conselho...” - (p. 80).

chiunque: *qualunque persona*.

Em **Atena/Ediouro** traduz-se por “de algum modo”. Improriedade denotativa.

Vozes enfatiza o masculino, ao passo que o original é menos ligado ao gênero (cf., em português, “quem quer que”).

- **recai** (*F XLI*).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“...Rendimi li miei panni ch’io ci recai del secolo...” - (p. 72).	“Rendimi i miei panni ch’io recai del secolo...” - (p. 124).	“Dá-me os meus panos, que eu voltarei para o século...” - (p. 158 e p. 105 respectivamente).	“Restitui-me as vestes que trouxe do século...” - (p. 85).

recare:

1. *portare, condurre*.
2. *avere su di se*.
3. *arrecare, causare, produrre*.
4. *indurre*.
5. *tradurre (raro)*.
6. *attribuire (lett)*.

Atena/Ediouro - *l'voltareil*. Além do significado do termo italiano não estar passado pelo vocábulo em português, o tempo verbal que no italiano é o *passato remoto* torna-se futuro do indicativo na tradução brasileira.

- **fu posto di famiglia** (*F XLVI*).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“...fu posto di famiglia nel detto luogo...” - (p. 79).	“...fu posto di famiglia nel detto luogo...” - (p. 139).	“...foi pôsto a servir no referido convento...” - (p. 177 e p. 117 respectivamente).	“...foi posto em família no dito convento...” - (p. 94).

Notar, novamente, a impropriedade da noção de “convento”, ausente do original.

- **discendendo di sotto** (*F XLVIII*).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“...discendendo di sotto a tutti li rami...” - (p. 83).	“...discendendo di sotto a tutti e rami...” - (p. 146).	“...e deixando todos os ramos...” - (p. 185 e p. 122 respectivamente).	“...e descendo abaixo de todos os ramos...” - (p. 98).

discendere:

1. *scendere, andare giù;*
2. *calare, abassare.*

João desce dos ramos. A tradução de **Atena/Ediouro** ao adotar o verbo “deixar” traz uma ambigüidade inexistente no original. O verbo, em português, pode nos levar a interpretar que o *frate* desceu dos ramos e/ou carregava estes ramos e não os carrega mais.

- **divina Scrittura** (*F XLVIII*).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“...al quale Iddio aperse l’uscio delli suoi segreti e diedegli perfetta	“...al quale Iddio aperse l’uscio de’ suoi segreti e diedegli perfetta scienza	“...a quem Deus abriu a porta dos seus segredos, e deu perfeito	“...ao qual Deus abriu a porta dos seus segredos e deu perfeita ciência e

scienza e intelligenza della divina Scrittura... - (p. 81).	e intelligenza della divina Scrittura... - (p. 143).	conhecimento e inteligência da divina vontade... - (p. 183 e p. 121 respectivamente).	inteligência da divina Escritura... - (p. 97).
--	---	--	---

A versão das editoras **Atena** e **Ediouro** traz a tradução a palavra |Scrittural| por |vontadel|.

- **e pochi v'erano di quelli che** (*F XLVIII*)

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“E dopo lui seguentemente santo Francesco il porgeva a tutti gli altri, e pochi ve n'erano di questi che con debita reverenza e divozione il prendessino e bevessino tutto.” - (p. 82-83).	“E dopo lui seguentemente santo Francesco il porgeva a tutti gli altri: e pochi v'erano di quelli che con debita reverenza e divozione il prendevano e beveano tutto.” - (p. 145).	“E depois, S. Francisco o oferecia a todos os outros; e houve poucos que não o tomassem , e bebessem todo com o devido respeito e devoção.” - (p. 185 e p. 122 respectivamente).	“E depois dele sucessivamente S. Francisco apresentou-o a todos os outros: e poucos eram os que o bebiam todo. ” - (p. 98).

Aqui a tradução de **Atena/Ediouro** modifica totalmente o sentido do texto. O tradutor insere uma negativa inexistente.

Vozes simplifica o original excluindo “*debita reverenza e divozione*” (cf. p.).

- **“agli ardori”** (*F XLIX*).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“...alcuna volta agli ardori de' Serafini...” - (p. 84).	“...alcuna volta agli ardori de' serafini...” - (p. 149).	“... “algumas vezes ao ardor dos Serafins...” - (p. 188 e p. 124 respectivamente).	“... de outras vezes a ardores de serafins...” - (p. 100).

Enquanto os originais trazem o termo grifado no plural (assim como faz também **Vozes**) **Atena/Ediouro** traduz pelo termo singular em português.

- **viottolo** (*F XLIX* – Newton, pp. 85 e 86; Garzanti, pp. 150 e 152).

1. *via stretta di campagna; sentiero fra i campi.*

Temos em português: *lvereda*³⁵ e *latalho*³⁶.

vereda:

1. caminho estreito, senda.
2. atalho.
3. rumo, caminho, direção.

atalho:

1. atalhamento.
2. caminho fora da estrada comum para encurtar distâncias, o tempo do percurso; corte, vereda.
3. estorvo, embaraço, empecilho.
4. remate, fim.

A palavra *latalho* possui uma carga semântica de caminho, mas o caminho mais curto (em italiano *scorciatoia*). O que não acontece com o termo italiano *lviottolo*.

- **vide** (*F LI*).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“E allora io apparì a frate Iacopo della Massa, laico santo, il quale serviva messa e vide l’ostia consecrata, quando il prete la levò, convertita e mutata in forma d’uno fanciullo vivo bellissimo...” – (p. 88).	“E allora io apparì a frate Iacopo della Massa, laico santo, il quale serviva messa e vide l’ostia consecrata, quando il prete la levò, convertita e mutata in forma d’uno bellissimo fanciullo vivo...” – (p. 156).	“E então eu apareci a Irmão Jacó da Massa, leigo santo; o qual ajudava à missa e vi a hóstia na forma de um bellissimo menino vivo...” – (p. 197 e p. 130 respectivamente).	“E então eu apareci a frei Tiago da Massa, leigo santo, o qual servia a missa e viu a hóstia consagrada, quando o padre a ergueu, convertida e mudada na forma de uma belíssima criança viva...” – (p. 105).

³⁵ CAPISTRANO: pp. 189, 190 e 192 (em Atena); pp. 125, 126, 127 (em Ediouro).

³⁶ MORAIS: pp. 101 e 103.

Erro denotativo em **Atena/Ediouro**: lvidel - passato remoto, 3ª pessoa do singular; lvil - pretérito perfeito, 1ª pessoa do singular. Talvez falha de revisão ou composição gráfica, porém presentes nas três edições consultadas (Ediouro – sem data; Atena – sem data e 1937).

- **contenere del gridare** (*F LII*).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“...e per lo troppo fervore dello amore non si potea contenere del gridare.” - (p. 89).	“...e per lo troppo fervore dello amore, egli non si potea contenere del gridare.” - (p. 157).	“...e pelo muito fervor do amor, não podia deixar de gritar.” - (p. 199 e p. 131 respectivamente).	“...e pelo fervor do amor, ele não se podia conter nem gritar.” - (p. 106).

A editora **Vozes**, em sua tradução, traz a impossibilidade do grito. Nos originais temos que o “frate” não conseguia se conter e gritava, como traduz **Atena/Ediouro**.

- **incarnato** (*F LIII*).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
« ...apparì Gesù Cristo benedetto incarnato e glorificato...” - (p. 90).	« ...e apparve Gesù Cristo benedetto incarnato e glorificato...” - (p. 161).	“...apareceu Jesus Cristo bendito encarnado e glorificado...” - (p. 203 e p. 133 respectivamente).	“...apareceu Jesus Cristo bendito coroad e glorificado...” - (p. 108).

incarnare:

1. dare corpo e figura, rappresentare concretamente e con efficacia;
2. ferire penetrando nella carne;
3. dipingere l'aspetto della carne umana;
4. prendere carne e figura umana;
5. concretarsi;
6. attaccarsi, unirsi fortemente.

Em **Vozes**, traduz-se por lcoroadol. Provavelmente original com variante (“incoronato”).

- e in questo dire era alluminato dallo Spirito Santo (*F LIII*).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“E in questo dire era alluminato dallo Spirito Santo di tutti; profondi e alti misteri di quello altíssimo Sacramento.” - (p. 89).	“E in questo dire era illuminato dallo Spirito Santo di tutti i profondi e alti misteri di quello altíssimo Sacramento.” - (p. 159).	“...e neste falar era iluminado pelo Espírito Santo por todos os profundos e altos mistérios daquele altíssimo Sacramento.” - (p. 202 e p.132 respectivamente).	“E neste dizer o espírito Santo esclarecia-lhe todos os profundos e altos mistérios daquele altíssimo sacramento.” - (p. 107).

Enfim o Espírito esclarece os mistérios – **Vozes** – ou o *frate* é iluminado pelo Espírito e pelos mistérios – **Atena/Ediouro**? A primeira solução corresponde ao sentido original.

- **infra** (*F LIII*)

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“...addivenne una volta questo mirabile caso, che la prima notte dopo l’ottava di santo Lorenzo e infra l’ottava dell’Assunzione della Donna...” - (p. 89).	“...addivenne una volta questo mirabile caso: che la prima notte dopo l’ottava di santo Lorenzo e infra l’ottava della Assunzione della Donna...” - (pp. 158-159).	“...aconteceu uma vez êste admirável caso: que a primeira noite após a oitava de S. Lourenço, e entre a oitava da Assunção de nossa Senhora...” - (p. 201 e p. 132 respectivamente).	“...sucedeu uma vez êste caso admirável, que na primeira noite depois da oitava de S. Lourenço e dentro da Assunção de Nossa Senhora...” - (p. 106).

Impropriedade em **Atena/Ediouro**.

Infra – *intra*: *che sta dentro, nell’interno*.

“...*infra* l’ottava...” = dentro da oitava, ou seja, dentro dos oito dias seguintes à festa.

- **non gli era convenuto** (*F LIII*).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“Ma imperò che altra volta gli era addivenuto simile caso, e ‘l Signore avea sì temperato quello fervore che non gli era convenuto	“Ma imperò che altre volte gli era addivenuto simile caso, e ‘l Signore avea sì temperato quel fervore che non gli era convenuto lasciare la	“Mas visto que já lhe acontecera caso idêntico, e o Senhor lhe atenuara aquêl fervor, que lhe fora necessário deixar a	“Mas porque de outra vez lhe havia acontecido caso semelhante e o Senhor havia de tal modo temperado aquêl

lasciare la messa...” - (p. 90).	Messa...” – (p. 160).	missa...” – (p. 202 e p. 133 respectivamente).	fervor, que não lhe fôra necessário deixar a missa... ” – (p. 107).
---	-----------------------	--	--

A edição **Atena/Ediouro** simplesmente substitui uma negativa por uma afirmativa.

3.4 Dar com esta mão e tirar com a outra...

Apontam-se a seguir casos em que as traduções apresentam omissões ou acréscimos, mais ou menos consideráveis.

• F II

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“Per nessuno modo puote che questo Francesco non abbia grande grazia di Dio.” – (p. 18).	“Per niuno modo può esser che questo Francesco non abbia grande grazia di Dio.” – (p. 07).	“De nenhum modo pode ser que êsse Irmão não tenha grande graça de Deus...” – (p. 15 e p. 20 respectivamente).	“Não posso compreender que êste Francisco não possua grande graça de Deus...” – (p. 10)

Aqui o acréscimo da palavra “Irmão” em **Atena/Ediouro**.

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“E vedendo uno, ch’avea nome messer Salvestro, che santo Francesco dava tanti danari a poveri e facea dare, stretto d’avarizia disse a santo Francesco...” – (p.19).	“Vedendo uno, ch’avea nome messer Salvestro, che santo Francesco dava tanti danari a’ poveri e faceva dare, istretto d’avarizia, disse a santo Francesco...” – (p. 11).	“E vendo uma pessoa, chamada Senhor Silvestre, que S. Francisco dava e fazia dar tanto dinheiro aos pobres, instigado pela avareza, disse a S. Francisco...” – (p. 18 e p. 22 respectivamente).	“Ora, vendo isto, um por nome Silvestre, que S. Francisco dava e mandava dar tanto dinheiro aos pobres, cheio de avareza disse a S. Francisco...” – (p. 12).

Na edição **Vozes**, omite-se a tradução da palavra “messer”.

■ *F IV*

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“Frate Elia non vuole venire a me; ma va’ e di’ a frate Francesco ch’io son venuto per parlare con lui; ma però ch’io non voglio impedire lui della orazione, digli che mandi a me frat’Elia” – (p. 22)	“- Frate Elia non vuole venire a me; ma va’, e di’ a frate Francesco ch’io sono venuto per parlare con lui; ma però ch’io no ‘l voglio impedire dalla orazione, digli che mandi a me frate Elia.” – (p. 18).	“Irmão Elias não quer atender-me: mas vai, e diz a Irmão Francisco que vim para falar-lhe” – (p. 27 e p. 26 respectivamente).	“Respondou o jovem: Frei Elias não quis vir a mim: vai e diz a frei Francisco que vim para falar com êle; mas, por não querer perturbar-lhe a oração, dize-lhe que mande frei Elias entender-se comigo. ” – (p. 16).

O trecho em negrito é omitido na tradução de **Atena/Ediouro**.

■ *F X*

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“... ma chi si gloria, si gloriï nel Signore, a cui è ogni onore e gloria in eterno.” – (p. 31).	“... ma chi si gloria, si gloriï nel Signore a cui è ogni onore e gloria in eterno.” – (p. 31).	“... mas, quem se glorificar, que se glorifique, agora e para o futuro , no Senhor, ao qual cabem todas as honras, e a glória eterna.” – (p. 50 e p. 39 respectivamente).	“...mas quem se gloriar se glorie no Senhor, a quem pertence tôda a honra e glória na eternidade.” – (p. 27).

Acréscimo de trecho em **Atena/Ediouro**.

■ *F XIV*

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“...che tutti furono ratti fuori di se medesimi, e giacevano come morti , non sentendo niente di questo mondo.” – (p.35).	“...che tutti furono ratti fuori di se medesimi, e giacevano come morti , non sentendo niente di questo mondo.” – (p. 48).	“...todos perderam os sentidos, e jazeram como mortos , não sentindo mais nada dêste mundo.” – (p. 62 e p. 47 respectivamente).	“...que todos foram arrebatados de si mesmos, sem sentir nada deste mundo.” – (p. 34).

Omissão do trecho grifado em **Vozes**.

• *FXVII*

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“Vedendo questo fanciullo e udendo , cadde in terra tramortito.” - (p. 40)	“Veggendo questo il fanciullo e udendo , cadde in terra tramortito.” - (p. 58).	“Vendo e ouvindo isto, o rapaz caiu por terra desfalecido.” - (p.74 e p. 53 respectivamente).	“Vendo isto, o menino caiu no chão sem sentidos...” - (p. 40)

O verbo “udendo” é omitido na tradução da editora **Vozes**.

• *F XVII*

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“...trovò il detto fanciullo, col piè, giacere nella via come morto, e per compassione sì lo levò e arrecollosi in braccia e portollo come fa il buono pastore alle sue pecore.” - (p. 40).	“...co’ piedi trovò il detto fanciullo giacere nella via come morto, e per compassione sel levò in braccio e riportollo a letto, come fa il buono pastore la sua pecora.” - (p. 58).	“...encontrou o dito rapaz que jazia como morto; e por compaixão o ergueu, e o recolheu nos braços, como faz o bom pastor às suas ovelhas.” - (p. 74 e p. 53 respectivamente).	“...tropeçou no corpo do menino que jazia na estrada como morto, e por compaixão carregou-o nos braços e colocou-o no leito como faz o bom pastor com a sua ovelha.” - (p. 40).

Omissão em **Atena/Ediouro**.

• *F XX*

Trecho	Newton	Atena/Ediouro	Garzanti
Os trechos a e b do original converteram-se em apenas duas linhas!	(a): “...qualunque ora egli passava dinanzi all’altare del convento nel quale si conservava il corpo di Cristo, d’inginocchiarsi con gran riverenza e trarsi il cappuccio e colle braccia cancellate inchinarsi.” - (p. 44). (b): “Addivenne che la notte, nella quale si dovea partire e uscire dell’Ordine, convenne	“...êle passava algumas horas diante do altar do convento; e passando, segundo o uso, ajoelhou-se e fez reverência.” - (p. 85 e p.61 respectivamente).	(a)“...qualunque ora e’ passava dinanzi all’altare del convento nel quale si conservava il Corpo di Cristo, d’inginocchiarsi con grande riverenza e trarsi il cappuccio e colle braccia cancellate inchinarsi.” - (p. 67). (b) “Avvenne che quella notte, nella quale egli si dovea partire e uscire dell’Ordine,

	ch'e' passasse dinnanzi all'altare del convento; e passandovi secondo l'usanza s'inginocchiò e fece riverenza." - (p. 44).		convenne ch'e' passasse dinanzi all'altare del convento; e passandovi, secondo l'usanza s'inginocchiò e fece riverenza." - (p. 67).
--	---	--	---

Atena/Ediouro resumem em 2 linhas trecho original de 6 linhas (Newton) e 7 linhas (Garzanti).

• *F XXI*

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
"... in tanto che tutti i cittadini stavano in gran paura, però che spesse volte s'apressava alla città..." - (p. 45).	"... in tanto che tutti i cittadini stavano in gran paura, però che spesse volte s'apressava alla città." - (p. 69).	"...porquanto freqüentemente se aproximava da cidade..." - (p. 89 e p. 63 respectivamente).	"...de modo que todos os citadinos estavam tomados de grande mêdo, porque freqüentes vêzes êle se aproximava da cidade..." - (p. 47).

Omissão em **Atena/Ediouro**.

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
"Vieni qui, frate lupo , io ti comando dalla parte di Cristo..." - (p. 45).	"Vieni qua, frate lupo ; io ti comando dalla parte di Cristo..." - (p. 70).	"Vem aqui, lôbo; eu te ordeno da parte de Cristo..." - (p. 90 e p. 63 respectivamente).	"Vem cá, irmão lôbo, ordeno-te da parte de Cristo..." - (p. 48).

Omissão da tradução da palavra "frate" em **Atena/Ediouro**. Esta omissão é considerada grave, já que é justamente quando São Francisco chama o lobo de 'irmão', característica muito forte da figura de Francisco – colocar a natureza, os animais como criaturas de Deus, assim como os seres humanos.

• *F XXII*

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
"Un giovane aveva preso un di molte tortole, e portavale a	"Uno giovane avea prese un di molte tortore, e portavale a	"Um jovem apanhara um dia muitas rôlas: e levando para vender os	"Um jovem havia apanhado um dia muitas rolas e levava-as

<p>vendere. Iscontrandosi in lui santo Francesco, il quale sempre avea singulare pietà agli animali mansueti, riguardando quelle tortole con l'occhio pietoso, disse al giovane...” - (p. 47).</p>	<p>vendere. Iscontrandosi in lui santo Francesco, il quale sempre avea singulare pietà agli animali mansueti, riguardando quelle tortore con l'occhio pietoso, sì disse a que giovane...” - (p. 73).</p>	<p>mansos bichinhos, S. Francisco, olhando aquelas rolas com olhos piedosos, disse ao jovem”- (p. 93 e p. 66 respectivamente).</p>	<p>a vender. Encontrando-o S. Francisco, o qual sempre sentia singular piedade pelos animais mansos, olhando com os olhos piedosos aquelas rolas, disse ao jovem...” - (p. 50).</p>
--	--	--	---

Atena/Ediouro novamente resume trecho.

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
<p>“Ed ellènò, usando-si, cominciarono a fare uova e figliare dinanzi alli frati, e così domesticamente si stavano e usavano con santo Francesco e con gli altri frati, come se fussono state galline sempre nutricate da loro.” - (p. 47).</p>	<p>“Ed elleno usando-si, cominciarono a fare uova e figliare innanzi a’ frati; e così domesticamente si stavano e usavano con santo Francesco e con gli altri frati, come s’elle fussino state galline sempre nutricate da loro.” - (p. 74).</p>	<p>“...e elas, aninhando-se, começaram a botar ôvo, e a ter filhotes diante dos Irmãos: “e tão domesticamente viviam em relações com S. Francisco e com os outros Irmãos”, como se fôssem galinhas, sempre alimentadas por êles...” - (p. 93 e p. 66 respectivamente).</p>	<p>“E elas, usando-os, começaram a pôr ovos e criar os filhos diante dos frades: e assim domesticamente viviam e tratavam com S. Francisco e com os outros frades, como se fôssem galinhas sempre criadas por êles.” - (p. 50).</p>

Aspas em **Atena/Ediouro** inexistentes no original.

- *FXXV*

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
<p>“Riconoscimi tu? Qual se’ tu?, disse santo Francesco.” - (p. 51).</p>	<p>“Riconoscimi tu? Qual se’ tu?, disse santo Francesco.” - (p. 82).</p>	<p>“Reconheces-me?” - (p. 104 e p. 72 respectivamente).</p>	<p>“Reconheces-me? Quem és? disse S. Francisco.” - (p. 56).</p>

Omissão em **Atena/Ediouro**.

- *F XLI*

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
<p>“Allora frate Simone, secondo ch’egli avea usato di fare, li fece sedere allato a sé; e</p>	<p>“Allora frate Simone, secondo che avea usato di fare, il fece sedere allato a sé; e</p>	<p>“Então Irmão Simão, segundo o que costumava fazer, o fez sentar-se ao seu lado; e</p>	<p>“Então frei Simão, como costumava, o fez sentar-se ao seu lado e falando-lhe de Deus, o</p>

parlandogli di Dio, il giovane inchinò il capo in grembo a frate Simone per malinconia e per tristizia . Allora frate Simone, per grande compassione che gli aveva, levò gli occhi in cielo e pregando Iddio divotissimamente per lui, fu ratto e esaudito da Dio...” - (p. 72).	parlandogli di Dio, il giovane inchinò il capo in grembo a frate Simone per malinconia e per tristizia . Allora frate Simone per grande compassione che gli aveva, levò gli occhi in cielo e, pregando Iddio divotissimamente per lui, fu ratto ed esaudito da Dio.” - (p. 124).	falando-lhe de Deus, o jovem inclinou a cabeça no regaço de Irmão Simão, que, pela grande compaixão que tinha, ergueu os olhos ao céu e fez uma oração, pedindo a Deus devotissimamente por êle, e foi arrebatado e atendido por Deus...” - (p. 159 e p. 105 respectivamente).	jovem encostou a cabeça no peito de frei Simão por melancolia e tristeza . Então frei Simão, pela grande compaixão que dele tinha, levantou os olhos ao céu e rogando a Deus devotissimamente por ele, foi arrebatado e ouvido por Deus...” - (p. 85).
--	---	--	---

Omissão em **Atena/Ediouro**.

• *F XLVI*

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“...imperò che, benedetto sia Iddio, e’ non mi ha tratto, come voi credete, amore carnale...” - (p. 80).	“...imperò che, benedetto sia Iddio che lo sa, che non m’ha tratto, come credete, amore carnale...” - (p. 139).	“...porquanto, bendito seja Deus, êle não teve por mim , como pensais, nenhum amor carnal...” - (p. 178 e p. 117 respectivamente).	“...porque, bendito seja Deus, não se trata, como credes, de amor carnal...” - (p. 95).

Omissão em **Vozes**.

Nos originais e na tradução **Atena/Ediouro** temos a marca de 1ª pessoa – “mi” / “mim” – que desaparece em **Vozes**.

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“...orando io in luogo deserto e remoto da lui ...” - (p. 80).	“...orando io in luogo deserto e remoto da lui ...” - (p. 139).	“...quando eu orava em um lugar deserto e distante do lugar em que ele se encontrava ...” - (p. 178 e p. 117 respectivamente).	“...orando eu em um lugar deserto e afastado...” - (p. 95).

Omissão em **Vozes**.

Nos originais e na tradução de **Atena/Ediouro** fica claro que *frate* Pacífico está longe, afastado “dele”, de *frate* Humilde. Em **Vozes**, o *frate* está apenas afastado.

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“...il quale fa così maravigliose cose a’ santi suoi frati.” – (p. 80).	“...il quale fa così maravigliose cose a’ santi suoi.” – (p. 139).	“... “o qual faz tão maravilhosas coisas aos seus Santos Irmãos.” – (p. 178 e p. 118 respectivamente).	“...o qual faz assim coisas maravilhosas aos santos frades seus.” – (p. 95).

Acréscimo em **Atena/Ediouro**. As aspas não existem no original.

• *F XLVIII*

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“...e davagli uno calice pieno di spirito di vita e mandavalo dicendo: ‘Va’ e visita li frati tuoi, e da’ loro bere di questo calice dello spirito della vita , imperò che lo ispirito di Satana si leverà contro a loro e percoteragli, e molti di loro cadranno e non si rileveranno.” – (p. 82).	“...e davagli uno calice pieno di spirito di vita, e mandavalo dicendo: ‘Va’, e visita i frati tuoi, e da’ loro bere di questo calice dello spirito della vita ; imperò che lo spirito di Satanasso si leverà contro di loro e percoteragli; e molti di loro caderanno, e non si leveranno.” – (p. 145).	“...e lhe dava um cálice do espírito de vida; porquanto o espírito de Satanás se erguerá contra êles, os perseguirá, e muitos deles cairão e não se levantarão.” – (p. 185 e p. 122 respectivamente).	“... e dava-lhe um cálice cheio de espírito de vida, e ordenava-lhe, dizendo: Vai e visita teus frades e dá-lhes de beber dêste cálice do espírito de vida , porque o espírito de Satanás se levantará contra eles e os combaterá e muitos dêles cairão e não se levantarão.” – (p. 98).

Omissão de trecho em **Atena/Ediouro**.

• *F XLVIII*

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Durval de Moraes
“E dopo lui seguentemente santo Francesco il porgeva a tutti gli altri, e pochi ve n’erano di questi che con debita reverenza e divozione il prendessino e bevessino tutto.” – (p. 82-83).	“E dopo lui seguentemente santo Francesco il porgeva a tutti gli altri: e pochi v’erano di quelli che con debita reverenza e divozione il prendevano e beveano tutto.” – (p. 145).	“E depois, S. Francisco o oferecia a todos os outros; e houve poucos que não o tomassem, e bebessem todo com o devido respeito e devoção .” – (p. 185 e p. 122 respectivamente).	“E depois dele sucessivamente S. Francisco apresentou-o a todos os outros: e poucos eram os que o bebiam todo.” – (p. 98).

Omissão em **Vozes**.

• *F XLVIII*

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“E detto questo, si partì quella anima. Allora frate Currado, per dare allegrezza e conforto alli frati, loro recitò per ordine tutta questa visione. A laude di Gesù Cristo e del poverello Francesco. Amen.” - (p. 76)	“E detto questo, si partì quella anima. Allora frate Currado, per dare allegrezza e conforto a’ frati, recitò loro per ordine tutta quella visione. A laude di Cristo benedetto. Amen.” – (p. 131).	“...e dito isto, a alma se retirou. Então Irmão Conrado, para dar alegria e conforto aos Irmãos, contou-lhes direito tôda esta visão. E assim foi para o paraíso a alma daquele menino, pelos méritos de Frei Conrado. ” – (p. 167 e p. 110 respectivamente).	“E dito isto partiu aquela alma. Então frei Conrado, para dar alegria e conforto aos frades, lhes contou por ordem tôda aquela visão. Em louvor de Cristo bendito. Amém.” – (p. 89).

Acréscimo em **Atena/Ediouro**

Newton	Garzanti	Adelino Capistrano	Durval de Moraes
“E allora venne santo Francesco a porgere il calice della vita alli suoi frati, e cominciò a porgerlo a frate Giovanni, il quale prendendolo il bevette tutto quanto in fretta...” - (p. 82).	“E allora venne santo Francesco a porgere il calice della vita a’ suoi; e cominciò a porgerlo a frate Giovanni, il quale prendendolo il bevè tutto quanto in fretta...” – (p. 145).	“E então S. Francisco veio oferecer o cálice da vida aos seus Irmãos: e começou por oferecê-lo a Irmão João de Parma ; o qual, tomando-o, o bebeu todo, apressada e devotamente...” – (p. 185 e p. 122 respectivamente).	“E então veio S. Francisco apresentar o cálice da vida aos seus frades, e começou a apresentá-lo a frei João de Parma , o qual tomando-o bebeu-o todo depressa...” – (p. 98).

Acréscimo em **Atena/Ediouro** e **Vozes**. Possível variante de fonte consultada.

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“E frate Bonaventura, il quale avea parte preso del calice e parte n’avea versato...” - (p. 83).	“E frate Bonaventura, il quale avea parte preso del calice e parte n’avea versato...” – (p. 146).	“...e um Irmão, o qual em parte bebera do cálice, e em parte o derramara...” – (p. 186 e p. 122 respectivamente).	“E frei Bonaventura, o qual havia bebido parte do cálice e parte derramado...” – (p. 98).

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“Va’ con questa pietra e taglia l’unghie di frate Bonaventura ” - (p. 83).	“Va’ con questa pietra e taglia l’unghie di frate Bonaventura ” - (p. 146).	“Vai com esta pedra, e corta as unhas daquele Irmão... ” - (p. 186 e p. 123 respectivamente).	“Vai com esta pedra e corta as unhas de frei Bonaventura... ” - (p. 99).

Omissão em **Atena/Ediouro** por duas vezes.

Os originais e a tradução dada por **Vozes** especificam o nome de quem bebe o cálice e do qual as unhas devem ser cortadas. A tradução de **Atena/Ediouro** não o faz por duas vezes.

Tal omissão repetida é extremamente grave, pois a figura de São Bonaventura na polêmica sobre a pobreza dentro da Ordem Franciscana é de extrema importância. Boaventura era acusado, pelos *spirituali*, de excessiva tolerância com a comunidade propensa a mitigações da pobreza.

• *F XLIX*

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“Ma imperò che Iddio ha singolare cura de’ suoi figliuoli, dando loro, secondo i diversi tempi, ora consolazione, ora tribolazione, ora prosperità, ora avversità, siccome e’ vede ch’abbisogna loro a mantenersi in umiltà, ovvero per accendere più il loro desiderio alle cose celestiali... ” - (p. 84).	“Ma imperò che Iddio ha singolar cura de’ suoi figliuoli, dando loro, secondo diversi tempi, ora consolazione, ora tribolazione, ora prosperità, ora avversità, sì come e’ vede ch’è bisogno loro per mantenergli in umiltà, ovvero per accendere più il loro desiderio alle cose celestiali... ” - (p. 149).	“Mas como Deus cuida singularmente dos seus filhos, dando-lhes, segundo os vários tempos, ora consolação, ora tribulações, ora os obriga a se manterem em humildade para mais acender o seu desejo das coisas celestiais... ” - (p. 188 e p. 125 respectivamente).	“Mas porque Deus tem singular cuidado com seus filhos, dando-lhes, conforme a diferença dos tempos, ora consolação, ora tribulação, ora prosperidade, ora adversidade, como vê que as precisam para se manterem na humildade, ou para lhes acender o desejo das coisas celestiais... ” - (p. 100).

Resumo de trecho em **Atena/Ediouro**.

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“...alcuna volta agli ardori de’ Serafini...” - (p. 84).	“...alcuna volta agli ardori de’ serafini...” - (p. 149).	“... “algumas vezes ao ardor dos Serafins”...” - (p. 188 e p. 124 respectivamente).	“... de outras vezes a ardores de serafins...” - (p. 100).

A tradução de **Atena/Ediouro** acrescenta aspas inexistentes nos originais.

Newton “Gesù gli stese e porse...” - (p. 86).	Garzanti “Gesù gli distese e porse...” – (p. 152).	Adelino Capistrano “Jesus Cristo lhe estendeu e ofereceu...” – (p. 191 e p. 126 respectivamente).	Durval de Moraes “Jesus Cristo lhe estendeu e deu-lhe...” - (p. 102).
---	--	--	--

Acréscimo em **Vozes** e em **Atena/Ediouro**. Possível variante da fonte consultada.

Newton “...dichiarava le sottilissime questioni ed alte della Trinità...” - (p. 86).	Garzanti “...dichiarava le quistioni sottilissime e alte della Trinità...” – (p. 153).	Atena/Ediouro “...elucidava as sutílissimas questões e dúvidas sobre a Trindade...” – (p. 192 e p. 127 respectivamente).	Vozes “...resolvia e explicava as subtilíssimas questões da trindade divina...” – (p. 103).
---	---	---	---

Em **Atena/Ediouro** temos o acréscimo da palavra “dúvidas” e, nas três edições consultadas, a omissão do adjetivo *alte*.

Newton “E durogli questa cotale tribolazione per molti dì, nelli quali egli perseverò in continuo piagnere e in sospirare e in pregare Iddio che gli rendesse per la sua pietà il diletto isposo dell’anima sua.” - (p. 85).	Garzanti “E durogli questa cotal tribolazione per molti dì; ne’ quali egli perseverò in continuo piangere e sospirare, e in pregare Iddio che gli rendesse per sua pietà il diletto Sposo dell’anima sua.” – (p. 150).	Atena/Ediouro “E prolongou-se esta tribulação por muitos dias; na qual ele perseverou, chorando continuamente, pela sua piedade, o dileto esposo da sua alma.” – (p. 189 e p. 125 respectivamente).	Vozes “E durou-lhe esta atribulação por muitos dias, durante os quais perseverou em confínuo chorar e suspirar, pedindo a Deus que lhe restituísse por sua piedade o dileto espôso de sua alma.” – (p. 101).
--	--	---	--

Resumo de trecho em **Atena/Ediouro**.

• *F LIII*

Newton “...addivenne una volta questo mirabile caso, che la prima notte dopo l’ottava di santo Lorenzo e infra l’ ottava dell’Assunzione della	Garzanti “...addivenne una volta questo mirabile caso: che la prima notte dopo l’ottava di santo Lorenzo e infra l’ ottava della Assunzione della	Atena/Ediouro “...aconteceu uma vez êste admirável caso: que a primeira noite após a oitava de S. Lourenço, e entre a oitava da Assunção de	Vozes “...sucedeu uma vez êste caso admirável, que na primeira noite depois da oitava de S. Lourenço e dentro da Assunção de Nossa
---	--	--	--

Donna...” - (p. 89).	Donna...” – (pp. 158-159).	nossa Senhora...” - (p. 201 e p. 132 respectivamente).	Senhora...” - (p. 106).
----------------------	----------------------------	--	-------------------------

Omissão em **Vozes**.

• *F LIII*

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
“Ed essendo in contemplazione della parola della consacrazione del corpo di Cristo, cioè: <i>Hoc est corpus meum</i> , e considerando la infinita carità di Cristo, per la quale egli ci volle non solamente comperare col suo sangue prezioso, ma eziandio lasciarci per cibo delle anime il suo corpo e sangue degnissimo...” - (p. 89).	“E stando in contemplazione delle parole della consecrazione del Corpo di Cristo, cioè: <i>Hoc est corpus meum</i> ; e considerando la infinita carità di Cristo, per la quale ci volle non solamente ricomperare col suo sangue prezioso, ma eziandio lasciarci per cibo dell’anime nostre il suo corpo e sangue degnissimo...” - (p. 159).	“...e estando em contemplação da palavra da consagração do corpo de Cristo, isto é, considerando a infinita caridade de Cristo, pela qual ele nos quis redimir, não somente com o seu sangue precioso, mas também deixando o seu corpo, e sangue digníssimo, como alimento da alma...” - (p. 201 e p. 132 respectivamente).	“Estando na contemplação das palavras da consagração do corpo de Cristo e considerando a infinita caridade de Cristo pela qual quis não somente resgatar-nos com seu sangue precioso, mais ainda deixar-nos por cibo da nossa alma seu corpo e sangue digníssimo...” - (p. 107).

Omissão em ambas as traduções brasileiras de trecho em latim.

• *FLIII*

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
« ...ne fu portato in sagrestia come morto, imperò che il corpo suo era raffreddato come corpo morto ...” - (p. 90).	“...egli ne fu portato in sagrestia come morto, imperò che ‘l corpo suo era raffreddato come corpo d’uomo morto ...” – (p. 161).	“...êle foi transportado à sacristia como morto, pois o seu corpo se esfriara...” - (p. 203 e p.133 respectivamente).	“...êle foi levado para a sacristia como morto, porque seu corpo estava frio como o corpo de um morto ...” - (p. 108).

Em **Atena/Ediouro** temos a omissão da comparação “raffreddato come corpo morto”.

Newton	Garzanti	Atena/Ediouro	Vozes
<p>“...anco gli era da Dio istato revelato che in quel caso gli avea a divenire intorno alla detta festa dell'Assunzione; ma poi non se ne ricordava della detta rivelazione.” - (p. 91).</p>	<p>“...anche gli era stato revelato da Dio che quello caso gli dovea addivenire intorno alla detta festa della Assunzione; ma poi non se ne ricordava della detta rivelazione.” – (p. 162).</p>	<p>“...ainda lhe fôra revelado por Deus que aquêlê caso lhe devia acontecer por ocasião da dita festa da Assunção; mas depois não se recordava da dita visão, ou revelação que lhe fizera nosso Senhor.” – (p. 204 e p. 134 respectivamente).</p>	<p>“...ainda lhe fora por Deus revelado que aquele caso lhe devia advir por volta da dita festa da Assunção; mas depois não se recordou da dita revelação.” – (p. 108).</p>

Acréscimo em **Atena/Ediouro**.

Considerações Finais

Como vimos, a obra *I Fioretti di San Francesco* é representada no Brasil através de traduções feitas já há algum tempo. Edições esgotadas. Quem lê *I Fioretti* em português brasileiro os buscou/encontrou em uma biblioteca ou sebo.

Tendo então o “corpus” restrito às duas traduções já citadas – no cotejo com o original proposto por mim como análise – redigi algumas constatações a respeito das “leituras” dadas pelos tradutores.

Retomo aqui o conceito de tradução por mim adotado desde o início: a tradução como um ato lingüístico metonímico.

Como já dito no Capítulo 1, todo ato lingüístico pode ser considerado metonímico, já que a língua comporta a ‘transformação’ de vivências particulares de mundo em algo convencionalizado e comum a um grupo. Nesta ‘transformação’ apenas parte da vivência particular é transmitida.

Há diversos graus de ‘transformação’: do mais ‘leve’ (duas pessoas que falam a mesma língua, vivem na mesma casa e falam ‘janela’) ao mais ‘drástico’ (pessoas que falam línguas diferentes, vivem em continentes diferentes e falam sobre um poema).

Procurei lidar aqui com os graus mais ‘drásticos’ – tradução interlingüística (ainda que entre duas línguas latinas) de uma obra literária.

Assim acontece com *IF* quando dois tradutores diferentes se propõem a reescrever a obra em português. Uma obra italiana transformou-se em duas traduções brasileiras que, apesar de essencialmente semelhantes, trazem soluções bem diversas que pressupõem e produzem leituras diferentes da mesma obra.

Podemos notar parte da diversidade de tais soluções através das escolhas lexicais adotadas pelos tradutores dos mesmos vocábulos italianos. Vale concluir alguns exemplos já comentados.

Morais traz “frei” e Capistrano “irmão”. Ambas as escolhas tradutórias se referem ao vocábulo “frate” como já vimos (cf. pp. 40-41). O primeiro leu e fez ler – considerando o tradutor um leitor da obra que traduz – o original de maneira mais clericalizada, dentro de um contexto mais formal: **uma** leitura possível de *IF*, mas que pareceu tornar-se única quando levamos em consideração a introdução que precede as escolhas do tradutor (cf. Capítulo 2 – 2.2). Não foi esta a única escolha clerical de Moraes – cito outras: “sórór” (p. 42); “monsior”

(pp. 43-44); “em verdade” (pp. 56-57); “meu venerando padre” (p. 73); a tradução de “luogo” por “convento” (pp. 92-93).

Capistrano traz uma leitura, em geral, menos clericalizada em suas opções para os vocábulos italianos “frate”, “suora”, “messer”, “padre” – “irmão”, “irmã” (exceto no *F XXXIII* em que traz como solução “sórór” assim como Durval de Moraes), “senhor”, “pai” (cf. pp. 40-41; 42; 43-44 e 73 respectivamente).

Quando nos deparamos com esta “clericalização”, é interessante lembrar a questão franciscana entre *conventuali* e *spirituali*; e reafirmar que, para os estudiosos *IF* é tomado como um texto de origem *spirituale* (cf. Capítulo 1 – 1.3). Sublinho ainda o fato de Durval de Moraes ser franciscano observante, ou seja, moderado em relação aos antigos *spirituali*. A Editora Vozes é também propriedade dos franciscanos observantes.

Seguindo a análise constata-se a maior formalidade da tradução Vozes. O tradutor opta – várias vezes – por vocábulos que exigem do leitor um bom conhecimento do português e de sua origem latina. Trago como exemplos: “cibo” (pp. 42-43); “côdeas” (pp. 45-46); “enleio” (pp. 65-66); “cidadino” (p. 66); “assaz” (p. 76); “mundícia” (p. 78); “letícia” (p. 79).

As editoras Atena e Ediouro trazem uma tradução que opta, neste sentido, por léxico mais simples, acessível ao leitor menos culto. Exemplos: “alimento” (pp. 42-43); “bocado” (pp. 45-46); “doçura” (pp. 65-66); “cidadão” (p. 66); “bastante” (p. 76); “limpeza” (p. 78); “alegria” (p. 79).

É importante mencionar que os termos que deram origem a traduções tão díspares em relação ao rebuscamento, são vocábulos de acesso fácil ao leitor de língua italiana: “cibo”, “bocconi”; “dolcezza”; “cittadino”; “assai”; “mondizia”; “letizia”.

A relativa simplicidade de Capistrano, muitas vezes, chega a contradizer a introdução dada por Giulio David Leoni (cf. Capítulo 2) à sua tradução. “O sabor das coisas antigas” muitas vezes é comprometido por esta modernização lingüística do texto. Cito aqui: “condutor” (p. 51); “instrumento de penitência” (pp. 77-78); a questão do verbo italiano “piacesse” (cf. pp. 80-81); a questão das horas canônicas (cf. pp. 28 e 51).

O que parece ainda mais estranho é que a tradução dada pelas editoras Atena e Ediouro traz, eventualmente, opções tradutórias bem arcaizantes dentro desta tradução simples. É o caso de “nojo” como tradução de “noia” (p. 64).

Outro ponto importante que demonstra leituras de caráter diferente dá-se pela tradução dos diminutivos – estes de extrema importância dentro do contexto da obra *IF* como já foi anteriormente mencionado.

Nem todos os diminutivos são preservados em ambas as traduções. Cito aqui um exemplo delicado: “sirocchie” (p. 49). Porém, quanto a esta questão, Morais demonstra maior cuidado na tradução (cf. diminutivos, pp. 32- 40); ainda que não totalmente atento (cf. pp. 52- 53 – “celluzza”). Capistrano demonstra menor cuidado quanto aos diminutivos (cf. páginas citadas neste mesmo parágrafo) e, por vezes, não apenas não os traduz, mas chega a transformar um deles em aumentativo pejorativo (vide “vil pobretão”, p. 35).

Tal falta de atenção por parte de Capistrano diz bastante sobre a leitura apresentada em sua tradução – não houve um cuidado especial com a forma. Não só com a questão dos diminutivos, mas também através da não preservação da saudação final (cf. Capítulo 3 – 3.1). Sem este cuidado com a forma, há uma perda significativa para a leitura literária da obra.

Durval de Morais também faz perder bastante desta leitura literária (cf. “sirocchie mie ucelli”, p. 49; “celluzza”, pp. 52-53; “stropicció”, pp. 58-59; “usare/figliare”, p. 68; “caco”, p. 72). Mas, por estar mais atento aos diminutivos, a alguns vocábulos bem específicos (cf. “gonfaloniere”, p. 51; “tetti”, pp. 57-58) e à preservação da saudação final (cf. Capítulo 3 – 3.1), parece estar mais atento à forma da obra e, por consequência, à leitura literária da mesma. Não esqueçamos que Morais é poeta.

Dentro do ponto “Dar com esta mão e tirar com a outra...” (cf. p. 99), há algumas questões a serem consideradas. Constatamos uma insistência da tradução Atena/Ediouro em omitir e resumir trechos. Por duas vezes tal insistência ocasiona problema: a omissão da palavra “frate” em referência ao lobo de Gúbio (p. 101); a omissão do nome de Bonaventura (pp. 106-107).

Assim, temos uma tradução que, apesar de mais rebuscada e clericalizada, está mais atenta ao original como obra de valor literário; e uma que, apesar de menos atenta ao caráter literário da obra, é mais simples, mais acessível a todos em sua leitura.

Enfim, nenhuma das duas parece satisfatória; espero que este trabalho aponte questões importantes dentro das traduções brasileiras e traga subsídios para uma leitura, e talvez futura tradução de *IF* no Brasil.

Referências Bibliográficas

- ***Edições e traduções de I Fioretti:***

I Fioretti di San Francesco. Garzanti: Milano, 2003.

I Fioretti di San Francesco. Tascabili Newton: Milano, 1993.

I Fioretti de São Francisco. Trad. Adelino Capistrano. Rio de Janeiro: Athena Editora, 1937.

I Fioretti de São Francisco. Trad. Adelino Capistrano. São Paulo: Atena Editora, sem data.

I Fioretti de São Francisco. Trad. Adelino Capistrano. Rio de Janeiro: Ediouro, sem data.

I Fioretti de São Francisco. Trad. Durval de Moraes. Petrópolis: Vozes, 1964. 4ª edição.

I Fioretti de São Francisco. Trad. Durval de Moraes. Petrópolis: Vozes, 1973. 5ª edição.

- ***Estudos sobre I Fioretti e cultura italiana medieval:***

BALDASSARI, G. Letteratura devota, edificante e morale. IN: MALATO, Enrico (ed). **Storia della Letteratura Italiana.** Roma: Salerno, 2001. Volume II – *Il Trecento*. Capítulo V.

CARDINI, F. **Francesco d'Assisi.** Milano: Mondadori, 1994.

FLORA, F. *Arte religiosa.* IN: **Storia della Letteratura Italiana**, I, Dal Medioevo alla fine del Quattrocento. Verona, 1946: p. 339. Extraído da Introdução de Pier Massimo Forni para *I Fioretti di San Francesco*. Milano: Garzanti, 2003.

FORNI, P M. Introduzione a *I Fioretti di San Francesco*. IN: **I Fioretti di San Francesco.** Milano: Garzanti, 2003.

GHIRARDI, P. G. **São Francisco de Assis e o ‘Cântico das Criaturas’**. Videtur (USP), 2002. Volume 5, pp. 15-20.

GUALDO, R.; PALERMO, M. *La prosa del Trecento*. IN: MALATO, Enrico (ed). **Storia della Letteratura Italiana**. . Roma: Salerno, 2001. Volume X – *La tradizione dei testi*, Capítulo VIII.

PETROCCHI, G. *Dagli ‘Actus Beati Francisci’ al volgarizzamento dei Fioretti*. IN: **Ascesi e Mistica trecentesca**. Firenze: Felice Le Monnier, 1957.

SALINARI, C; RICCI, C. **Storia della Letteratura Italiana: con Antologia degli Scrittori e dei Critici**. Roma: Laterza, sem data. Volume 1 – *Dalle origini al Quattrocento*.

SALVATORELLI, L. **Sommario della Storia d’Italia – dai tempi preistorici ai nostri giorni**. 2ª edição. Torino: Giulio Einaudi Editore, 1982.

Storia d’Italia. Torino: Giulio Einaudi Editore, 1974. Vol. II: “Dalla caduta dell’Impero romano al secolo XVIII”.

TUSCANO, P. *Rassegna di testi e studi francescani (1965-1975)*. IN: **Lettere Italiane** (diretta da Vittore Branca e Giovanni Getto). Firenze: Leo S. Olschki Editore. Rivista Trimestrale – ano XXVIII – nº 3 – Julho-Setembro, 1976.

● **Estudos sobre tradução:**

AUBERT, F. H. **As (in)fidelidades da tradução: servidões e autonomia do tradutor**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

BADER, Wolfgang (Org). **Brecht no Brasil – Experiências e Influências**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.

BARBOSA, Onédia Célia de Carvalho. **Byron no Brasil: traduções**. São Paulo: Ática, 1974.

BASNETT, S. **Translation Studies**. London: Routledge, 2002.

BORGES, J. L. *Las dos maneras de traducir*. IN: **Textos Recobrados 1919-1929**. Buenos Aires: Emecé, 1997.

EAGLETON, Terry. A política da amnésia. IN: **Depois da Teoria – Um olhar sobre os estudos culturais e o pós-modernismo**. Trad: Maria Lúcia Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

ECO, U. **Dire quase la stessa cosa**. Milano: Bompiani, 2003.

FARIA, Gentil Luiz de. **A Recepção e a Influência de Oscar Wilde na “Belle Époque” Literária Brasileira: Contribuição aos Estudos de Literatura Comparada no Brasil**. Tese de Doutorado: FFLCH-USP, São Paulo, 1979.

FOUCAULT, Michel. What’s an author?. IN: HARARI, Josué (org). **Textual Strategies – perspectives in post-structuralist criticism**. England: Methuen, 1979.

GENETTE, G. **Paratexts – Thresholds of Interpretation**. Trad. Jane E. Lewin. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

MILTON, J. **Tradução: Teoria e Prática**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

STEINER, G. **After Babel – Aspects of language & translation**. Oxford, New York: Oxford University Press, 1992.

TYMOCZKO, M. *The Metonymics of Translation*. IN : **Translation in a Postcolonial Context – Early Irish Literature in English Translation**. Manchester: St. Jerome Publishing, 1999. p. 42.

VENUTI, L. *Direitos Autorais*. IN: **Escândalos da Tradução – por uma ética da diferença**. Trad. Laureano Pelegrin et al. Bauru: EDUSC, 2002.

■ **Obras diversas:**

Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, sem data.

Dicionário de Latim-Português. Porto: Porto Editora, 2001. 2ª edição.

ECO, U. **Lector in fabula: a cooperação interpretativa nos textos narrativos**. São Paulo: Perspectiva, 1986.

Enciclopedia Cattolica. Firenze: Casa Editrice G.C. Sansoni, 1953. Vol. V.

Enciclopedia Italiana di Scienze, Lettere ed Arti. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, 1949. vol. XV.

Lo Zingarelli 2005: Vocabolario della Lingua Italiana. Bologna: Zanichelli, 2005.

NITRINI, S. **Literatura Comparada: história, teoria e crítica**. 2ª edição, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.